

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

FRANCISCO DIONATHAN CORREA DA SILVA

**CINEMA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA-PEDAGÓGICA NO ENSINO
RELIGIOSO:**

**De que maneira os filmes vinculados à cultura de massa podem ser usados
como uma ferramenta capaz de abordar fé e religião?**

**Porto Alegre
2024**

FRANCISCO DIONATHAN CORREA DA SILVA

**CINEMA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA-PEDAGÓGICA NO ENSINO RELIGIOSO:
De que maneira os filmes vinculados à cultura de massa podem ser usados como
uma ferramenta capaz de abordar fé e religião?**

Projeto Aplicado apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Publicidade e Propaganda, pelo curso de Publicidade e Propaganda da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador: Prof. Dr. Josmar de Oliveira Reyes

Porto Alegre

2024

FRANCISCO DIONATHAN CORREA DA SILVA

**CINEMA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA-PEDAGÓGICA NO ENSINO RELIGIOSO:
De que maneira os filmes vinculados à cultura de massa podem ser usados como
uma ferramenta capaz de abordar fé e religião?**

Projeto Aplicado apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Publicidade e Propaganda, pelo curso de Publicidade e Propaganda da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Josmar de Oliveira Reyes, Presidente.

Prof^a. Dra. Fatimarlei Lunardelli, Membro.

Prof. Dr. Gustavo Daudt Fischer

A todas as pessoas que, em algum momento, deixaram de vivenciar o cinema por receio de desagradar a Deus. Que este trabalho sirva como um lembrete de que a arte, quando vista com olhos críticos e coração aberto, pode ser um meio de reflexão, aprendizado e até mesmo um caminho para compreender e expressar a fé.

Que possamos redescobrir o cinema não como um inimigo da espiritualidade, mas como uma ponte que conecta narrativas humanas às verdades eternas.

AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus, que guiou cada passo meu nessa caminhada, permitindo que eu trilhasse o caminho que me levou a realizar este trabalho. Sendo esta uma pesquisa cristã feita por um cristão, é impossível não reconhecer Sua presença e inspiração em cada etapa.

À minha esposa, pelo apoio incondicional, pela paciência durante as longas jornadas de pesquisa, e por compartilhar comigo as sessões de filmes que fundamentaram este trabalho. Sua companhia foi essencial para tornar este processo mais leve e significativo. Aos meus amigos e familiares, que ouviram, por um ano inteiro, incontáveis reflexões sobre cinema e fé. Obrigado por suportarem minhas divagações e por estarem ao meu lado durante esta jornada.

Aos membros da banca, Prof^a. Fatimarlei Lunardelli e Prof. Paulo, pela disposição em avaliar este trabalho e pelas contribuições valiosas para o seu desenvolvimento.

Gostaria de fazer um agradecimento especial à Prof^a. Anaís Schüler Bertoni, minha coordenadora do curso de Publicidade e Propaganda, e aos Profs. Milton do Prado Franco Neto e Vicente Nunes Moreno, coordenadores do curso de Realizações Audiovisuais, que desde o início de 2024, permitiram que eu, aluno de Publicidade, cursasse disciplinas do curso de Realizações Audiovisuais, alinhando meu interesse em cinema ao tema do meu trabalho. Sou profundamente grato pela oportunidade e pela confiança e, além disso, permitiram que o Prof. Dr. Josmar, professor do curso de Realizações Audiovisuais, que, mesmo pertencendo a outro curso, foi generosamente disponibilizado como meu orientador.

Por fim, ao meu orientador, Prof. Dr. Josmar de Oliveira Reyes, que embarcou comigo nessa jornada com dedicação e entusiasmo. Este trabalho só existe como é hoje graças à sua orientação cuidadosa, ao embasamento teórico oferecido e aos questionamentos desafiadores que me fizeram refletir e melhorar a cada etapa. Sua orientação foi essencial para que este trabalho alcançasse sua melhor versão.

RESUMO

Este trabalho explora o potencial do cinema, um dos pilares da cultura de massa, como ferramenta didático-pedagógica no ensino religioso. A pesquisa divide os filmes analisados em três categorias: Filmes Cristãos, como “A Paixão de Cristo” e “Deus Não Está Morto”; Filmes Alegóricos, como “As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” e “Mãe!”; e Filmes Não Deliberadamente Cristãos, como a trilogia “Kung Fu Panda” e “Homem-Aranha: Sem Volta para Casa”. A análise utiliza a semiótica como método principal, examinando os signos e narrativas que abordam valores espirituais e religiosos de maneira emocional e acessível. A fundamentação teórica é embasada em autores como Umberto Eco, Horkheimer e Adorno, que oferecem perspectivas sobre a cultura de massa e seus impactos no discurso pedagógico e religioso. O estudo destaca como o cinema pode servir não apenas como um recurso de evangelização, mas também como uma ponte para promover reflexões profundas sobre fé, moralidade e espiritualidade. Ao conectar elementos visuais, sonoros e narrativos, os filmes analisados demonstram ser capazes de engajar espectadores e estimular debates que ultrapassam o âmbito religioso, alcançando um entendimento mais amplo sobre os valores humanos. Quando utilizado de forma planejada e crítica, o cinema tem o potencial de enriquecer o ensino religioso, promovendo uma abordagem inovadora que combina elementos culturais contemporâneos com o ensino de valores cristãos. Essa integração entre fé, cultura e educação oferece novas possibilidades pedagógicas e reforça a relevância do cinema como um meio de ensino significativo no contexto atual.

PALAVRAS-CHAVE: Didático-Pedagógico, Cultura de Massa, Cinema e Ensino.

TABELA DE IMAGENS

Figura 1 - Jesus (Jim Caviezel) e o Diretor Mel Gibson.	48
Figura 2 - O Professor Radisson (Kevin Sorbo) e Josh (Shane Harper).....	54
Figura 3 - Edmundo (Skandar Keynes), Pedro (William Moseley), Susana (Anna Popplewell), e Lúcia (Georgie Henley) em Nárnia.....	60
Figura 4 - A Feiticeira Branca (Tilda Swinton) e Edmundo (Skandar Keynes).....	62
Figura 5 - Aslan.....	63
Figura 6 - Ele (Javier Bardem) e a Mãe (Jennifer Lawrence) com pessoas ao fundo.....	69
Figura 7 - Po em uma cadeira com fogos de artifício.....	77
Figura 8 - Po treinando com o Mestre Shifu.....	78
Figura 9 - Po aplicando o golpe final em Tai Lung.....	79
Figura 10 - Garça, Tigresa, Po, Louva-a-deus, Macaco e Víbora preparados para luta.....	80
Figura 11 - Tigresa, Víbora, Po, Garça, Louva-a-deus e Macaco presos por Lord Shen.	81
Figura 12 - Po na batalha final, tendo adquirido a paz interior.....	82
Figura 13 - Louva-a-deus, Macaco, Tigresa, Po, Garça, Víbora e Mestre Shifu.....	84
Figura 14 - Pai biológico de Po, Li Shan.....	84
Figura 15 - Po dominando o Chi.....	86
Figura 16 - Homens-aranha de Tobey Maguire, Tom Holland e Andrew Garfield.....	89
Figura 17 - Homem-Aranha de Andrew Garfield emocionado a salvar MJ (Zendaya).....	91

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO.....	5
PALAVRAS-CHAVE: Didático-Pedagógico, Cultura de Massa, Cinema e Ensino.....	6
TABELA DE IMAGENS.....	7
SUMÁRIO.....	8
1. TEMA.....	9
1. 1. Delimitação do Tema.....	9
1. 2. Problema.....	10
1. 3. Objetivos.....	10
1. 3. 1. Objetivo Geral.....	10
1. 3. 2. Objetivos Específicos.....	10
1. 4. Justificativa.....	11
1. 5. Metodologia.....	11
1.5.1. Método de Pesquisa Bibliográfica.....	11
1.5.2. Análise de Conteúdo Cinematográfico.....	12
1. 6. Objeto Empírico.....	13
2. CULTURA DE MASSA COMO PEDAGOGIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE SOB O OLHAR DE UMBERTO ECO.....	14
2. 1. Apocalípticos e Integrados.....	16
2. 2. Comunicação Religiosa através da Bíblia Pauperum e o Cinema.....	22
2. 3. O Superman de Umberto Eco e a Cultura de Massa.....	28
3. CINEMA COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO PEDAGÓGICO.....	35
3.1. Uma Compreensão do Cinema como Instrumento Didático Pedagógico.....	37
3.2. O Ensino Religioso Cristão como Instrumento Didático Pedagógico pelo Cinema....	43
4. FÉ CRISTÃ NO CINEMA: ENTRE EVANGELISMO E ALEGORIA.....	49
4.1. Filmes Cristãos.....	50
4.1.1. “A Paixão de Cristo”.....	52
4.1.2. “Deus Não Está Morto”.....	56
4.2. Filmes Alegoricamente Cristãos (ou Alegórico-Cristão).....	60
4.2.1. “As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”.....	63
4.2.2. “Mãe!”.....	70
4.3. Filmes Não Deliberadamente Cristãos.....	74
4.3.1. Trilogia “Kung Fu Panda”.....	78
4.3.1.1. “Kung Fu Panda”.....	79
4.3.1.2. “Kung Fu Panda 2”.....	83
4.3.1.3. “Kung Fu Panda 3”.....	86
4.3.1.4. Conclusão da Jornada de Po.....	90
4.3.2. “Homem-Aranha: Sem Volta para Casa”.....	91
5. Considerações Finais.....	97
REFERÊNCIAS.....	102

1. TEMA

CINEMA COMO FERRAMENTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NO ENSINO RELIGIOSO

1. 1. Delimitação do Tema.

O cinema pode ser utilizado como uma ferramenta de evangelização? Sem dúvida, o cinema e a cultura de massa emergem como forças culturais e sociais profundamente influentes na sociedade contemporânea. Desde o seu surgimento no início do século XX, o cinema evoluiu para se consolidar como uma poderosa forma de comunicação e expressão artística. Ao integrar elementos visuais, sonoros e narrativos, o cinema não apenas cativa grandes audiências, mas também exerce um papel central na construção de identidades culturais e na propagação de ideias. Paralelamente, a cultura de massa, que abrange diversas mídias como música, televisão, literatura, quadrinhos e videogames, constitui uma linguagem compartilhada globalmente. Ela transcende barreiras geográficas e etárias, influenciando comportamentos, valores e gostos, ao mesmo tempo, em que molda a sociedade de maneiras complexas e profundas. Nesse contexto, tanto o cinema quanto a cultura de massa desempenham papéis cruciais na configuração do discurso cultural e na promoção de debates sobre temas como religião, moralidade e espiritualidade.

Horkheimer e Adorno, em sua obra “A Indústria Cultural: O Iluminismo como Mistificação de Massas”, afirmam que o cinema, especialmente nas produções voltadas para o lucro, como os filmes da Marvel, é parte de uma indústria cultural que visa mais a obtenção de ganhos econômicos do que a promoção de valores críticos e reflexivos. Para os autores, a indústria cultural opera em grande medida para homogeneizar o pensamento, oferecendo produtos massificados que satisfazem o público, sem propor uma reflexão mais profunda. Essa crítica ecoa a perspectiva dos apocalípticos descritos por Umberto Eco em sua obra “Apocalípticos e Integrados”, que denunciam os perigos da massificação cultural e sua capacidade de diluir a autenticidade e originalidade da cultura. No entanto, em contraste, os integrados veem a cultura de massa de forma mais otimista, pois já se encontram integrados a ela, sem se quer a questionar.

A intersecção entre fé religiosa e entretenimento, portanto, oferece uma ampla gama de possibilidades. Quando o cinema se conecta com as massas por meio de narrativas épicas e personagens icônicos, ele se torna um veículo potente para a transmissão de mensagens espirituais. Exemplo disso são filmes como “O Senhor dos Anéis”, com suas temáticas de sacrifício e redenção, ou “Star Wars”, que lida com dilemas éticos e a busca pelo significado da vida. Mesmo o Universo Marvel, apesar de suas produções estarem fortemente ligadas ao lucro, apresenta dilemas morais em torno de seus heróis e vilões, gerando oportunidades de reflexão sobre o bem e o mal.

1. 2. Problema

De que maneira os filmes vinculados à cultura de massa podem ser usados como uma ferramenta capaz de abordar fé e religião?

1. 3. Objetivos

1. 3. 1. Objetivo Geral

Investigar como a cultura de massa, especialmente o cinema, pode servir como um canal eficaz para o diálogo entre fé e cultura contemporânea. O estudo visa não apenas explorar o impacto espiritual do cinema, mas também examinar como ele pode ser usado como ferramenta pedagógica e religiosa. Horkheimer e Adorno fornecem uma base crítica para essa análise, ao passo que a obra de Umberto Eco ajuda a entender as dinâmicas entre os críticos apocalípticos e os defensores integrados da cultura de massa.

1. 3. 2. Objetivos Específicos

Analisar a fé nos filmes em três categorias, Filmes Cristãos, Filmes Alegoricamente Cristãos e Filmes Não Deliberadamente Cristãos, mostrando ser possível ver a fé nos mais diferentes tipos e estilos de filme.

- a) Analisar a obra “Apocalípticos e Integrados” de Umberto Eco à luz de Horkheimer e Adorno;
- b) Analisar trabalhos que abordem o cinema como ferramenta didático pedagógica;
- c) Descobrir uma forma de trazer um entendimento maior e mais simples da fé e religião as pessoas falando dos filmes que elas mais gostam;
- d) Analisar filmes com uma visão religiosa.

1. 4. Justificativa

Pessoalmente, minha relação com o cinema e a fé cristã está entrelaçada de maneira profunda. Cresci em um ambiente cristão evangélico, onde o cinema era visto com certa reserva. Contudo, essa visão mudou ao longo do tempo, especialmente quando percebi que a cultura de massa pode servir como uma poderosa ponte para transmitir princípios espirituais e religiosos. Assim como Jesus utilizava parábolas simples para transmitir ensinamentos, acredito que o cinema pode cumprir essa função atualmente, utilizando narrativas acessíveis às gerações contemporâneas.

1. 5. Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, cujo objetivo é compreender como o cinema, produto da cultura de massa, pode ser empregado na educação religiosa para transmitir valores e temas espirituais. A natureza qualitativa da pesquisa é adequada, por possibilitar uma análise detalhada das obras cinematográficas e dos conceitos teóricos, permitindo uma interpretação profunda das implicações pedagógicas do uso do cinema no contexto religioso.

1.5.1. Método de Pesquisa Bibliográfica

A primeira etapa da pesquisa consistiu em uma revisão bibliográfica dos principais autores que fundamentam a teoria da cultura de massa e a pedagogia religiosa. Entre os teóricos principais, Umberto Eco foi abordado por meio de sua obra “Apocalípticos e Integrados”, que fornece uma base para entender a dicotomia entre

os críticos e defensores da cultura de massa. Além disso, os trabalhos de Horkheimer e Adorno foram estudados para oferecer uma perspectiva crítica sobre a indústria cultural e seus potenciais efeitos de padronização e superficialismo das mensagens espirituais.

A pesquisa bibliográfica também incluiu textos que discutem o uso do cinema como ferramenta pedagógica, analisando sua aplicabilidade no ensino religioso e outras disciplinas. Através dessa revisão, buscou-se compreender o potencial do cinema como meio de disseminação de valores, bem como os cuidados necessários para evitar a banalização das mensagens transmitidas.

1.5.2. Análise de Conteúdo Cinematográfico

Para investigar como os filmes podem ser utilizados para ensinar temas religiosos, foi realizada uma análise de conteúdo de filmes selecionados que abordam direta ou indiretamente valores e ensinamentos cristãos. A escolha dos filmes foi baseada em três categorias:

Filmes Cristãos: Filmes que possuem temática cristã direta, como “A Paixão de Cristo” e “Deus Não Está Morto”. A análise focou em como esses filmes apresentam narrativas de fé, sacrifício e redenção, explorando o impacto visual e emocional dessas representações.

Filmes Alegóricos: Filmes que, embora não cristãos em essência, carregam temas e símbolos que podem ser interpretados sob uma perspectiva religiosa, como “As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupas” e “Mãe!”. Estes filmes foram analisados por seu potencial de simbolizar temas espirituais e morais que facilitam o ensino de valores cristãos.

Filmes Não Deliberadamente Cristãos: Filmes que, ainda que não tenham sido criados com um propósito religioso, apresentam dilemas éticos e morais alinhados a princípios religiosos, como a trilogia de animação “Kung Fu Panda” e “Homem-Aranha: Sem Volta para Casa”. A análise considerou como esses filmes podem ser utilizados como ponto de partida para discussões sobre fé, valores e espiritualidade.

A análise de conteúdo foi conduzida a partir da metodologia de análise semiótica proposta por Eco, que permite explorar os signos visuais e narrativos presentes nos filmes. Para cada filme, foram considerados elementos como a narrativa, os arquétipos dos personagens, o uso de signos e a trilha sonora, que contribuem para a construção de significados e valores religiosos. Quando usado com intencionalidade pedagógica, filmes possuem grande potencial para enriquecer o ensino religioso e promover reflexões significativas entre os alunos. Contudo, destaca-se a necessidade de uma abordagem crítica, que reconheça o poder das mensagens visuais e a responsabilidade de utilizá-las de forma consciente e respeitosa, assegurando que os alunos não apenas consumam conteúdo, mas o compreendam em suas dimensões éticas, espirituais e culturais.

1. 6. Objeto Empírico

Demonstrar como diferentes estilos de filmes refletem aspectos da fé cristã.

2. CULTURA DE MASSA COMO PEDAGOGIA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE SOB O OLHAR DE UMBERTO ECO

Explorar como a cultura de massa e a religião se encontram é um campo fértil para entendermos como as narrativas massificadas moldam e refletem nossos valores e ideologias. Este capítulo é dividido em três partes: a leitura de “Apocalípticos e Integrados” de Umberto Eco (2008), a comunicação religiosa através da *Bíblia Pauperum* e uma análise sobre o impacto cultural do Superman, tudo através da visão de Eco, sempre comparando com o texto de Max Horkheimer e Theodor W. Adorno em “A Indústria Cultural: O Iluminismo como Mistificação de Massas”. A cultura de massa tem sido objeto de diversas análises ao longo do século XX, gerando perspectivas que vão desde a crítica contundente até a aceitação entusiástica de seu papel na sociedade. Eco, em sua obra identifica duas correntes principais de pensamento: os “apocalípticos”, que veem a cultura de massa como uma ameaça à autenticidade cultural e ao espírito crítico, e os “integrados”, veem a cultura de massa positivamente, para eles ela permite o acesso de inúmeras pessoas a informações, entretenimento e produtos culturais. Eles acreditam que, ao contrário de ser uma ameaça, a cultura de massa promove a diversidade e pode até servir para educar e elevar o nível cultural das pessoas.

No entanto, ao revisitar as ideias de Horkheimer e Adorno, percebemos uma abordagem mais crítica e sombria sobre o papel da cultura de massa. Para eles, a chamada “indústria cultural” não apenas difunde cultura, mas o faz de maneira a padronizar e homogeneizar os produtos culturais, transformando-os em mercadorias que perpetuam a dominação capitalista. Segundo esses autores, a indústria cultural suprime a individualidade e a espontaneidade, moldando os consumidores para aceitarem passivamente as coisas como são, sem espaço para questionamento ou reflexão crítica.

A civilização atual a tudo confere um ar de semelhança. Filmes, rádio e semanários constituem um sistema. Cada setor se harmoniza em si e todos entre si. As manifestações estéticas, mesmo a dos antagonistas políticos, celebram da mesma forma o elogio do ritmo do aço. (HORKHEIMER, & ADORNO, 2002, pg 170)

Essa visão crítica pode enriquecer a análise de Eco ao sugerir que, enquanto os integrados, vêem a cultura de massa como uma oportunidade para a pedagogia

religiosa, há também o risco de que essa cultura massificada possa, na verdade, diluir a profundidade das mensagens espirituais. O consumo de produtos culturais padronizados pode levar à banalização de temas religiosos, reduzindo-os a clichês facilmente digeríveis, desprovidos de sua complexidade original. Por outro lado, é possível argumentar que a religião, quando incorporada à cultura de massa, ganha um alcance muito maior, atingindo públicos que de outra forma estariam distantes dessas discussões. Nesse sentido, a integração da fé em produtos culturais massificados, como filmes, séries e músicas, poderia funcionar como uma forma de evangelização moderna, alcançando as massas onde elas estão. No entanto, a crítica de Horkheimer e Adorno nos alerta para o perigo de que essa estratégia seja cooptada pela lógica da indústria cultural, onde até mesmo a fé pode ser comercializada e esvaziada de seu verdadeiro significado.

Portanto, ao utilizar a cultura de massa como pedagogia religiosa, é crucial que se mantenha uma consciência crítica sobre o processo, garantindo que a mensagem espiritual não seja distorcida ou trivializada pelo aparato industrial que visa mais ao lucro do que à verdadeira disseminação de valores religiosos. Ao mesmo tempo, deve-se buscar formas de resgatar a profundidade e a autenticidade das tradições religiosas, mesmo quando elas são veiculadas por meios de comunicação massivos. Essa reflexão ampliada, que combina as ideias de Eco com a crítica de Horkheimer e Adorno, nos leva a uma visão mais complexa e equilibrada sobre o uso da cultura de massa como ferramenta de ensino religioso. Ela nos convida a navegar entre o potencial democratizador da cultura de massa e os riscos inerentes à sua mercantilização, sempre visando manter a integridade e a profundidade das mensagens religiosas que se deseja transmitir. Desta maneira este capítulo se divide em três partes, sendo elas:

Na primeira parte, aprofunda-se mais na obra de Eco, que discute a tensão entre os apocalípticos que temem a diluição cultural e os integrados que veem a cultura positivamente, pois já estão alienados a mesma. Na segunda parte, examina-se a evolução da comunicação religiosa. *A Bíblia Pauperum* e os vitrais das igrejas medievais que são exemplos de como ensinamentos bíblicos eram transmitidos de forma acessível e visualmente impactante para uma audiência analfabeta. Com suas ilustrações vívidas, esses meios permitiam uma compreensão

profunda das histórias e mensagens centrais da fé cristã. Da mesma forma, o cinema contemporâneo é analisado como uma poderosa ferramenta para comunicar temas cristãos, usando imagem, música e narrativa para envolver emocionalmente o público. Na terceira parte, aprofunda-se a análise de Eco sobre o Superman, vendo-o não apenas como um herói dos quadrinhos, mas como um fenômeno cultural significativo. Eco percebe Superman como uma figura mítica moderna que reflete as aspirações e ansiedades da sociedade. A dualidade entre Clark Kent e Superman, a estrutura narrativa cíclica das histórias e a função ideológica da cultura de massa são exploradas para entender como esse personagem encapsula as dinâmicas sociais e culturais da modernidade. Esta análise serve como um modelo para investigar como o cinema contemporâneo pode ser uma lente para examinar questões culturais e religiosas profundas.

Em resumo, esse capítulo não só ampliará o conhecimento sobre os Apocalípticos, Integrados, Superman e a Cultura de Massa, mas também traçará novos caminhos para a investigação da comunicação religiosa através do cinema.

2. 1. Apocalípticos e Integrados

Apocalípticos e Integrados é uma obra seminal que oferece uma análise crítica da cultura de massa. Publicado originalmente em 1964, o livro continua sendo muito relevante para entender os impactos e as nuances da produção cultural em larga escala. Esse livro foi o início dessa pesquisa onde falaremos de fé e cultura de massa, esse aprofundamento se concentrará no Prefácio e no Primeiro Capítulo, explorando os pensamentos de Eco concentrados no início desse livro tão importante para o mundo da comunicação, estabelecendo uma base teórica e metodológica rica para esse trabalho. Eco, já no Prefácio, deixa muito claro seu objetivo: oferecer uma análise rigorosa e equilibrada da cultura de massa. Ele introduz a oposição entre “apocalípticos” e “integrados”, duas perspectivas antagônicas que permeiam sua discussão. Os apocalípticos veem a cultura de massa como uma força destrutiva, diluindo a qualidade artística e intelectual, promovendo a superficialidade e a igualização cultural. Para eles, a cultura de massa é uma ameaça aos valores tradicionais e à autenticidade cultural.

O que, ao contrário, se censura ao apocalíptico é o fato de jamais tentar, realmente, um estudo concreto dos produtos, e das maneiras pelas quais são eles, na verdade, consumidos. O apocalíptico não só reduz os consumidores àquele fetiche indiferenciado que é o homem-massa, mas - enquanto o acusa de reduzir todo produto artístico, até o mais válido, a puro fetiche - reduz, ele próprio, a fetiche o produto de massa. E ao invés de analisá-lo, caso por caso, para fazer dele emergir as características estruturais, nega-o em bloco. Quando o analisa, trai então uma estranha propensão emotiva e manifesta um irresoluto complexo de amor-ódio- fazendo nascer a suspeita de que a primeira e mais ilustre vítima do produto de massa seja, justamente, o seu crítico virtuoso. Esse é um dos fenômenos mais curiosos e apaixonantes daquele fenômeno de indústria cultural que é a crítica apocalíptica à indústria cultural. Como a manifestação, a duras penas mascarada, de uma paixão frustrada, de um amor traído; ou melhor; como a exibição neurótica de uma sensualidade reprimida, semelhante à do moralista, que, denunciando a obscenidade de uma imagem, detém-se tão demorada é voluptuosamente sobre o imundo objeto do seu desprezo, que trai, naquele gesto, a sua real natureza de animal carnal e concupiscente. (ECO, 2008, pg 18)

Por outro lado, os integrados consomem a cultura de massa sem questionar. Eles aceitam e até celebram a mesma, vendo-a produção massificada e padrão de uma forma positiva. A acessibilidade dessas produções e da informação para um público mais amplo é vista como um ótimo avanço. A cultura de massa, para os integrados, pode coexistir com formas mais elevadas de cultura, ampliando o alcance do conhecimento para a arte. Essa oposição é crucial para entender melhor como funciona a disseminação da cultura de massa, por permitir que se explore a complexidade da mesma de maneira equilibrada, sem se alinhar completamente com nenhuma das duas posições. Eco estabelece, assim, um espaço crítico onde pode analisar os méritos e deméritos de ambos os pontos de vista, oferecendo uma análise profunda e multifacetada. Esses dois grupos representam abordagens diferentes da influência da cultura de massa na sociedade. Os apocalípticos enxergam a cultura de massa como uma força destrutiva que ameaça os valores culturais e intelectuais tradicionais. Alegam que a produção cultural de massa, como programas de televisão, filmes, comerciais, música e revistas de grande circulação, promovem a superficialidade, a mediocridade e a homogeneidade cultural. Os apocalípticos sustentam suas ideias dizendo que a cultura de massa dilui as qualidades artísticas e intelectuais, fazendo com que a sociedade se torne menos crítica e mais passiva. Um exemplo clássico de visões apocalípticas pode ser encontrado na crítica aos efeitos

da televisão. Os apocalípticos sustentam que o foco da televisão no entretenimento fácil e na gratificação instantânea reduz a capacidade dos telespectadores de se envolverem com conteúdos mais profundos e reflexivos. Os reality shows televisivos, por exemplo, são frequentemente citados como emblemáticos desta degradação cultural. São vistos como entretenimento vazio que incentiva o voyeurismo e a superficialidade, em vez de promover o pensamento crítico e o enriquecimento cultural, porém para os apocalípticos não apenas os reality shows são um problema, mas a televisão na totalidade.

Em contraponto, os ditos integrados veem a cultura de massa de maneira mais otimista. Eles consomem a produção cultural em grande escala, e entendem a mesma como uma forma de espalhar a “cultura e o conhecimento”, sendo eles tão integrados na cultura de massa que não conseguem a criticar. Para os integrados, a cultura de massa não é uma ameaça, mas sim uma oportunidade para atingir ainda mais um público mais amplo e diversificado. Para eles essa popularização da cultura pode coexistir com formas mais “elevadas” de arte e conhecimento, ampliando o acesso e a participação do público, mas tudo isso sem muita crítica dos integrados que por estar integrado ao sistema não o questiona.

Em contraposição, a resposta otimista do integrado: já que a televisão, o jornal, o rádio, a cinema e a estória em quadrinhas, o romance popular e o Reader's Digest agora colocam os bens culturais à disposição de todos, tornando leve e agradável à absorção das noções e a recepção de informações, estamos vivendo numa época de alargamento da área cultural, onde finalmente se realiza, em amplo nível, com o concurso dos melhores, a circulação de uma arte e de uma cultura “popular”. Para o integrado, não existe o problema de essa cultura sair de baixo ou vir confeccionada de cima para consumidores indefesos. Mesmo porque, se os apocalípticos sobrevivem confeccionando teorias sobre a decadência, os integrados raramente teorizam, e, assim, mais facilmente, operam, produzem, emitem as suas mensagens cotidianamente em todos os níveis. (ECO, 2008, pg 8, 9)

Estas integrações demonstram que a televisão e os documentários educativos feitos industrialmente ainda são exemplos positivos de cultura de massa. Programas como os documentários de história natural da BBC produzidos por David Attenborough são vistos como exemplos de como a televisão pode educar e inspirar milhões de pessoas em todo o mundo. Estes programas combinam entretenimento

com educação para apresentar conteúdos complexos de forma acessível e envolvente, o que, segundo esses agregadores, ajuda a aumentar o conhecimento e a conscientização do público. Eco não concorda inteiramente com nenhuma das opiniões, mas utiliza esta dicotomia para explorar as complexidades da cultura de massa. Ele reconheceu que a produção cultural de massa tem lados negativos e positivos. Por um lado, reconhece que a cultura de massa pode levar à superficialidade e à homogeneidade cultural. Por outro lado, também reconhece que pode popularizar o acesso à informação e às artes, proporcionando oportunidades de aprendizagem e envolvimento cultural a um público mais vasto.

Os conceitos de apocalípticos e integrados, fornecem uma estrutura valiosa para a compreensão das diversas visões da cultura de massa. Enquanto os Apocalípticos destacam os perigos da superficialidade e da mediocridade, os Integrados celebram as possibilidades de acessibilidade cultural. É interessante ver e imaginar estas perspectivas em conjunto, reconhecendo que a cultura de massa é um fenômeno complexo com potencial para empobrecer e enriquecer a sociedade ao mesmo tempo. Eco introduz a importância dos signos e da comunicação na cultura de massa. Ele argumenta que os signos (palavras, imagens, sons) carregam significados que influenciam o público de maneiras diversas. A semiótica, o estudo desses signos, é fundamental para entender como a comunicação de massa funciona. A interpretação desses signos pode variar, mas eles são essenciais para a compreensão do impacto da cultura de massa. Além disso, é discutida a função ideológica da cultura de massa. Eco sugere que a cultura de massa não é neutra; ela pode transmitir ideologias e valores sutilmente, moldando opiniões e comportamentos. Essa função ideológica é um aspecto importante de sua crítica, por revelar como a cultura de massa pode reforçar as coisas como são e perpetuar certas ideologias.

Por fim, é enfatizado a necessidade de uma análise crítica da cultura de massa. Compreender os mecanismos de produção e consumo da cultura de massa pode nos tornar consumidores mais conscientes e críticos, e esta abordagem crítica é crucial para não aceitarmos passivamente os produtos culturais que nos são oferecidos, mas sim os questionarmos. Que compreendamos suas implicações mais profundas. Introduzir a semiótica como uma ferramenta de análise, oferece um meio

poderoso para dissecar a cultura de massa. A semiótica permite que ele explore como os signos funcionam dentro da comunicação de massa, revelando as camadas de significados que podem ser transmitidas por meio de imagens, palavras e sons. Isso será crucial como embasamento quando se for usar o cinema como uma forma de falar de fé e religião, para entender não apenas o conteúdo superficial dos produtos culturais, mas também os significados subjacentes e as ideologias que podem estar implícitas. Por exemplo, ao analisar um programa de televisão popular, não se limite a perceber apenas o enredo ou os personagens. Os signos são utilizados para transmitir certos valores e mensagens. Isso pode incluir como os personagens são representados, os cenários utilizados, e até a música que acompanha as cenas. Cada um desses elementos é um signo que potencializa o significado geral do programa, assim como alguma determinada posição de uma personagem em um filme pode ser abordada dentro do meio religioso.

A função ideológica da cultura de massa, embora num primeiro momento possa parecer neutra ou apenas entretenimento, ela frequentemente carrega e reforça ideologias. Essas ideologias podem ser políticas, econômicas, religiosas, sociais ou culturais. Por exemplo, uma série de televisão que retrata consistentemente certos grupos sociais de maneira estereotipada pode estar reforçando preconceitos existentes e moldando as percepções do público sobre esses grupos. Também é destacado como a cultura de massa pode ser utilizada como uma ferramenta de controle social. Ao transmitir ideologias sutilmente, a cultura de massa pode influenciar o comportamento e as atitudes das pessoas sem que elas percebam. Isso é particularmente poderoso porque muitas vezes o público consome esses produtos culturais passivamente, sem uma análise crítica. É de extrema importância que exista uma análise crítica da cultura de massa, e que essa análise não seja apenas uma atividade intelectual, mas uma responsabilidade social. Ao nos tornarmos consumidores críticos, podemos resistir à manipulação ideológica e promover uma cultura mais consciente e engajada. Isso implica questionar não apenas o conteúdo dos produtos culturais, mas também os contextos em que são produzidos e consumidos.

No entanto, ao trazer para a discussão as contribuições de Horkheimer e Adorno, podemos perceber que a dicotomia proposta por Eco pode ser enriquecida e

complexificada. Em “A Indústria Cultural: O Iluminismo como Mistificação de Massas”, Horkheimer e Adorno argumentam que a cultura de massa, longe de ser uma mera ferramenta de popularização, atua como um instrumento de controle social. Eles afirmam que a indústria cultural produz e reproduz conteúdos que servem para manter as estruturas de poder existentes, adormecendo a consciência crítica dos indivíduos e promovendo a conformidade e o culto às celebridades.

A arte ainda mantinha o burguês dentro de certos limites, à medida que era cara. Isso acabou. A sua proximidade absoluta, já não mediada pelo dinheiro, para todos aqueles a quem é exibida, é o cume da alienação e aproxima uma à outra no signo da completa reificação. Na indústria cultural, desaparece tanto a crítica como o respeito: àquela sucede a expertise mecânica, a este, o culto efêmero da celebridade. (HORKHEIMER, & ADORNO, 2002, pg 194)

Segundo Horkheimer e Adorno, a padronização dos produtos culturais e a repetição incessante de fórmulas estabelecidas na mídia não estimulam o pensamento crítico, mas sim a passividade e a aceitação das normas dominantes. Nesse sentido, a leitura apocalíptica ganha uma nova dimensão: a cultura de massa não apenas vulgariza a cultura, mas também serve para perpetuar a ideologia dominante, travestida de entretenimento inofensivo. Por outro lado, a visão integrada de Eco também pode ser reconsiderada à luz dessa crítica. Embora a popularização do acesso à cultura seja, em tese, um aspecto positivo, Horkheimer e Adorno nos alertam para que esse acesso popular muitas vezes se dê a produtos culturais já empobrecidos e desprovidos de seu potencial transformador. Assim, a cultura de massa oferece ao público um conteúdo que, embora amplamente acessível, é limitado em sua capacidade de provocar uma verdadeira reflexão ou de desafiar as coisas como são. Portanto, é importante reconhecer que a cultura de massa pode funcionar tanto como um veículo de comunicação ampla quanto como uma ferramenta de dominação ideológica. A crítica de Horkheimer e Adorno nos leva a reconsiderar o entusiasmo dos integrados, sugerindo que, ao utilizar a cultura de massa como meio de evangelização ou pedagogia religiosa, deve-se ter cuidado para que essa utilização não caia na armadilha da simplificação excessiva e da mercantilização da fé.

Em suma, a leitura de “Apocalípticos e Integrados” à luz das ideias de Horkheimer e Adorno nos oferece uma visão mais matizada e crítica da cultura de massa. Ela nos desafia a encontrar um equilíbrio entre a potencialidade popularizadora da cultura de massa e os perigos inerentes à sua utilização como ferramenta de controle social. Nesse contexto, a pedagogia religiosa que se apropria dos meios de comunicação de massa deve estar sempre atenta para preservar a profundidade e a autenticidade de sua mensagem.

2. 2. Comunicação Religiosa através da *Bíblia Pauperum* e o Cinema

Existe uma rica história de comunicação religiosa, vê-se como a *Bíblia Pauperum* e as igrejas com vitrais desempenharam papéis fundamentais na transmissão dos ensinamentos cristãos durante a Idade Média. A *Bíblia Pauperum*, ou “Bíblia dos Pobres”, era uma forma acessível e visualmente impactante de apresentar os principais eventos e ensinamentos bíblicos àqueles que não tinham acesso à leitura ou aos manuscritos completos da Bíblia. Com suas ilustrações vivas e explicativas, a *Bíblia Pauperum* permitia que até mesmo os menos instruídos compreendessem as histórias e mensagens centrais da fé cristã.

Mas tão logo alguém inventa a possibilidade de imprimir xilograficamente páginas de uma bíblia reproduzível em mais exemplares, sucede um fato novo. Uma bíblia que se reproduz num número maior de cópias custa menos, e pode chegar a um maior número de pessoas. E uma bíblia que se vende para mais gente não será uma bíblia menor? Daí o nome que toma de *bíblia pauperum*. Por outro lado, o fator externo (difusibilidade e preço) também influi sobre a natureza do produto: o desenho adaptar-se-á à compreensão de uma audiência mais vasta, menos letrada. Não será mais útil aliar o desenho ao texto, com um jogo de folhas volantes que lembra muito de perto as estórias em quadrinhos? A *bíblia pauperum* começa a submeter-se a uma condição que, séculos depois, alguém atribuirá aos modernos meios de massa: a adequação do gosto e da linguagem às capacidades receptivas da média. (ECO, 2008, pg 12)

Da mesma forma, as igrejas medievais utilizavam vitrais¹ coloridos e desenhos da Via Crucis para criar um ambiente visualmente impressionante e imersivo que transportava os fiéis para a narrativa da salvação. Os vitrais não apenas ilustravam

¹ Como a Igreja de São Maurício (St. Mauritius Church), em Appenzell, Suíça, fundada no século XI, é conhecida por seus famosos vitrais que retratam a Via Crucis. Essas obras tornaram a igreja um importante ponto de interesse histórico e religioso.

passagens bíblicas, mas também serviam como uma forma de arte sacra que evocava emoções e inspirava devoção. Os desenhos da Via Crucis, representando os eventos que levaram à crucificação de Cristo, permitiam que os fiéis experimentassem a paixão e o sacrifício de Cristo de maneira tangível, estimulando a reflexão e a devoção espiritual. Essas formas de comunicação religiosa eram especialmente poderosas porque apelavam aos sentidos e às emoções das pessoas. As imagens vívidas e coloridas da *Bíblia Pauperum* e dos vitrais das igrejas capturaram a imaginação dos fiéis, proporcionando uma representação tangível e acessível dos ensinamentos espirituais. Além disso, as narrativas visuais permitiam que as pessoas se identificassem com os personagens bíblicos e se envolvessem emocionalmente com as histórias de redenção e salvação. Ao considerar como se pode aplicar esses princípios de comunicação religiosa ao cinema moderno, se entende o potencial para usar as experiências cinematográficas como forma poderosa de levar a fé, alcançando pessoas de todas as origens e culturas. Assim como a *Bíblia Pauperum* e os vitrais das igrejas utilizaram a arte visual para comunicar a mensagem de Deus às pessoas da época, o cinema pode servir como uma ferramenta moderna para falar do cristianismo para as pessoas de hoje.

O cinema, com sua capacidade de combinar imagens, música e narrativa, pode criar experiências que envolvem os espectadores emocionalmente e podem ser usados como alegorias que os transportem para os eventos e ensinamentos da fé cristã. Filmes como “Oppenheimer” de Christopher Nolan ou “Tudo em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo” de Daniel Kwan e Daniel Scheinert, os ganhadores do Oscar de Melhor Filme dos últimos 2 anos, oferecem representações visuais vívidas de eventos que não são bíblicos, mas podem sim explorar temas centrais da fé cristã, como persistência, genialidade, amor, perdão e redenção. Então, assim como a *Bíblia Pauperum*, os vitrais das igrejas e os Clubes de Cinema utilizaram a arte visual para comunicar a mensagem de Deus às pessoas da época, o cinema pode ser usado como uma ferramenta moderna para falar do cristianismo para as pessoas de hoje. Através da reflexão sobre filmes inspirados ou não na Bíblia e na tradição cristã, podemos oferecer uma representação visual e emocionalmente envolvente dos ensinamentos e valores cristãos, alcançando um público amplo e diversificado.

Em suma, tanto a *Bíblia Pauperum*, as igrejas com vitrais, quanto o cinema têm sido formas poderosas de comunicação religiosa ao longo da história. Ao reconhecer a eficácia dessas formas de expressão visual e explorar como posso aplicar esses princípios ao cinema moderno, podemos contribuir para a disseminação da mensagem cristã de uma maneira relevante e impactante para as pessoas de hoje. A *Bíblia Pauperum*, com suas ilustrações vívidas e explicações simplificadas das Escrituras, representa uma tentativa de popularizar o acesso à Bíblia, tornando-a compreensível para as massas. São Bernardo viu essa inovação como uma ameaça à integridade da fé. Para ele, o contato direto e simplificado dos leigos com as Escrituras poderia resultar em interpretações errôneas e na disseminação de crenças superficiais, em vez de uma compreensão profunda dos mistérios divinos.

No contexto do debate, São Bernardo pode ser considerado um legítimo apocalíptico. Ele representa aqueles que veem a ampla disseminação da cultura, ou da fé, como uma diluição dos valores e da profundidade espiritual. A *Bíblia Pauperum* estaria, portanto, sujeita às críticas dos apocalípticos por transformar algo sagrado em algo acessível e potencialmente banalizado. Ele argumenta que os apocalípticos temem a perda de qualidade e profundidade na produção cultural em massa, uma preocupação nítida na postura de São Bernardo. Ao rejeitar formas simplificadas de transmissão da fé, encarna a preocupação de que a popularização do acesso comprometa a integridade da mensagem original.

Em contraste com a visão apocalíptica de São Bernardo, Martinho Lutero² se destaca como um defensor fervoroso da popularização da Bíblia, em alguns aspectos alinhando-se com a visão integrada “Apocalípticos e Integrados”, mas em outros pontos se alinhando com a visão mais apocalíptica de São Bernardo. Lutero, figura central na Reforma Protestante do século XVI, acreditava que a palavra de Deus deveria estar acessível a todos os cristãos, independentemente de sua posição social ou nível de educação. Sua tradução da Bíblia para o alemão foi um marco

² Martinho Lutero (1483–1546) foi um teólogo alemão e figura central da Reforma Protestante. Questionou práticas da Igreja Católica, como a venda de indulgências, e defendeu que a salvação ocorre somente pela fé. Suas 95 Teses, publicadas em 1517, desencadearam debates que transformaram o cristianismo ocidental, levando à criação de diversas denominações protestantes. Além disso, Lutero traduziu a Bíblia para o alemão, promovendo o acesso direto às Escrituras e influenciando a língua e a cultura germânicas.

revolucionário que abriu as portas para a disseminação das Escrituras em vernáculo. Para Lutero, a Bíblia não era um texto reservado a uma elite clerical, mas uma fonte de sabedoria e orientação espiritual que deveria ser compreendida e internalizada por todos os fiéis. Ele estava convencido de que a fé cristã verdadeira vinha do contato direto com a palavra de Deus, e não da mediação exclusiva dos clérigos. Ao traduzir a Bíblia para o alemão, Lutero permitiu que as massas, antes excluídas por barreiras linguísticas e educacionais, pudessem acessar e interpretar as Escrituras por si mesmas. Dentro do debate, Lutero pode ser visto como um legítimo “integrado”, celebrando a capacidade da cultura de massa de espalhar o acesso ao conhecimento e promover a inclusão. Ele acreditava que a disseminação ampla da cultura religiosa poderia enriquecer a fé das pessoas comuns, fortalecendo sua conexão pessoal com Deus. Para Lutero, a Bíblia, ao ser traduzida e disponibilizada amplamente, poderia fomentar uma fé mais robusta e autêntica entre os cristãos, porém, ao mesmo tempo, Lutero não concordava com a prática católica das adorações as imagens, sendo, neste contexto, um “Apocalíptico”. A tradução da Bíblia por Lutero teve um impacto profundo na sociedade, não apenas em termos religiosos, mas também culturais e linguísticos. Ela ajudou a promover a alfabetização, permitindo que um número crescente de pessoas participasse de debates teológicos e culturais. Essa popularização da leitura e do conhecimento refletia uma visão integrada otimista de que a acessibilidade cultural e educacional poderia levar ao empoderamento e ao crescimento intelectual das massas. Ao discutir a tensão entre apocalípticos e integrados, o autor nos convida a considerar figuras como Lutero, que veem o potencial positivo na democratização cultural. Lutero acreditava que, longe de diluir a profundidade espiritual, o acesso ampliado às Escrituras poderia enriquecer a vida espiritual dos indivíduos, promovendo uma fé mais consciente e ativa. Sua visão nesse quesito contrasta fortemente com a de São Bernardo, destacando a diversidade de abordagens dentro da própria história religiosa em relação ao acesso ao conhecimento sagrado.

Um ponto interessante no debate entre Martinho Lutero e São Bernardo é a posição de Lutero contra o uso de imagens na Igreja, que, de certa forma, se alinha com algumas preocupações de São Bernardo. Durante a Reforma Protestante, Lutero criticou fortemente a veneração de imagens e ícones religiosos, argumentando que isso poderia levar à idolatria e desviar os fiéis da verdadeira essência da fé cristã, a

palavra de Deus. Lutero acreditava que a fé deveria estar baseada diretamente nas Escrituras e na relação pessoal do indivíduo com Deus, sem a intermediação de imagens ou ídolos. Para ele, o uso de imagens religiosas era um possível obstáculo, capaz de confundir os fiéis e levá-los a adorar as representações visuais em vez de focar na mensagem divina contida na Bíblia. Curiosamente, essa crítica de Lutero ao uso de imagens pode ser vista como um ponto de concordância com São Bernardo. Embora Bernardo tivesse suas próprias razões e contexto para criticar a popularização e a simplificação das Escrituras, ele também valorizava a pureza espiritual e a contemplação interior. Bernardo se preocupava com o fato que a fé popularizada e simplificada pudesse levar a interpretações incorretas e ao enfraquecimento da verdadeira devoção. A resistência de Lutero às imagens religiosas pode, então, ser vista como um alinhamento parcial com as preocupações de São Bernardo sobre a potencial superficialidade e desvio da fé. Ambos compartilhavam uma preocupação com como a fé era praticada e recebida pelas massas, embora suas soluções e enfoques fossem bastante diferentes. Lutero procurava popularizar o acesso à palavra de Deus através da tradução da Bíblia, mas sem a mediação de imagens, que ele via como distrativas ou até perigosas. São Bernardo, por outro lado, queria manter a interpretação das Escrituras nas mãos dos clérigos para preservar a profundidade e a pureza da fé.

É fascinante observar como a relação entre religião e representações visuais evoluiu ao longo da história. No período medieval, São Bernardo se posicionou firmemente contra a *Bíblia Pauperum*, alegando que tais iniciativas poderiam banalizar a fé ao reduzir os mistérios divinos a imagens acessíveis, passíveis de interpretações inadequadas. Sua crítica refletia uma preocupação com a pureza da mensagem espiritual e a preservação do caráter místico da fé. No entanto, é curioso notar como essa visão sofreu transformações significativas ao longo dos séculos. Durante o século XX, em pleno auge da cultura de massa e do cinema, a própria Igreja Católica no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, reconheceu o potencial educativo e evangelizador do cinema. A criação de cineclubes³ em escolas e instituições católicas exemplifica uma mudança de postura. Esses cineclubes não

³ É um espaço cultural dedicado à exibição e discussão de filmes, muitas vezes fora do circuito comercial. Promove a cinefilia, o debate crítico e a democratização do acesso ao cinema. Geralmente, é organizado por grupos independentes ou instituições culturais.

apenas exibiam filmes, mas os utilizavam como ferramentas para discutir temas espirituais, éticos e sociais, promovendo debates entre os jovens. Essa iniciativa demonstra como a Igreja reinterpretou seu papel no diálogo cultural, passando de uma rejeição da imagem como veículo espiritual para a utilização estratégica do cinema como uma forma moderna de catequese e formação moral. Essa transformação revela uma interessante dialética, o que antes era considerado uma ameaça ao sagrado tornou-se uma ponte entre a fé e a modernidade, mostrando que as representações visuais podem, sim, ser utilizadas para enriquecer a espiritualidade, desde que abordadas de maneira crítica e reflexiva.

Fatimarlei Lunardelli (2000) nos conta em seu livro “Quando Éramos Jovens: História do Clube de Cinema de Porto Alegre”, que durante o século XX, a Igreja Católica no Rio Grande do Sul enxergou uma ferramenta no cinema para promover os valores cristãos entre os jovens, especialmente em colégios e grupos católicos universitários. Cineclubes como o Pro Deo, foram criados visando educar e formar uma visão crítica dos participantes, abordando temas espirituais e sociais por meio de filmes. Esses espaços se tornaram locais de reflexão sobre questões éticas, justiça social e a própria relação entre a fé e a sociedade.

A preocupação específica de educar as plateias jovens era uma diretriz da igreja, que para isso formava professores e dirigentes cineclubistas. Os Cursos ensinavam a fazer fichas filmográficas, assegurando aos educadores uma utilização racional e eficiente dos filmes disponíveis. (LUNARDELLI, 2000, pg 108)

Os cineclubes católicos promoviam exibições de filmes que abordavam temas complexos e morais. Em seguida, incentivavam debates entre os jovens, que eram guiados por orientadores para discutir os dilemas apresentados à luz dos ensinamentos cristãos. Isso permitia que os participantes cultivassem uma visão de mundo informada e reflexiva, conectando-se com os valores cristãos e os desafios da modernidade. Nos colégios cristãos, os cineclubes ofereciam uma experiência educativa além do currículo tradicional e foram muito valorizados pelo seu papel em moldar uma juventude comprometida com a ética e a espiritualidade. Filmes que exploravam temas como perdão, sacrifício e fé eram ferramentas para reforçar os

ensinamentos religiosos, proporcionando aos jovens uma introdução ao cinema como arte e meio de reflexão.

Porém, vale ressaltar que mesmo a igreja católica tendo tais visões mais amplas sobre o cinema recentemente, ainda hoje, há outros grupos cristãos, como algumas denominações protestantes mais conservadoras, os anabatistas (incluindo os menonitas e os amish), além de algumas vertentes evangélicas e pentecostais, que condenam o uso de imagens de Cristo, seja em pinturas, esculturas ou representações audiovisuais, como em filmes e séries. Eles temem que tais representações desviem a atenção do fiel da verdadeira adoração a Deus, promovendo uma veneração inadequada às imagens ou até mesmo distorcendo a percepção da divindade de Cristo. No cinema e nas séries, o debate se intensifica pela subjetividade das interpretações artísticas, que, segundo os críticos, podem humanizar excessivamente ou representar Cristo de maneira inadequada à fé cristã. Essa posição reflete uma preocupação contínua com a preservação da pureza espiritual e doutrinária, mesmo em um contexto cultural cada vez mais visual e simbólico.

2. 3. O Superman de Umberto Eco e a Cultura de Massa.

Para compreender o impacto cultural e simbólico do Superman e do cinema na análise de Umberto Eco, é essencial estabelecer uma conexão entre as ideias do autor e a abordagem proposta pelo livro. Em “Apocalípticos e Integrados”, ele utiliza o Superman como um ponto central para discutir os fenômenos culturais e os dilemas da cultura de massa, analisando tanto seus aspectos positivos quanto suas críticas à homogeneização cultural. Este projeto planeja expandir esse foco ao examinar como o cinema contemporâneo, um poderoso meio de comunicação de massas, pode ser empregado para investigar questões profundas, incluindo as implicações culturais e religiosas do cristianismo.

[...] estudaremos um Super-homem típico da cultura de massa contemporânea, o Superman das histórias em quadrinhos: e parece-nos poder concluir que esse herói super dotado usa das suas vertiginosas possibilidades operativas para realizar um ideal de absoluta passividade, renunciando a todo projeto que não tenha sido

previamente homologado pelos cadastros do bom senso oficial, tornando-se o exemplo de uma proba consciência ética desprovida de toda dimensão política: o Superman jamais estacionará seu carro em local proibido, e nunca fará uma revolução. (ECO, 2008, pg 10)

Ao explorar as polaridades entre apocalípticos e integrados através do Superman, temos um modelo analítico que inspira uma investigação paralela sobre como filmes, especialmente aqueles que tratam de temas cristãos e suas interpretações contemporâneas, funcionam como símbolos e metáforas. Este estudo proposto não só analisa representações diretas de temas cristãos em filmes como “A Paixão de Cristo”, mas também explora como filmes que abordam temas universais de redenção, sacrifício e esperança podem dialogar implicitamente com valores e ideias cristãs. Além disso, da mesma forma que revela a função ideológica da cultura de massa, este projeto se propõe a investigar como o cinema, como um veículo cultural proeminente, molda e dissemina ideologias, incluindo aquelas relacionadas à religião. A análise semiótica será fundamental para desvendar como filmes cristãos e não deliberadamente cristãos comunicam e influenciam as percepções contemporâneas sobre questões espirituais e religiosas, oferecendo uma perspectiva crítica que promove uma compreensão mais profunda do papel do cinema na formação das narrativas religiosas modernas. Desta forma, é possível não apenas ampliar o legado analítico sobre o Superman, mas também traçar novos caminhos de investigação sobre o cinema como um meio de expressão cultural e espiritual, desafiando o leitor a reconsiderar como essas formas de arte moldam e refletem nossa compreensão coletiva dos valores fundamentais na contemporaneidade. Em sua obra percebe-se uma análise profunda do personagem Superman, tratando-o não apenas como um ícone dos quadrinhos, mas como um fenômeno cultural significativo. Explorar o Superman sob a ótica da semiótica e da teoria cultural, desvenda as camadas de significado que fazem do Homem de Aço uma figura central na cultura de massa.

O Superman é uma figura mítica moderna, um herói cujas façanhas ultrapassam as limitações humanas. Ao colocar Superman no panteão dos mitos contemporâneos, sugere que ele cumpre um papel semelhante ao dos heróis da antiguidade, como Hércules e Aquiles. Esses heróis representam ideais elevados sendo projetados para inspirar e consolar suas audiências. Superman, com seu

compromisso inabalável com a justiça e sua força sobre-humana, personifica esses ideais na era contemporânea. Ele é um símbolo de esperança e moralidade, operando em um mundo frequentemente moralmente ambíguo e caótico. Além disso, a natureza mítica de Superman se estende ao seu papel como um arquétipo cultural. Superman é o protótipo do herói que, apesar de suas habilidades extraordinárias, enfrenta dilemas e desafios que ressoam com as experiências humanas comuns. Ele é simultaneamente um deus e um homem, vivendo entre dois mundos: o ordinário e o extraordinário. Essa dualidade é central para seu apelo, por permitir que ele funcione tanto como escapismo quanto como uma reflexão sobre a condição humana. As histórias de Superman são estruturadas de forma cíclica e repetitiva, o que é visto como parte fundamental para o sucesso contínuo do personagem. Cada história é uma aventura isolada que termina com um retorno as coisas como são, permitindo que novos leitores entrem na narrativa a qualquer momento sem se perder. Esse formato também reforça a imutabilidade do personagem e seus valores, independentemente das mudanças no mundo ao seu redor. Essa estrutura se compara à dos mitos antigos, onde os heróis enfrentavam desafios que não alteravam sua essência fundamental. Essa repetição cíclica oferece conforto e previsibilidade, elementos essenciais em um mundo em constante mudança. Essa estrutura narrativa facilita a acessibilidade para novos leitores e sustenta um sentimento de familiaridade e continuidade para os fãs antigos. A ausência de uma progressão linear significativa na vida de Superman cria um universo na qual o herói é continuamente relevante, reagindo a eventos contemporâneos enquanto mantém seus valores e características centrais. Esta abordagem permite que Superman atue como um personagem extremamente resiliente, adaptando-se aos tempos sem perder sua essência fundamental, proporcionando aos leitores um senso de estabilidade e permanência em um mundo em fluxo constante.

Um dos aspectos mais intrigantes das histórias do Superman é sua exploração da dualidade entre Clark Kent e Superman. Clark Kent, a identidade secreta de Superman, é um repórter tímido e desajeitado, contrastando fortemente com o poderoso herói. Esta dualidade reflete uma tensão intrínseca entre o indivíduo comum e o desejo de grandeza e heroísmo. Para os leitores, Clark Kent é alguém com quem podem se identificar, representando suas próprias fraquezas e inseguranças. Por outro lado, Superman é a personificação dos ideais que muitos aspiram alcançar.

Essa dicotomia permite uma conexão emocional profunda com o personagem, encapsulando tanto a realidade cotidiana quanto a fantasia heroica. Essa dualidade pode ser vista como um comentário sobre a condição humana e as complexidades da identidade. Clark Kent representa a máscara que todos usamos em nossas vidas diárias, escondendo nossas verdadeiras capacidades e sentimentos. Superman, por outro lado, é a expressão máxima do potencial humano, operando sem as limitações que restringem os indivíduos comuns. Esta dinâmica cria uma rica narrativa, onde os leitores podem explorar temas de identidade, poder e moralidade através das interações e conflitos entre as duas personagens. A coexistência de Clark Kent e Superman também enfatiza a ideia de que a verdadeira força reside não apenas nos superpoderes, mas na capacidade de equilibrar essas duas facetas da existência. O Superman também pode ser visto como um ponto na discussão da produção em massa de cultura e sua padronização. Por meio de uma visão apocalíptica, o Superman não passa de mais um produto que a indústria cultural cria em quantidade, consumido passivamente pelas massas, promovendo uma homogeneização cultural. Segundo Eco, a cultura de massa tende a simplificar e estereotipar, criando personagens e narrativas que são facilmente compreensíveis e consumíveis. No entanto, ele também reconhece a complexidade e o valor inerente de personagens como Superman. Ele sugere que, apesar de sua criação para consumo em massa, Superman contém profundidades e nuances que refletem preocupações e valores sociais mais amplos.

Essa crítica, no entanto, não é totalmente negativa. Se reconhece, vendo agora de uma forma integrada, que a cultura de massa, ao tornar personagens como Superman amplamente acessíveis, também populariza o acesso a mitos modernos. Superman, com sua distribuição global, se torna um veículo para a disseminação de valores e narrativas que podem inspirar e unir pessoas de diversas origens culturais. Portanto, enquanto Eco aponta para os perigos da padronização cultural, ele também vê o potencial positivo na capacidade da cultura de massa de criar ícones que transcendem fronteiras e promovem uma forma compartilhada de humanidade. Superman, torna-se uma lente através da qual podemos examinar as dinâmicas sociais e culturais da modernidade. Ele é um produto da era industrial, criado em um tempo de grandes mudanças sociais e tecnológicas. A popularidade duradoura de Superman indica um desejo profundo por figuras que oferecem clareza moral e força

em tempos de incerteza. Além disso, a natureza repetitiva e cíclica de suas histórias sugere uma necessidade humana fundamental por constância e estabilidade. O autor vê Superman como um espelho da sociedade que o criou, refletindo tanto suas aspirações quanto suas ansiedades. O personagem encapsula o sonho de um poder benevolente e incorruptível, um ideal que ressoa em um mundo frequentemente marcado por injustiça e corrupção. Ao mesmo tempo, a dualidade de Clark Kent/Superman destaca a luta interna entre a identidade individual e as expectativas sociais. Superman não é apenas um herói, mas um símbolo das tensões e contradições que definem a vida moderna, oferecendo tanto uma válvula de escape quanto um modelo aspiracional para leitores de todas as idades.

A análise sobre Superman em “Apocalípticos e Integrados” oferece uma compreensão profunda de porque este personagem tem um apelo tão duradouro. Ele revela que Superman é mais do que um simples herói de quadrinhos; ele é uma figura mítica que fala às necessidades e desejos mais profundos da humanidade. Através de sua estrutura narrativa cíclica, dualidade de identidade e simplicidade moral, Superman fornece tanto escapismo quanto reflexão, servindo como um farol de esperança e constância em um mundo complexo e em constante mudança. A riqueza da análise reside na sua capacidade de transcender a superfície do entretenimento popular e revelar as complexas interações entre cultura, sociedade e individualidade. Superman não é apenas um produto de consumo, mas um reflexo das profundas necessidades humanas por heróis e narrativas que nos ajudam a entender e navegar pelo mundo em que vivemos. Este olhar perspicaz sobre um dos ícones mais duradouros da cultura pop destaca a importância contínua de Superman e solidifica seu lugar como um verdadeiro mito moderno. Eco destaca como o Superman, um ícone da cultura pop, representa tanto os aspectos positivos quanto os negativos da cultura de massa. Essa abordagem só reforça a ideia sobre como podemos utilizar o cinema, um componente central da cultura de massa contemporânea, como uma lente para discutir questões mais profundas, como o cristianismo.

Assim como explora as oposições entre os apocalípticos e os integrados através do Superman, podemos explorar os temas do cristianismo de maneira similar, utilizando filmes como símbolos e metáforas. Analisando não apenas filmes que retratam histórias bíblicas como “A Paixão de Cristo” de Mel Gibson, mas também

filmes que não abordam tais histórias, mas que também exploram temas de redenção, sacrifício e esperança, temas profundamente ligados à fé cristã. Eco destaca a importância dos signos na cultura de massa, o cinema é uma forma de comunicação poderosa que utiliza uma variedade de signos visuais e narrativos para transmitir mensagens e influenciar o público. Através da análise semiótica, podemos explorar como esses filmes cristãos e não cristãos podem ser utilizados como símbolos e metáforas para transmitir valores e ideias cristãs de uma maneira que faça mais sentido para o público contemporâneo. No entanto, ao analisar Superman através da lente crítica de Horkheimer e Adorno, podemos aprofundar a compreensão do papel desses signos na cultura de massa. Horkheimer e Adorno argumentam que a indústria cultural cria e perpetua figuras como Superman não apenas para entreter, mas também para moldar as atitudes e comportamentos das massas de maneira a manter a ordem social existente. Um herói infalível como Superman não apenas fascina, mas também condiciona o público a aceitar passivamente uma visão de mundo onde as figuras de autoridade (como o próprio Superman) são inquestionáveis e onde a resolução dos problemas é sempre externa, afastando as pessoas da busca por mudanças estruturais ou questionamentos mais profundos.

Horkheimer e Adorno nos fazem refletir sobre a padronização e a repetição incessante na cultura de massa. O formato das histórias de Superman, com sua estrutura repetitiva onde o herói sempre triunfa, pode ser visto como uma forma de condicionamento que promove uma visão cíclica e estática da realidade, onde mudanças verdadeiramente disruptivas são inexistentes. Cada episódio, apesar de suas variações superficiais, reafirma a mesma mensagem central: a ordem será restaurada e o herói sempre prevalecerá. Isso não quer dizer que personagens como Superman sejam inerentemente prejudiciais, ao contrário, eles desempenham um papel significativo na formação do imaginário popular e na transmissão de valores culturais. No entanto, é crucial reconhecer que, dentro da lógica da indústria cultural, esses personagens também servem a interesses comerciais e ideológicos que podem limitar a capacidade crítica do público. Superman, como mito moderno, pode tanto inspirar quanto pacificar, e essa dualidade é o que torna sua análise sob a ótica de Horkheimer e Adorno tão rica e relevante. Portanto, ao considerar o Superman de Umberto Eco, devemos reconhecer tanto seu potencial inspirador quanto os riscos inerentes à sua inserção na cultura de massa como produto da indústria cultural. Ele

é um reflexo poderoso das aspirações e dos valores de uma sociedade, mas também uma ferramenta de conformidade que, ao mesmo tempo, em que entretém, mantém o público num estado de passividade e aceitação das normas vigentes. A chave está em consumir esses mitos com uma consciência crítica, reconhecendo seus valores, mas também questionando as mensagens subjacentes que eles promovem. Além disso, assim como Eco discute a função ideológica da cultura de massa, podemos reconhecer que o cinema muitas vezes desempenha um papel significativo na formação e na disseminação de ideologias, incluindo aquelas relacionadas à religião. Filmes podem ser vistos como veículos para promover e perpetuar certas crenças e valores cristãos, tanto entre os fiéis quanto entre aqueles que estão menos familiarizados com a fé.

Ao analisar criticamente esses filmes, podemos explorar não apenas como eles podem retratar o cristianismo, mas também como moldam a compreensão e a percepção do público sobre a religião. Essa abordagem crítica é essencial para uma compreensão mais profunda do papel do cinema na sociedade contemporânea e de como ele influencia nossas visões sobre questões religiosas e espirituais. Em suma, assim como se utiliza o Superman como símbolo para explorar a cultura de massa em “Apocalípticos e Integrados”, podemos utilizar o cinema como um símbolo para discutir o cristianismo nesse projeto. Reconhecendo a complexidade e a profundidade desses temas. Vamos explorá-los de uma maneira que seja relevante e significativa para o público contemporâneo.

3. CINEMA COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO PEDAGÓGICO

O cinema é reconhecido por sua capacidade única de envolver, informar e inspirar, agora imagine usar isso com alunos em diversas disciplinas. Este capítulo explora duas perspectivas distintas sobre o uso do cinema como instrumento didático pedagógico: uma centrada no ensino de geografia e na sala de aula num geral e outra focada no ensino religioso. Ao analisar essas abordagens, não apenas destacamos os benefícios educacionais do cinema, mas também examinamos os desafios e oportunidades que ele oferece para educadores e estudantes.

No contexto do ensino de geografia e na sala de aula, o cinema emerge como uma ferramenta poderosa para contextualizar conceitos abstratos em cenários reais e culturais. Lucineide Santos Avelino Mol (2015) em seu trabalho e o grupo de pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (2015) em seu trabalho exploram como filmes não apenas ilustram aspectos geográficos, mas também estimulam o pensamento crítico e a reflexão sobre questões socioambientais globais. O cinema vai além da mera transmissão de conteúdo; ele proporciona uma experiência imersiva que cativa os alunos e facilita a compreensão de conceitos complexos como mudanças climáticas, migração global e desenvolvimento urbano. Ao integrar documentários e narrativas cinematográficas ao currículo, os educadores têm a oportunidade de engajar os alunos de maneira multifacetada, fomentando discussões e análises críticas que expandem os limites dos livros didáticos tradicionais. Além disso, o cinema é eficaz para explorar diferentes perspectivas culturais e históricas, oferecendo uma visão das interações entre sociedade e ambiente ao longo do tempo. Filmes que retratam paisagens naturais, desenvolvimento urbano ou desafios socioeconômicos globais ampliam a compreensão dos alunos, promovendo empatia e compreensão intercultural, habilidades cruciais em um mundo cada vez mais interconectado.

No campo do ensino religioso, o cinema emerge como um meio poderoso para explorar temas espirituais e éticos de maneira visual e emocionalmente impactante. Os autores como Johnni Langer em seu Guia Metodológico, Frederico Pieper (2022) em seu Editorial e a dupla Iuri Andréas Reblin e Remí Klein (2013) em seu artigo

destaca como filmes como “A Paixão de Cristo”, “Ben-Hur” (1959) e até “O Show de Truman”, não apenas servem como ferramentas de ensino, mas também catalisam discussões profundas sobre fé, moralidade e diversidade religiosa. Ao incorporar o cinema no ensino religioso, os educadores têm a oportunidade de conectar teoria e prática de maneira visualmente impactante. O poder narrativo e visual do cinema permite que os alunos testemunhem relatos religiosos e éticos de maneira que os livros didáticos não conseguem replicar, enriquecendo sua compreensão e apreciação das crenças religiosas em um contexto global diversificado. No entanto, o uso do cinema no ensino religioso também apresenta desafios éticos e pedagógicos significativos. Educadores devem ser sensíveis à diversidade cultural e religiosa dos alunos, garantindo que as representações cinematográficas sejam tratadas com respeito e rigor acadêmico. Além disso, é crucial que os filmes selecionados inspirem análises críticas e reflexivas, capacitando os alunos a desenvolverem suas próprias interpretações e perspectivas sobre questões religiosas complexas.

Este capítulo oferece uma exploração abrangente do uso do cinema como instrumento didático pedagógico na sala de aula, nas disciplinas de geografia e ensino religioso. Ao examinar como o cinema pode enriquecer o aprendizado em áreas tão diversas, destacamos não apenas sua eficácia educacional, mas também os desafios e responsabilidades inerentes ao seu uso. Ao incorporar filmes de maneira crítica e reflexiva, educadores podem transformar a experiência de aprendizado dos alunos, promovendo uma compreensão mais profunda dos temas abordados. É importante que educadores e pesquisadores considerem o potencial do cinema não apenas como um meio de transmissão de conhecimento, mas como um catalisador para o engajamento intelectual e emocional dos alunos. Ao continuar explorando novas abordagens para integrar o cinema no currículo escolar, podemos criar ambientes de aprendizado mais dinâmicos, inclusivos e significativos para as futuras gerações.

3.1. Uma Compreensão do Cinema como Instrumento Didático Pedagógico

O cinema como recurso pedagógico tem ganhado destaque nas práticas educacionais contemporâneas, oferecendo uma abordagem dinâmica e enriquecedora para o ensino e aprendizagem. Neste capítulo, vamos explorar a importância cultural, social e educacional do cinema com base nas ideias de Lucineide Santos Avelino Mol (2015) e do grupo de pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (2015), escrito por Josefa Eliane de Aquino, Robson Renato Sales do Nascimento, José Ismael da Silva, Vandygna Emiliana Chaves da Silva e Cícero Nilton Moreira da Silva.

O cinema não se limita ao entretenimento; é uma forma de arte poderosa que reflete e molda a sociedade. Mol, em suas pesquisas, destaca como o cinema pode oferecer uma experiência visual e emocional única, conectando os alunos de maneira profunda aos conteúdos curriculares. O grupo de pesquisa da UERN complementa essa visão, enfatizando que o cinema funciona como uma ponte entre o conhecimento acadêmico e a realidade vivida pelos alunos, tornando conceitos abstratos mais tangíveis e relevantes.

Dentro das produções cinematográficas estão contidas uma infinidade de cenas que nos levam a enxergar a realidade. Os filmes podem trazer em si, por exemplo, problemas políticos, econômicos, bem como conflito de interesses culturais e sociais. E, todos esses pontos, podem levar os alunos a relacioná-los com a sua realidade. É claro que não podemos afirmar que o uso do cinema em sala de aula irá resolver todos os problemas relacionados ao ensino da Geografia, mas, devemos o considerar como um excelente aliado. (GRUPO DA UERN, 2015, pág. 4)

Um dos principais benefícios do uso do cinema na educação é sua capacidade de estimular a reflexão crítica e a interpretação. Ao assistir a filmes, os alunos são desafiados não apenas a analisar eventos e personagens, mas também a examinar os temas subjacentes e as mensagens transmitidas pelos cineastas. Mol argumenta que essa prática não só amplia a compreensão dos alunos sobre os assuntos tratados, mas também promove o desenvolvimento de habilidades críticas e interpessoais. Para utilizar o cinema eficazmente como recurso pedagógico, é essencial um planejamento cuidadoso e uma seleção criteriosa de filmes. O grupo de

pesquisa da UERN destaca a importância de escolher filmes alinhados não apenas com os objetivos educacionais, mas também culturalmente relevantes e visualmente estimulantes. Filmes bem selecionados têm o potencial de capturar a atenção dos alunos, facilitar uma conexão emocional com os temas discutidos e enriquecer significativamente a experiência de aprendizagem em sala de aula.

Mol, por meio de suas pesquisas, demonstra como o cinema pode oferecer uma representação rica da realidade, permitindo que os alunos explorem diferentes perspectivas e contextos culturais de maneira acessível e envolvente. O grupo de pesquisa da UERN enfatiza que o cinema não deve ser apenas uma ferramenta didática, mas um recurso educacional que promove uma aprendizagem significativa e crítica.

Os filmes apresentam uma linguagem áudio-visual com uma grande aceitação por parte das crianças e oportuniza um grande potencial de aproveitamento no processo educativo, há temas em que recursos audiovisuais permitem a ativação de sentido que as explicações orais tradicionais não fornecem. Os filmes podem proporcionar uma ampla capacidade de envolvimento, mistura de emoções, além de apresentar riqueza de enredo, ação, música, luz, movimento, mistério, desafio, que enriquecem a prática pedagógica; com a utilização de filmes, percebe-se no aluno maior interesse, participação e melhor assimilação dos temas trabalhados. Porém, várias questões devem ser levadas em consideração para a utilização de filmes na educação, dentre elas deve-se observar os valores inseridos, o incentivo ao consumismo, a linguagem cinematográfica deve ser analisada, que pode conter violência, injustiças, sensualidade, imoralidade, vingança, preconceitos homossexuais, preconceitos raciais, de classe, religioso, contra mulher; a linguagem dos filmes, os símbolos e significados devem ser desvendados pelo professor, portanto é importante que o professor tenha um papel ativo e esteja preparado e com capacidade de interpretação e reflexão do filme desvelando os conceitos e valores apresentados no filme, promovendo nos alunos a capacidade de reflexão e de uma leitura crítica do filme. (MOL, 2015, pág. 11)

Em tese, o cinema se destaca como um recurso educacional poderoso que vai além do entretenimento, proporcionando novas maneiras de explorar conceitos complexos e conectar-se com diversas culturas e realidades. Para compreender completamente o impacto do cinema na educação, é crucial contextualizá-lo historicamente. Desde sua invenção no final do século XIX, o cinema evoluiu além de ser apenas um meio de entretenimento para se tornar uma forma de expressão

cultural e socialmente significativa. No campo educacional, sua importância como uma ferramenta de ensino poderosa reside na capacidade de envolver os alunos de maneira que os métodos tradicionais muitas vezes não conseguem.

Autores como Mol e o grupo de pesquisa da UERN argumentam que o cinema não é apenas uma forma de transmitir informações, mas também uma maneira de explorar questões complexas e multifacetadas que permeiam diversas disciplinas. Ao utilizar filmes, os educadores podem conectar teoria e prática de maneira tangível, proporcionando aos alunos uma experiência de aprendizado mais imersiva e dinâmica.

Os filmes transmitem mensagens que traduzem valores culturais, sociais e ideológicos de uma sociedade e de uma determinada época, dessa forma pode ser um instrumento para estimular as crianças ao conhecimento da cultura geral. Os filmes apresentam variadas temáticas e gêneros e podem ser um rico instrumento pedagógico. Afinal as imagens em movimento, podem ser elementos interessantes para perceber as formas de apresentação da realidade, sob aspectos socioculturais de pessoas inseridas em contextos que podem colaborar na construção do conhecimento. Assim, tratar questões históricas como diversidade cultural, organizações econômicas, povos, cidadania, direitos humanos, sociedade e tantas outras, utilizando os filmes possibilitará aos alunos uma melhor compreensão dos conceitos e a construção de suas percepções como sujeitos históricos. (MOL, 2015, pág. 20)

As potencialidades educacionais do cinema são vastas e variadas. Em primeiro lugar, o cinema consegue captar e transmitir emoções de uma forma que os textos escritos frequentemente não conseguem. Isso é especialmente relevante para disciplinas como literatura, história e ciências sociais, onde a compreensão das emoções humanas e dos contextos históricos pode ser enriquecida por meio de narrativas visuais. Como analisa o grupo de pesquisa da UERN, o cinema permite aos alunos visualizarem conceitos abstratos e complexos de maneira mais acessível e palpável. Por exemplo, ao estudar eventos históricos, os alunos podem assistir a filmes que recriam esses eventos, fornecendo uma compreensão mais profunda das motivações, dilemas e consequências das ações históricas. Além disso, o cinema promove a alfabetização visual, uma habilidade crucial na era digital atual. A capacidade de interpretar e criar significado a partir de imagens em movimento é uma competência essencial para os cidadãos do século XXI, constantemente expostos a uma variedade de mídias visuais.

No entanto, o uso do cinema como recurso pedagógico não está isento de desafios. Questões éticas, como a seleção apropriada de filmes que sejam culturalmente sensíveis e academicamente relevantes, são cruciais. Como o grupo da UERN enfatiza a importância de escolher filmes que não apenas complementem os currículos escolares, mas também respeitem a diversidade cultural e promovam a inclusão. Contudo, existe também o desafio de mediar entre a experiência cinematográfica e os objetivos educacionais específicos. Os educadores devem integrar filmes de maneira que não apenas entretenham, mas também estimulem o pensamento crítico e a reflexão entre os alunos. Isso requer um planejamento cuidadoso e uma abordagem pedagógica estratégica. A abordagem didática no uso do cinema como ferramenta pedagógica é fundamental para compreender como os educadores podem integrar filmes eficazmente no processo de ensino-aprendizagem.

Um dos primeiros passos cruciais ao usar o cinema como recurso pedagógico é o planejamento cuidadoso e a escolha adequada dos filmes. Conforme discutido por Mol e o Grupo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte em seus trabalhos, o planejamento inclui identificar claramente os objetivos educacionais que os filmes ajudarão a alcançar. Isso requer uma compreensão profunda do currículo escolar e das necessidades individuais dos alunos.

Observa-se que os docentes participantes apesar de todas as dificuldades como falta de recursos, falta de investimentos e de formação apresentaram entusiasmo e motivação para escolher e selecionar os filmes de acordo com o conteúdo trabalhado e a realidade da turma, bem como fazer uma pesquisa profunda para o planejamento, e aplicá-lo de forma adequada a fim de despertar a postura crítica em seus alunos, a pesquisa revela que tais postura, contribui para promover aprendizagens significativas. (MOL, 2015, pág. 38)

A seleção dos filmes também desempenha um papel crucial. Educadores devem optar por filmes que não apenas estejam alinhados com os temas discutidos em sala de aula, mas também sejam envolventes e culturalmente sensíveis. Os filmes escolhidos devem incentivar a reflexão crítica, desafiando os alunos a explorar além das narrativas óbvias e a aplicar conceitos aprendidos em novos contextos. O uso do cinema pode ser uma oportunidade para integrar diferentes disciplinas curriculares e

promover uma abordagem interdisciplinar no ensino. Os filmes frequentemente abordam temas que transcendem fronteiras disciplinares, como questões sociais, políticas e ambientais. Ao incorporar filmes em várias disciplinas, os educadores podem enriquecer a experiência de aprendizagem dos alunos, demonstrando como conceitos acadêmicos se relacionam com situações reais.

Ademais, a abordagem interdisciplinar ajuda os alunos a reconhecer conexões entre diferentes áreas do conhecimento, promovendo uma compreensão contextualizada dos temas explorados nos filmes. Isso não apenas torna o aprendizado mais significativo, mas também prepara os alunos para enfrentar desafios complexos reais com uma visão integradora. Ao utilizar o cinema, os educadores podem aplicar diversas estratégias de ensino e aprendizagem para maximizar o impacto educacional dos filmes. Por exemplo, a visualização guiada pode ser utilizada para preparar os alunos antes da exibição do filme, discutindo temas importantes e estabelecendo objetivos de aprendizagem claros. Durante a exibição do filme, pausas estratégicas para discussões e análises críticas podem auxiliar os alunos a processar informações complexas e aplicar conceitos teóricos aprendidos.

Após a visualização, atividades de acompanhamento, como debates em grupo, redação de reflexões críticas e projetos criativos baseados no filme, podem aprofundar ainda mais a compreensão dos alunos e estimular o pensamento crítico. Mol ressalta a importância de avaliar não apenas a compreensão dos conteúdos do filme, mas também o desenvolvimento das habilidades de pensamento crítico, análise e síntese entre os alunos. Uma avaliação eficaz do uso do cinema como recurso pedagógico requer uma abordagem reflexiva e contínua por parte dos educadores. É muito importante que os educadores reflitam sobre a influência dos filmes no engajamento dos alunos, na compreensão dos conceitos ensinados e no desenvolvimento das habilidades de aprendizagem. Isso pode ser feito mediante feedback dos alunos, análise de desempenho em tarefas relacionadas ao filme e observação direta em sala de aula.

Neste lastro, a reflexão contínua permite aos educadores ajustar suas abordagens pedagógicas, identificar áreas de melhoria e explorar novas formas de

integrar o cinema de maneira mais eficaz no currículo escolar. Aprendendo com experiências passadas e adaptando estratégias para atender às necessidades variadas dos alunos, os educadores podem aumentar a eficácia do uso do cinema como uma ferramenta educacional poderosa. É de suma importância então o planejamento cuidadoso, seleção criteriosa de filmes, integração curricular e interdisciplinaridade, estratégias de ensino variadas e avaliação reflexiva. Ao adotar uma abordagem pedagógica informada e criativa, os educadores podem explorar todo o potencial do cinema para enriquecer o ensino-aprendizagem, promovendo o desenvolvimento cognitivo, emocional e crítico dos alunos.

Muitos serão os obstáculos enfrentados pelos educadores ao integrar filmes no processo de ensino-aprendizagem, mas também muitas podem ser as estratégias para superar esses desafios e maximizar os benefícios educacionais. Um dos principais desafios enfrentados pelos educadores ao utilizar o cinema em sala de aula é a disponibilidade de recursos adequados. Nem todas as escolas possuem acesso a equipamentos audiovisuais modernos, como projetores de alta qualidade ou telas adequadas para exibir filmes. Isso pode limitar a capacidade dos educadores de proporcionar uma experiência de visualização de qualidade aos alunos. Além disso, a disponibilidade de filmes educativos e culturalmente relevantes também pode ser um desafio, especialmente em regiões com recursos limitados. É de extrema importância que existam políticas educacionais que garantam o acesso equitativo a materiais audiovisuais e promovam o desenvolvimento de bibliotecas digitais ou recursos online para facilitar o uso do cinema como recurso pedagógico. Outro desafio significativo é o preparo e a capacitação dos educadores para integrar efetivamente o cinema no currículo escolar. Muitos professores podem não estar familiarizados com as técnicas pedagógicas específicas necessárias para utilizar filmes de maneira educativa. Isso inclui habilidades para selecionar filmes apropriados, desenvolver atividades de aprendizagem significativas e facilitar discussões críticas após a visualização.

Portanto, programas de formação contínua e desenvolvimento profissional são essenciais para capacitar os educadores a utilizar o cinema eficazmente. Workshops, cursos online e colaborações interinstitucionais podem auxiliar os professores a adquirir as habilidades necessárias e a compartilhar melhores práticas no uso do cinema como recurso pedagógico. As barreiras culturais e linguísticas também são considerações práticas importantes ao integrar filmes no ensino. Filmes de diferentes

culturas podem apresentar desafios de compreensão para alunos cuja língua materna não é a mesma do filme. Além disso, questões de sensibilidade cultural e representação étnica devem ser consideradas ao selecionar filmes para garantir que todos os alunos se sintam representados e respeitados. Para superar esses desafios, os educadores devem buscar filmes que ofereçam legendas ou dublagem, quando possível, e promover discussões inclusivas que valorizem a diversidade cultural. Estratégias de pré-visualização e contextualização também podem auxiliar os alunos a entender melhor o contexto cultural e histórico dos filmes, facilitando uma experiência educacional enriquecedora e inclusiva. Avaliar o impacto do uso do cinema como recurso pedagógico é outro desafio crítico enfrentado pelos educadores. A importância de desenvolver critérios claros de avaliação que vão além da compreensão superficial do conteúdo do filme. Os educadores devem considerar como os filmes contribuem para o desenvolvimento das habilidades de pensamento crítico, análise de mídia, empatia e compreensão intercultural dos alunos. Além disso, a avaliação deve incluir feedback dos alunos sobre sua experiência com o uso do cinema em sala de aula, identificando áreas de melhoria e ajustando abordagens pedagógicas conforme necessário. A análise de desempenho acadêmico e o progresso dos alunos em habilidades específicas também podem fornecer percepções valiosas sobre a eficácia do uso do cinema como recurso educacional.

Ao enfrentar esses desafios com estratégias informadas e adaptativas, os educadores podem maximizar os benefícios do cinema para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, preparando os alunos para os desafios complexos do século XXI.

3.2. O Ensino Religioso Cristão como Instrumento Didático Pedagógico pelo Cinema

Usar o cinema como ferramenta pedagógica no Ensino Religioso pode oferecer uma abordagem inovadora e rica para a educação moderna. Analisando os 3 trabalhos, respectivamente o Guia Metodológico de Johnni Langer, o Editorial de Frederico Pieper (2022), e o Artigo da dupla Iuri Andréas Reblin e Remí Klein (2013), podemos entender melhor o potencial e os desafios dessa metodologia. Cada um desses autores traz uma visão única, que, quando combinadas, oferecem um panorama abrangente sobre o uso do cinema na educação religiosa.

Langer, em seu Guia Metodológico “Cinema, Religião e Ensino: Guia Metodológico”, destaca a importância de uma abordagem crítica e estruturada ao usar filmes no ensino. Ele argumenta que o cinema não deve ser usado superficialmente, como uma distração ou atividade substituta. Em vez disso, sugere que o cinema deve ser incorporado planejadamente, com objetivos claros e métodos específicos de análise antes, durante e depois da exibição do filme. Ele acredita que o cinema pode sensibilizar, ilustrar e aprofundar conteúdos religiosos. Para ele, filmes podem introduzir novos temas e despertar a curiosidade dos alunos. Além disso, podem revisitar cenários e realidades distantes, permitindo que os alunos visualizem diferentes culturas e períodos históricos. Langer também recomenda a escolha de filmes que abordem diretamente os temas estudados, promovendo discussões críticas e reflexões aprofundadas.

- Cinema como sensibilização: para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade, para motivar novos temas.
- Cinema como ilustração: ajuda a mostrar o que se fala em aula; a compor cenários desconhecidos aos alunos. Ajuda a trazer realidades distantes dos alunos, como o mundo asiático e oriental, ou elementos da religiosidade antiga e medieval.
- Cinema como conteúdo de ensino: vídeo que mostra determinado assunto de forma direta ou indireta. (LAGER, pág.4)

Pieper, em seu editorial “Religião e Cinema”, explora como temas religiosos são representados no cinema e como isso influencia e reflete a sociedade. Ele argumenta que o cinema tem uma relação intrínseca com a religião, tanto na maneira como interpreta símbolos e narrativas religiosas quanto na forma como questiona e provoca reflexões sobre esses temas. Ele cita exemplos de filmes bíblicos épicos de Hollywood, como “Sansão e Dalila” e “Os Dez Mandamentos”, que reafirmam a autoridade dos textos sagrados, bem como filmes como “O Exorcista” e “O Exorcismo de Emily Rose”, que exploram o mal e o diabo de maneiras variadas.

Para trazer para a concretude das imagens, vale citar alguns exemplos. Entre as décadas de 1940 e 1950, Hollywood foi prodigiosa em produzir filmes épicos sobre passagens e personagens bíblicos: Sansão e Dalila (1949); Os dez mandamentos (1956); Ben-Hur (1959); Barrabás (1961) são alguns exemplos. A intenção era produzir filmes de teor “histórico”, com relativa fidelidade à interpretação oficial dos textos bíblicos. Por se tratar de épicos, o poder da divindade é

geralmente representado com raios e trovões. Quanto mais pirotécnicas as demonstrações da presença do divino, mais poderoso ele aparece e mais se reafirma a autoridade dos textos sagrados. [...] Como consequência, o diabo é representado das mais diversas maneiras: como sujeito simpático e engraçado: Olho do diabo (1960), Little Nicky's (2000); cômico e tolo: Bedazzled (2000), Bruxas de Eastwick (1987); obcecado em procriar para manter sua descendência: Bebê de Rosemary (1968), A profecia (1976); possui o corpo humano levando-o à degradação e à loucura: O Exorcista (1973), O Exorcismo de Emily Rose (2005); disposto a fazer algum contrato com os seres humanos: Angel Heart (1987). Não faltaram também filmes que exploraram seu elo com a pornografia: O diabo em Miss Jones (1973), O êxtase do diabo (1977). Essa variedade de leituras causou desconforto naqueles que esperavam reafirmações das leituras sedimentadas. Mesmo os filmes que reforçam o poder eclesiástico também sofreram reprimendas. Assim, por exemplo, em películas de exorcismo, a autoridade do padre como indicado para lidar com essa situação é usualmente reforçada. O líder religioso é chamado para resolver a situação de possessão demoníaca. Mas, nem por isso, esses filmes deixam de receber veredito condenatório por parte das instituições religiosas. (PIEPER, 2022, pág. 2 e 3)

Pieper observa que, mesmo sem uma categoria formal de “filme religioso” em grandes premiações, muitos filmes abordam questões fundamentais da existência humana, conferindo-lhes uma dimensão quase religiosa. Ele sugere que a experiência cinematográfica pode ser comparada à experiência religiosa, especialmente na forma como os filmes criam mitos e heróis que ressoam profundamente com o público.

Iuri Andréas Reblin e Remí Klein, em “Quando a Religião se Faz Arte e Educação: Interfaces com o Imaginário e Possibilidades de Trabalho com o Cinema no Ensino Religioso”, exploram como o cinema pode ser usado para enriquecer a experiência educativa no Ensino Religioso. Eles destacam a importância do imaginário na interface entre religião, arte e educação, propondo métodos pedagógicos específicos para o uso do cinema nas aulas.

Reblin e Klein sugerem que o cinema oferece uma “janela da realidade”, permitindo que os espectadores tenham uma experiência quase real. Eles argumentam que o cinema pode introduzir novos temas, ilustrar realidades distantes e promover discussões e reflexões críticas. A dupla propõe uma estrutura para o ensino com filmes que inclui preparação antes da exibição, observação durante a exibição e análise crítica após a exibição.

O cinema é certamente uma das invenções mais fantástica da história da humanidade e essa extraordinariedade do cinema não se deve apenas ao entretenimento audiovisual e narrativo que ele proporciona, mas, sobretudo, ao fato de ele reunir em um mesmo plano de expressão a imaginação, a criatividade, os sonhos, as visões de mundo, os desejos, os símbolos, as axiologias, as ideologias, as culturas, as linguagens, as técnicas, as tecnologias, as religiões, as ciências. Tudo o que circunda o universo humano pode ser encontrado no cinema em inúmeras proporções e perspectivas sujeitas à história que se quer contar e à visão e à intenção de seu contador. A perfeita sincronia entre a luz, o som e as imagens em movimento atribui ao cinema uma característica singular de janela da realidade. (REBLIN & KLEIN, 2013, pág. 2)

Integrando as perspectivas de Langer, Pieper, Reblin e Klein, fica claro que o cinema possui um grande potencial como ferramenta didática no Ensino Religioso. No entanto, para realizar plenamente esse potencial, é necessário um planejamento cuidadoso e uma abordagem crítica. Os professores devem escolher filmes que não apenas ilustrem conteúdos religiosos, mas também provoquem reflexão e discussão entre os alunos.

Langer destaca que o cinema deve ser usado ativamente e com objetivos pedagógicos claros. Pieper sugere que o cinema pode auxiliar os alunos a explorar questões existenciais e religiosas de uma maneira profunda. Reblin e Klein propõem que o cinema enriqueça a educação ao permitir que os alunos visualizem e compreendam realidades distantes. Um aspecto importante do uso do cinema no Ensino Religioso é a diversidade de representações religiosas que os filmes podem oferecer. Incluir uma ampla gama de tradições religiosas e perspectivas espirituais não apenas enriquece a experiência educativa, mas também promove a tolerância e a compreensão intercultural. Langer sugere que filmes que abordam diferentes religiões e espiritualidades podem ajudar a combater estereótipos e preconceitos. Pieper observa que a diversidade de representações religiosas no cinema pode promover uma compreensão mais holística da espiritualidade humana. Reblin e Klein argumentam que a inclusão de diversos filmes religiosos pode auxiliar os alunos a desenvolver uma compreensão mais crítica e reflexiva das questões religiosas. Apesar das oportunidades, o uso do cinema no Ensino Religioso também apresenta desafios. Planejamento cuidadoso e abordagem crítica são essenciais. Os professores precisam de treinamento adequado para se sentirem à vontade e serem eficazes ao usar filmes em suas aulas. No entanto, esses desafios também

apresentam oportunidades. O uso do cinema pode tornar o Ensino Religioso mais relevante e envolvente para os alunos, ajudando-os a desenvolver habilidades críticas e reflexivas essenciais. Além disso, a inclusão de uma variedade de filmes religiosos pode promover a tolerância e a compreensão intercultural. O cinema no Ensino Religioso oferece uma abordagem inovadora e eficaz para a educação contemporânea. Através das perspectivas de Langer, Pieper, Reblin e Klein, podemos ver como o cinema pode sensibilizar, ilustrar e aprofundar a compreensão dos alunos sobre temas religiosos. Com planejamento cuidadoso e abordagem crítica, o cinema pode enriquecer a experiência educativa e tornar os conteúdos mais relevantes e envolventes para os alunos. Em última análise, o cinema oferece uma janela para o imaginário e uma ponte para a reflexão crítica, tornando-se uma poderosa ferramenta didática no ensino religioso.

Explorar questões de fé e religião através do cinema é uma abordagem educacional interdisciplinar que vai além dos limites dos filmes explicitamente religiosos. O cinema possui uma capacidade única de contar histórias e explorar profundamente questões existenciais e espirituais, permitindo que cristãos e não cristãos investiguem e compreendam diferentes perspectivas sobre fé e religião de maneira envolvente e enriquecedora. O uso do cinema como ferramenta pedagógica mostra que é possível discutir fé e religião, refletindo profundamente sobre valores, crenças e experiências humanas universais. A escolha de filmes para explorar temas de fé e religião deve ser feita com cuidado para abranger uma ampla variedade de perspectivas culturais e filosóficas. Filmes que não são diretamente ligados à religião ainda podem oferecer narrativas profundas que abordam questões fundamentais como crença, moralidade e transcendência.

Por exemplo, “As Aventuras de Pi” (2012), dirigido por Ang Lee, narra a jornada espiritual de um jovem indiano após um naufrágio. A narrativa complexa e simbólica deste filme possibilita debates sobre fé, milagres e a natureza da verdade religiosa. Outro exemplo é “Soul - Uma Aventura com Alma” (2020), dirigido por Pete Docter, que explora questões existenciais e espirituais de maneira acessível para jovens e adultos. A animação oferece uma reflexão sobre o propósito da vida e a interconexão entre corpo, mente e alma. Avaliar o efeito do uso de filmes para explorar fé e religião envolve não apenas medir a compreensão das pessoas sobre os temas discutidos,

mas também examinar como essas experiências influenciam suas atitudes e valores. O próprio debate sobre suas experiências com filmes pode informar ajustes pedagógicos e melhorias contínuas na abordagem do tema. Investigar como as experiências educacionais com filmes influenciam as atitudes das pessoas em relação à fé, espiritualidade e o cristianismo ao longo do tempo pode fornecer visões valiosas para práticas educacionais futuras.

Em conclusão, assim como os filmes podem ser usado de maneira pedagógica no ensino de matérias na escola, também podem ser usado por nós para explorar temas de fé e religião, uma discussão profunda e significativa sobre valores, crenças e experiências humanas universais. Ao escolher filmes com narrativas poderosas e aplicar abordagens pedagógicas eficazes, podemos alcançar pessoas de maneira respeitosa e enriquecedora, promovendo uma compreensão mais ampla e inclusiva da fé, religião e o cristianismo.

4. FÉ CRISTÃ NO CINEMA: ENTRE EVANGELISMO E ALEGORIA

Os filmes escolhidos foram selecionados por suas narrativas impactantes que abordam temas universais, como fé, moralidade, autoconhecimento e responsabilidade, oferecendo perspectivas ricas sobre valores que guiam a vida humana. Como filmes abertamente cristãos foram escolhidos “A Paixão de Cristo”, de Mel Gibson, que mergulha nas últimas horas de vida de Jesus Cristo, retratando o sacrifício extremo em nome da redenção da humanidade, em uma obra que provoca uma reflexão profunda sobre a importância da fé e o significado do sofrimento, sendo um filme que fala diretamente sobre a força espiritual e a salvação, temas que ressoam fortemente em discussões religiosas. Da mesma forma que “Deus Não Está Morto” que revisita a tensão entre fé e ceticismo, apresentando um jovem que desafia o ateísmo de seu professor e defende suas crenças religiosas. Este filme destaca a relevância da liberdade de crença e da força de convicções, questionando a relação entre a razão e a fé.

Como filmes alegoricamente cristãos, “As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” é o maior e mais marcante exemplo nessa categoria, com seu enredo cheio de simbolismos cristãos, especialmente a figura de Aslan, que representa o sacrifício e a ressurreição, sendo um filme que explora a coragem, a lealdade e a redenção, abordando como a esperança pode prevalecer mesmo em tempos sombrios, e “Mãe!”, de Darren Aronofsky, que explora de maneira mais crua e alegórica a relação entre a natureza, a criação divina e a humanidade. A personagem de Jennifer Lawrence representa a Mãe Natureza, e o filme aborda a destruição do mundo por aqueles que abusam da criação divina.

Por fim, nos filmes não deliberadamente cristãos foi escolhida a trilogia de animação “Kung Fu Panda”, que oferece uma abordagem mais leve, mas igualmente profunda, ao tratar de temas como autoconhecimento, aceitação pessoal e perseverança. A jornada do protagonista Po ensina que a verdadeira força vem do equilíbrio interior, lição que pode ser aplicada em diversas áreas da vida, e “Homem-Aranha: Sem Volta Para Casa” que apresenta um herói em conflito com as consequências de suas ações, onde o sacrifício pessoal e a responsabilidade são centrais à sua jornada. O filme provoca reflexões sobre o que significa fazer o bem e

as complexidades envolvidas nas escolhas que moldam nosso destino. Em conjunto, esses filmes oferecem um panorama diverso de reflexões sobre a condição humana, explorando questões fundamentais como o sentido da vida, as implicações de nossas ações e a busca por viver de acordo com princípios éticos e espirituais. Cada obra oferece uma oportunidade única de engajar-se em discussões sobre valores, virtudes e dilemas morais, tornando-os ferramentas valiosas para explorar a espiritualidade e o comportamento humano em diferentes contextos.

4.1. Filmes Cristãos

Nesse “primeiro nível” do debate serão abordados os Filmes Cristãos, mas o que faz de um filme um “Filme Cristão”? Existem muitas produções cinematográficas que podem ser categorizadas como produções abertamente cristãs por vários motivos, sejam produções que abordam diretamente histórias bíblicas, como a aclamada série “The Chosen” (2017-2024) ou até histórias que não mostram figuras bíblicas há mais de 2 mil anos, como “Desafiando Gigantes” (Alex Kendrick, 2006) que conta a história de um treinador de futebol americano com problemas pessoais, além dos pais de seus alunos que querem forçar a escola a substituí-lo, e apesar de tudo isso ele usa sua fé para inspirar a equipe a vencer obstáculos, ou o filme “A Prova de Fogo” (Alex Kendrick, 2008), que segue a história de um bombeiro focado de mais em seu trabalho com muitos problemas matrimoniais, que decide seguir os conselhos de um livro para dar uma última chance para seu casamento.

Em suma, um filme cristão é uma produção cinematográfica que aborda temas relacionados à fé cristã, ensinamentos bíblicos e valores cristãos. Esses filmes geralmente buscam transmitir mensagens de esperança, redenção, perdão e amor, muitas vezes focando em histórias de personagens que enfrentam desafios espirituais ou pessoais e encontram força ou soluções através da fé em Deus. Os filmes cristãos podem ser usados como ferramenta de evangelização ou para edificação da fé de quem já é cristão, nesse trabalho analisamos dois filmes cristãos “A Paixão de Cristo” (Mel Gibson, 2004) representando os filmes com histórias bíblicas, e “Deus Não Está Morto” (Harold Cronk, 2014) do lado dos filmes sobre pessoas usando suas fés para enfrentar seus dilemas pessoais.

“A Paixão de Cristo”, dirigido por Mel Gibson, retrata os eventos finais da vida de Jesus Cristo, concentrando-se nas 12 horas que antecedem sua crucificação. O filme acompanha sua prisão, julgamento e o caminho doloroso até o Calvário, onde é crucificado. Baseado nos relatos dos Evangelhos, a obra é marcada por um rigoroso realismo histórico e uma representação visualmente intensa do sofrimento de Cristo, reforçada pelo uso das línguas originais da época, como o aramaico e o latim. A escolha deste filme para análise nessa pesquisa sobre filmes cristãos se justifica por seu impacto cultural e religioso. “A Paixão de Cristo” não apenas recria com precisão um dos momentos mais importantes do Cristianismo, a crucificação de Jesus, mas também incorpora diretamente os valores e temas centrais da fé cristã, como sacrifício, redenção e salvação. Além disso, o filme alcançou enorme repercussão global, sendo um marco no gênero de filmes cristãos, tanto pela sua estética cinematográfica quanto pela maneira como suscitou discussões sobre a representação da fé no cinema contemporâneo.

“Deus Não Está Morto” (2014), dirigido por Harold Cronk, narra a história de Josh Wheaton, um jovem estudante universitário cristão que se encontra desafiado por seu professor de filosofia, o qual exige que os alunos declarem “Deus está morto” para passar na disciplina. Recusando-se a negar sua fé, Josh enfrenta uma série de debates acadêmicos com o professor, defendendo a existência de Deus e desafiando a visão ateísta de seu oponente. O filme também entrelaça diversas subtramas que abordam questões de fé, dúvidas e desafios espirituais enfrentados por outros personagens. A escolha de “Deus Não Está Morto” para este estudo sobre filmes cristãos é particularmente relevante devido à sua abordagem explícita de temas como a fé cristã no ambiente acadêmico e o confronto entre crenças religiosas e o ceticismo moderno. A narrativa reflete a luta pela liberdade de crença e a defesa da fé em um contexto contemporâneo, o que ressoa com a realidade de muitos cristãos que enfrentam desafios semelhantes em suas vidas diárias. O sucesso do filme e seu efeito cultural também são elementos significativos, ao abrir um debate mais amplo sobre a presença e o papel do cristianismo na sociedade moderna, tornando-se um ponto de referência para o gênero de filmes cristãos apologéticos.

4.1.1. “A Paixão de Cristo”

“A Paixão de Cristo” (The Passion of the Christ, 2004), dirigido por Mel Gibson e lançado em 2004, é uma das mais impactantes representações cinematográficas dos últimos momentos da vida de Jesus Cristo, desde a sua prisão no Jardim das Oliveiras até a sua crucificação e ressurreição. O filme, falado em aramaico, latim e hebraico, foi um projeto ousado que dividiu opiniões por sua brutalidade gráfica e forte mensagem religiosa. Para os cristãos, este filme se tornou um marco por sua tentativa de retratar com fidelidade a última jornada de Cristo, especialmente no que tange ao seu sofrimento (paixão). Como está escrito em Isaías: “Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, e esmagado por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos sarados.” (Bíblia [...], 2023. Isa. 53, 5, p. 1067-1068).

Figura 1 - Jesus (Jim Caviezel) e o Diretor Mel Gibson



Fonte: Newmarket Films

A resenha a seguir explora os detalhes da trama, a construção dramática, e a importância religiosa e cultural do filme para os cristãos.

O enredo de A Paixão de Cristo foca nas últimas 12 horas da vida de Jesus, baseando-se principalmente nos relatos dos Evangelhos. O filme começa com Jesus (Jim Caviezel) no Jardim do Getsêmani, em profunda oração, já ciente do destino que o espera. Em Mateus, a oração de Jesus é representada de forma fiel: “[...] Meu Pai, se possível, que passe de mim este cálice! Contudo, não seja como eu quero, mas

sim como tu queres.” (Bíblia [...], 2023. Mt. 26, 39, p. 1445). O local escolhido por Gibson, com sua iluminação sombria e atmosfera opressiva, captura a tensão espiritual do momento. Jesus luta internamente entre sua humanidade e seu chamado divino. A cena é interrompida pela traição de Judas Iscariotes (Luca Lionello), que leva os soldados romanos até Jesus, cumprindo o que havia sido profetizado por Zacarias: “Eu lhes disse: - Se estiverem de acordo, paguem o meu salário; se não, deixem por isso mesmo. Então pesaram o meu salário: Trinta moedas de prata.” (Bíblia [...], 2023. Zac. 11, 12, p. 1385).

Após ser capturado, Jesus é levado aos líderes religiosos judaicos, onde é acusado de blasfêmia por se declarar o Filho de Deus. Ele é então apresentado a Pôncio Pilatos, o governador romano, que hesita em condená-lo. Em João lemos: “Por isso, Pilatos tomou Jesus e mandou açoitá-lo. Os soldados teceram uma coroa de espinhos e a puseram na cabeça de Jesus. Também o vestiram com um manto de púrpura.” (Bíblia [...], 2023. Jo. 19, 1-2, p. 1582-1583). Pilatos, pressionado pela multidão e pelos líderes religiosos, tenta apaziguar a situação mandando açoitar Jesus, esperando que isso fosse suficiente para aplacar a fúria do povo. Porém, os gritos de “crucifica-o” aumentam, levando Pilatos a lavar as mãos da decisão, simbolizando sua tentativa de se eximir de responsabilidade.

Vendo Pilatos que nada conseguia e que, ao contrário, o tumulto aumentava, mandou trazer água e lavou as mãos diante do povo, dizendo: - Estou inocente do sangue deste homem; fique o com vocês. E o povo todo respondeu: - Que o sangue dele caia sobre nós e sobre os nossos filhos! Então Pilatos lhes soltou Barrabás. E, depois de mandar açoitar Jesus, entregou para ser crucificado. (Bíblia [...], 2023. Mt. 27, 24-26, p. 1448).

Jesus, espancado e desfigurado, carrega a cruz pelas ruas de Jerusalém até o Calvário. Durante esse percurso, o filme destaca o caminho de dor de Cristo, conhecido como “Via Dolorosa”, e sua interação com figuras como Simão de Cirene, o qual é forçado a ajudar a carregar a cruz, e uma mulher piedosa, que enxuga o rosto de Jesus, deixando impresso seu semblante em seu pano. A crucificação, ponto central do filme, é mostrada em detalhes perturbadores, com Jesus pregado à cruz e erguido em meio à zombaria dos soldados romanos.

O povo estava ali e observava tudo. Também as autoridades zombavam e diziam: - Salvou os outros. Que salve a si mesmo, se é, de fato, o Cristo de Deus, o escolhido. Igualmente os soldados zombavam dele e, aproximando-se, trouxeram-lhe vinagre, dizendo: - Se é o rei dos judeus, salve a si mesmo. Acima de Jesus estava a seguinte inscrição: “ESTE É O REI DOS JUDEUS”. (Bíblia [...], 2023. Lc. 23, 35-38, p. 1541).

No ponto culminante da crucificação, Jesus clama: “[...] Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. [...]” (Bíblia [...], 2023. Lc. 23, 34, p. 1541). Esse momento de perdão exemplifica a mensagem central do cristianismo: o sacrifício de Jesus como um ato de redenção e perdão pelos pecados da humanidade. O filme termina com a morte de Jesus, acompanhada por sinais cósmicos de luto, e com um breve vislumbre de sua ressurreição, como é descrito em Lucas: “[...] Ele não está aqui, mas ressuscitou. [...]” (Bíblia [...], 2023. Lc. 24, 6, p. 1542). Um dos elementos mais marcantes de “A Paixão de Cristo”, e um de seus signos mais importantes, é o seu realismo visual e estético. Mel Gibson opta por uma abordagem crua e visceral, que coloca o espectador no centro do sofrimento físico de Jesus. A cinematografia, combinada com o uso de idiomas originais como o aramaico, cria uma atmosfera de autenticidade histórica. A violência gráfica, particularmente nas cenas de tortura, reflete o cumprimento das Escrituras, como em Salmos, lá no Antigo Testamento: “Cães me cercam; um bando de malfeitores me rodeiam; transpassaram-me as mãos e pés.” (Bíblia [...], 2023. Sl. 22, 16, p. 806).

A trilha sonora de John Debney, um dos maiores signos do filme, contribui para a intensidade emocional do filme. Com sons profundos e corais, a música realça a dimensão espiritual dos eventos, ligando o espectador às emoções de dor e redenção que permeiam toda a narrativa. As cenas em câmera lenta e os flashbacks que relembram momentos importantes da vida de Jesus, como a Última Ceia, adicionam profundidade ao sofrimento presente.

O impacto de A Paixão de Cristo na comunidade cristã foi profundo. Para muitos cristãos, o filme representa a mais fiel representação do sacrifício de Jesus, algo que muitas outras produções não conseguiram capturar com a mesma intensidade. A narrativa da paixão, conforme contada nos Evangelhos, é o centro do

cristianismo, ao representar o cumprimento das profecias do Antigo Testamento e o ato final de amor de Deus pela humanidade, como visto em João, em um dos versículos mais importantes, se não o mais importante, resumindo toda a bíblia em poucas palavras: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (Bíblia [...], 2023. Jo. 3, 16, p. 1549). Muitos cristãos viram o filme como uma forma de conectar-se espiritualmente com os últimos momentos de Cristo, experimentando, ainda que indiretamente, o seu sacrifício. Para alguns, assistir ao filme foi uma experiência religiosa, uma oportunidade de lembrar a profundidade da fé e o significado da cruz. A carta do Apóstolo Paulo aos Hebreus oferece uma perspectiva sobre esse sacrifício: “Olhando firmemente para o autor e consumidor da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, sem se importar com a vergonha, e agora está sentado à direita do trono de Deus.” (Bíblia [...], 2023. Heb. 12, 2, p. 1761). Apesar de seu impacto positivo para muitos cristãos, o filme foi alvo de críticas e controvérsias. Acusações de antissemitismo surgiram, particularmente por conta da forma como os líderes judeus são retratados como os principais responsáveis pela condenação de Jesus. A comunidade judaica apontou que o filme reforça estereótipos antigos que culpam os judeus pela morte de Cristo, uma ideia que a Igreja Católica se esforçou para corrigir ao longo dos séculos. No entanto, é importante lembrar as palavras de Jesus em João: “Ninguém tira a minha vida; pelo contrário, eu espontaneamente a dou [...]” (Bíblia [...], 2023. Jo. 10, 18, p. 1567). Além disso, a violência gráfica foi motivo de debate. Alguns teólogos e críticos de cinema argumentaram que o foco excessivo no sofrimento físico de Jesus poderia obscurecer outras dimensões importantes de sua vida e mensagem, como seus ensinamentos sobre o amor, o perdão e a misericórdia.

“A Paixão de Cristo” é um filme que marcou a história do cinema religioso por sua intensidade e realismo ao retratar os momentos finais da vida de Jesus. Para os cristãos, o filme é um lembrete vívido do sacrifício de Cristo, uma representação cinematográfica do amor divino que culmina na crucificação e, finalmente, na ressurreição. No Livro de Romanos, temos um resumo da importância desse evento: “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores.” (Bíblia [...], 2023. Jo. 5, 8, p. 1649).

Embora o filme tenha gerado controvérsias, sua importância para os cristãos é inegável. Ele convida os fiéis a refletirem sobre a paixão de Cristo de uma maneira profundamente pessoal, evocando tanto compaixão quanto gratidão pelo sacrifício que trouxe salvação à humanidade. “A Paixão de Cristo” continua sendo uma obra de referência no cinema religioso e uma experiência cinematográfica que ressoa fortemente com aqueles que compartilham da fé em Jesus Cristo.

4.1.2. “Deus Não Está Morto”

“Deus Não Está Morto” (God’s Not Dead, 2014), dirigido por Harold Cronk, aborda temas de fé, ciência e liberdade religiosa, sendo um dos filmes contemporâneos mais significativos dentro do contexto do cinema cristão. A trama central gira em torno de Josh Wheaton (Shane Harper), um estudante universitário que desafia seu professor de filosofia ateu, Jeffrey Radisson (Kevin Sorbo), em um debate sobre a existência de Deus. A partir desse confronto, vários núcleos de personagens são explorados, cada um lidando com questões de fé e crença em Deus de maneiras diferentes. Porém, uma frase motiva Josh a seguir em frente com sua defesa da fé, uma citação do famoso escritor cristão C.S. Lewis: “Só um risco real testa a realidade de uma fé.”

O filme é dividido em vários núcleos de personagens, cada um lidando com questões diferentes, mas todos interligados pelo tema da fé. O personagem principal, Josh Wheaton, é um jovem cristão matriculado em uma aula de filosofia. Logo no início do curso, o professor Radisson, ateu convicto, exige que seus alunos assinem uma declaração afirmando que “Deus está morto” para prosseguir com o semestre. Josh, fiel a suas crenças, recusa-se a assinar o documento, levando o professor a desafiá-lo a defender sua fé em um debate perante a turma, onde a mesma, que já tinha sido convencida pelo professor da morte de Deus, deveria dizer após os três seminários de Josh se Deus existia ou não.

Figura 2 - O Professor Radisson (Kevin Sorbo) e Josh (Shane Harper)



Fonte: Pure Flix Entertainment

A jornada de Josh é marcada pela citação de C.S. Lewis, que o inspira a perceber a seriedade de sua fé e a urgência de defendê-la em um mundo cada vez mais secular. No processo, ele enfrenta não apenas a oposição intelectual do professor, mas também a pressão de sua namorada, que teme que ele perca o foco nos estudos. Ele é encorajado a continuar sua defesa da fé pelo reverendo Dave (David A.R. White), que lhe cita Mateus: “Portanto, todo aquele que me confessar diante dos outros, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante das pessoas, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus.” (Bíblia [...], 2023. Mt. 10, 32-33, p. 1413). Ao longo dos debates, Josh usa argumentos filosóficos e científicos para demonstrar que a crença em Deus é racional. Ele cita evidências da ciência moderna, como a teoria do Big Bang e a complexidade da vida, para argumentar que a existência de Deus é não apenas possível, mas provável. Durante o confronto final, o professor Radisson revela sua dor pessoal ao confessar que sua suposta descrença em Deus foi motivada pela morte de sua mãe, o que o levou a culpar Deus por suas perdas, revelando então que ele cria já que não se pode culpar algo inexistente.

Outro núcleo importante é o da jornalista Amy Ryan (Trisha LaFache), diagnosticada com câncer terminal. No início do filme, Amy é retratada como uma pessoa cínica, sempre com a vida muito corrida, voltada para a carreira e dedicada a confrontar os cristãos por meio de entrevistas agressivas. Ela desdenha da fé alheia até que sua própria mortalidade a força a reavaliar sua vida e suas crenças. Ao ser

abandonada por seu namorado, o empresário Mark (de quem falaremos adiante), Amy começa a questionar seu propósito. Sua história oferece uma reflexão profunda sobre como a dor pode abrir espaço para a fé, ecoando o tema central do filme de que Deus está presente mesmo nos momentos mais difíceis. Mark (Dean Cain) é um empresário de sucesso, egoísta e desprovido de empatia, que vive em função do lucro. Ele termina seu relacionamento com Amy quando descobre sua doença, demonstrando sua completa falta de compaixão. O comportamento de Mark também se reflete em sua relação com sua mãe, que sofre de demência. Em uma das cenas mais profundas do filme, a mãe de Mark, embora debilitada, pronuncia uma mensagem de sabedoria espiritual que confronta o materialismo e a vaidade do filho, sugerindo que a justiça de Deus eventualmente alcança todos. A luta de Mark é um reflexo do orgulho humano e da rejeição a Deus em nome do sucesso terreno, destacando a fragilidade e a insatisfação inerentes a uma vida sem fé. Por outro lado, Mina (Cory Oliver), irmã de Mark e namorada do professor Radisson, é uma cristã devota, que também sofre nas mãos daqueles que a cercam. Embora Radisson a trate com desprezo devido a suas crenças, ela mantém firme sua fé. Mina acaba rompendo com Radisson à medida que percebe que seu relacionamento é baseado em controle e não em respeito mútuo, representando a liberdade que a fé proporciona em contraste com as amarras das relações humanas disfuncionais.

O reverendo Dave atua como uma figura central de apoio espiritual no filme. Ele é o conselheiro de Josh e de outras personagens que enfrentam crises de fé. Em sua conversa com Josh, ele o encoraja também com as palavras de Lucas: “[...] Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão.” (Bíblia [...], 2023. Lc. 12, 48, p. 1519). Este versículo reforça o chamado de Josh para defender sua fé, destacando a responsabilidade que ele tem de usar seu conhecimento e oportunidade para glorificar a Deus. O reverendo Dave também vive um pequeno arco narrativo com o reverendo Jude (Benjamin Onyango), um missionário da África, ambos estão indo tirar férias na Disneyland quando enfrentando pequenos desafios do cotidiano que os impedem de ir para suas férias, embora os seus desafios pareçam triviais, ilustram a importância da paciência e da fé nos momentos mais simples da vida. Juntos, eles simbolizam o apoio da Igreja àqueles que estão no campo de batalha espiritual. E no fim do filme, quando eles conseguem começar finalmente a se deslocar para o parque temático, eles se

encontram no local e momento exato para salvar uma alma. Mostrando que desde o início, Deus os manteve na cidade por esse motivo, fazendo com que partissem para suas férias dias depois, e não no início do filme.

Ayisha (Hadeel Sittu) é uma jovem muçulmana que secretamente se converte ao cristianismo. Sua trama aborda a tensão entre a fé pessoal e as expectativas culturais e familiares. Quando seu pai descobre que ela se converteu ao cristianismo, Ayisha é expulsa de casa em uma cena emocional que destaca a perseguição que muitos cristãos enfrentam por suas crenças. A história de Ayisha serve como um lembrete do sacrifício que muitos fazem para seguir a Cristo, ecoando as palavras de Jesus em Mateus sobre o custo de ser um discípulo.

Quem ama o seu pai ou a sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama o seu filho ou a sua filha mais do que a mim não é digno de mim e quem não toma a sua cruz, e não vem após mim, não é digno de mim. Quem acha a sua vida a perderá; e quem perde a vida por minha causa, esse a achará.” (Bíblia [...], 2023. Mt. 10, 37-39, p. 1413).

A estrutura narrativa do filme é construída em torno de múltiplas histórias, todas convergindo para o tema central da existência de Deus e a defesa da fé cristã. O filme utiliza uma abordagem dramática e sentimental para engajar os espectadores, misturando argumentos filosóficos e científicos com histórias de redenção pessoal. Novamente a trilha sonora atua como um grande signo, muito atrelada a edição do filme, que ajudam a intensificar o drama, especialmente nas cenas dos debates entre Josh e o professor Radisson. A cinematografia é direta, sem floreios visuais excessivos, deixando o foco na mensagem do filme e nas questões levantadas sobre fé, verdade e moralidade.

“Deus Não Está Morto” é uma obra que conecta o público cristão de maneira muito direta. O filme não apenas aborda a luta de um jovem para defender sua fé, mas também toca em questões contemporâneas sobre a liberdade religiosa, o ceticismo acadêmico e os desafios que os cristãos enfrentam no mundo moderno. A defesa de Josh reflete o chamado bíblico em 1 Pedro: “[...] estando sempre

preparados para responder a todo aquele que pedir razão da esperança que vocês têm.” (Bíblia [...], 2023. 1 Pe. 3, 15, p. 1773).

O impacto do filme entre os cristãos foi significativo, inspirando muitos a reafirmarem sua fé e a se engajarem em discussões sobre a existência de Deus de forma corajosa e fundamentada.

Este é um filme que, embora tenha recebido críticas mistas, se estabeleceu como uma obra importante no cinema cristão contemporâneo. Com suas múltiplas histórias interligadas, o filme aborda diferentes aspectos da fé, desde a defesa intelectual até os sacrifícios pessoais que ela exige. As mensagens de Mateus 10:32-33 e Lucas 12:48, faladas pelo reverendo Dave, ecoam como lembretes da responsabilidade que os cristãos têm de confessar e viver sua fé. Através de suas histórias e personagens, o filme desafia os espectadores a refletirem sobre a relevância e a profundidade da crença em Deus, em um mundo que muitas vezes parece querer apagá-lo.

4.2. Filmes Alegoricamente Cristãos (ou Alegórico-Cristão)

Seguindo para o “segundo nível” dos filmes escolhidos para o debate estão os Filmes Alegóricos, os quais são filmes cristãos “mascarados”, filmes com histórias cristãs nas camadas mais profundas do enredo do filme, ou seja, filmes que são na totalidade um grande signo cristão, que normalmente são produzidos por cristãos, como “Até o Último Homem” (Mel Gibson, 2016) que conta a história de um soldado da Primeira Guerra Mundial que queria ir para guerra, não para matar, mas sim para salvar vidas, produzido, escrito e dirigido por Mel Gibson, o qual é publicamente católico. Também temos os filmes que não tem o intuito de ser uma alegoria direta, mas que sua história faz com que se entenda esse lado cristão “escondido”, como a saga de “O Senhor dos Anéis” (Peter Jackson, 2001-2003), que conta a história da luta contra o mal na Terra-média, uma terra fantástica onde vivem várias raças, como humanos, anões, elfos e hobbits, o produtor, roteirista e diretor dos 3 longas, Peter Jackson não se considera uma pessoa particularmente religiosa e não fez os filmes para serem, porém, J. R. R. Tolkien, o escritor original da obra era abertamente

católico, e colocou em suas histórias muito do que o fascinava na trajetória bíblica, do gênesis a Cristo.

Resumindo, Filmes Alegórico-Cristãos contam histórias que na primeira camada não são cristãs, mas que ao investigar profundamente têm muitas coisas escondidas que as tornam muito mais ricas e interessantes. Nessa categoria foram escolhidos, novamente, dois filmes, o primeiro “As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” (Andrew Adamson, 2005) conta a história de quatro irmãos que descobrem um guarda-roupa mágico que os leva ao mundo fantástico de Nárnia, assim como “Senhor dos Anéis” nenhum dos envolvidos fez o filme para ser um filme abertamente cristão, porém seu escritor original, C. S. Lewis, era abertamente cristão protestante e fez “As Crônicas de Nárnia” como uma grande alegoria a Cristo. E o segundo filme, “Mãe!” (Darren Aronofsky, 2017) que conta a história de um casal que vive em uma casa no campo, onde a esposa restaura o local após um incêndio e o marido tenta recuperar a inspiração para escrever, sendo claramente uma alegoria bíblica que abrange desde a criação do mundo até o fim dos tempos.

“As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” (2005), dirigido por Andrew Adamson e baseado no clássico literário de C.S. Lewis, conta a história de quatro irmãos, Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia que, durante a Segunda Guerra Mundial, são transportados para o mundo mágico de Nárnia através de um guarda-roupa. Nesse mundo, eles se aliam ao leão Aslan para libertar Nárnia do domínio da Feiticeira Branca, que mantém a terra em um inverno eterno. Este filme se encaixa na segunda parte do estudo por sua natureza alegórica ao cristianismo. A história de Aslan, que se sacrifica voluntariamente para salvar Edmundo, é um grande signo de Jesus Cristo, ecoando temas de redenção, sacrifício e ressurreição. Aslan não só morre para redimir as ações de Edmundo, que traiu seus irmãos e caiu nas tentações da Feiticeira, mas também ressuscita, representando a vitória do bem sobre o mal e a vida eterna – temas centrais da teologia cristã.

A escolha de “As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” é significativa para o estudo de filmes alegóricos ao cristianismo, ao explorar essas verdades espirituais de maneira simbólica e acessível, utilizando uma narrativa de

fantasia. C.S. Lewis, o autor original, era um apologista cristão, e suas intenções de criar uma história que ressoasse com os princípios cristãos estão claramente evidenciadas, tanto no livro quanto em sua adaptação cinematográfica. Assim, o filme funciona como um exemplo paradigmático de como temas e mensagens cristãs podem ser transmitidos indiretamente, mas poderosa, em produções de fantasia popular.

“Mãe!”, dirigido por Darren Aronofsky, é uma obra carregada de simbolismo e metáforas que, à primeira vista, parece um suspense psicológico, mas, ao ser analisada mais profundamente, revela-se uma densa alegoria sobre a criação, destruição e a relação entre humanidade e divindade. O filme segue a história da Mãe (Jennifer Lawrence) e seu marido Ele (Javier Bardem), um poeta em busca de inspiração, enquanto eventos cada vez mais estranhos e perturbadores acontecem em sua casa. A narrativa evolui de maneira caótica, culminando em momentos de extrema violência e sacrifício. “Mãe!” se encaixa na análise de filmes alegóricos ao cristianismo por sua rica simbologia bíblica. A personagem de Javier Bardem pode ser vista como uma representação de Deus, enquanto Jennifer Lawrence simboliza a Mãe Natureza ou a Terra. O filme segue um arco que pode ser interpretado como a recriação dos eventos bíblicos, começando com Gênesis (a criação da casa e do “paraíso”), passando pelo aparecimento de Adão e Eva (representados por personagens secundários), o pecado original e o fratricídio (simbolizados por seus filhos), até culminar no nascimento de uma criança, que representa uma espécie de “Cristo”, sendo sacrificado brutalmente. A destruição final da casa pode ser interpretada como uma metáfora para o Apocalipse.

A escolha de “Mãe!” para este estudo é crucial por sua abordagem provocativa e não convencional de temas religiosos e espirituais. Ao contrário de outros filmes que tratam a fé de forma direta ou simbólica clara, “Mãe!” utiliza uma narrativa visceral e desconcertante para explorar conceitos cristãos, como criação, sacrifício e a relação entre Deus e a humanidade. Sua complexidade interpretativa e a maneira com que subverte expectativas sobre como esses temas são retratados no cinema fazem dele uma obra central para entender o alcance e a profundidade das alegorias cristãs no cinema moderno.

4.2.1. “As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”

“As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” (The Chronicles of Narnia : The Lion, the Witch and the Wardrobe, 2005) dirigido por Andrew Adamson, é baseado na obra homônima de C.S. Lewis, um renomado autor cristão. Lewis, que se converteu ao cristianismo na fase adulta, era conhecido por usar a literatura para explorar questões espirituais e filosóficas. Em “As Crônicas de Nárnia”, ele criou um mundo de fantasia repleto de simbolismo cristão, que serviu como uma forma acessível e envolvente de comunicar as verdades espirituais. O próprio Lewis descrevia Nárnia como uma “história para crianças” que contém “verdades mais profundas”.

O enredo de “As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” é construído com uma narrativa que reflete temas cristãos fundamentais disfarçados em seus signos, representando o conflito entre o bem e o mal, a necessidade de redenção e a esperança de renovação. A trama começa com os quatro irmãos Pevensie, Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia (William Moseley, Anna Popplewell, Skandar Keynes e Georgie Henley, respectivamente) sendo evacuados de Londres durante os bombardeios da Segunda Guerra Mundial, indo parar na casa do excêntrico Professor Kirke (Jim Broadbent) no interior da Inglaterra. A mudança de ambiente, do caos da guerra para a tranquilidade do campo, já simboliza uma transição de um mundo sombrio e opressor para a descoberta de algo maior e mais misterioso.

Figura 3 - Edmundo (Skandar Keynes), Pedro (William Moseley), Susana (Anna Popplewell), e Lúcia (Georgie Henley) em Nárnia.



Fonte: Walden Media e a Walt Disney Pictures

O primeiro contato com Nárnia é feito por Lúcia, que encontra um guarda-roupa enquanto tenta se esconder dos irmãos, durante uma brincadeira de esconde-esconde. O guarda-roupa serve como portal para a terra mágica e pode ser visto como um símbolo da busca espiritual, uma passagem para um novo reino de existência. Na Bíblia, existe a ideia de que entrar no Reino de Deus requer uma mudança de perspectiva, um novo nascimento, conforme explicado em João: “Jesus respondeu: em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.”(Bíblia [...], 2023. Jo. 3, 3, p. 1549).

Quando Lúcia entra em Nárnia, encontra um cenário coberto de neve, as cores frias e os tons pálidos predominantes nas cenas ambientadas durante o inverno reforçam a ideia de desolação e morte espiritual. A falta de cor e vida enfatiza o controle opressor da Feiticeira Branca sobre Nárnia, contrastando com os momentos em que a primavera começa a se manifestar, sinalizando a chegada de Aslan. A mudança gradual da paisagem, quando a neve derrete e as flores começam a florescer, representa a renovação espiritual e a vinda da esperança, associada com a presença do Salvador. O fato de Nárnia estar em um “inverno sem fim” simboliza a condição de um mundo caído, onde o mal prevalece e a esperança parece distante. A chegada dos irmãos à terra mágica é acompanhada por profecias sobre “Filhos de Adão e Filhas de Eva”, indicando que sua vinda é essencial para trazer mudança e libertação. Essa profecia evoca a promessa bíblica de salvação por meio da humanidade, que seria cumprida na figura de Jesus Cristo, o “último Adão”. “Pois assim está escrito: “O ”Primeiro, Adão, se tornou um ser vivente.” Mas o último Adão é o espírito vivificante.” (Bíblia [...], 2023. 1 Co. 15, 45, p. 1684).

Em Nárnia, Lúcia conhece o fauno Sr. Tumnus (James McAvoy), que conta para a menina que aquele reino mágico agora se encontra nas garras da Feiticeira Branca (Tilda Swinton), cujo verdadeiro nome é Jadis, ela exerce um domínio de ferro sobre Nárnia, mantendo o reino em um inverno perpétuo. Sua figura é uma representação do mal e da tentação, similar à figura de Satanás na teologia cristã, que tenta os humanos e visa destruir a criação de Deus. Jadis oferece prazeres imediatos, como o manjar turco para Edmundo, que sucumbe à tentação, revelando a natureza humana caída que cede ao pecado. A Feiticeira também é conhecida por

distorcer a verdade e usar de engano para manter seu poder, característica que a aproxima do “pai da mentira” descrito por João, “[...] Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.” (Bíblia [...], 2023. Jo. 8, 44, p. 1563). Quando promete a Edmundo que ele se tornará rei e governará sobre seus irmãos, ela apela para seu orgulho e desejo por poder, espelhando a tentação de Cristo no deserto, onde o diabo oferece todos os reinos do mundo em troca de adoração, “O diabo ainda levou Jesus a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e disse: - Todo isso lhe darei se, você me adorar.” (Bíblia [...], 2023. Mt. 4, 8-9, p. 1401).

O personagem de Edmundo é central na narrativa, pois um signo para a condição humana pecaminosa e a necessidade de redenção. Ele trai seus irmãos ao ser enganado pela Feiticeira, que usa sua ganância e fraqueza para controlá-lo. No cristianismo, a traição de Edmundo remete ao pecado original, onde a busca pelo prazer e pela satisfação pessoal leva à queda do homem. Edmundo não apenas cede à tentação, mas também rejeita sua família, distanciando-se dos laços que o mantêm no caminho certo.

Figura 4 - A Feiticeira Branca (Tilda Swinton) e Edmundo (Skandar Keynes).



Fonte: Walden Media e a Walt Disney Pictures

Quando Aslan (Liam Neeson) intervém para salvar Edmundo, mesmo sabendo de sua traição, vemos uma expressão clara do amor incondicional de Deus, que visa resgatar o pecador, conforme descrito pelo Apóstolo Paulo em sua carta aos romanos: “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de Cristo ter

morrido por nós quando ainda eramos pecadores.” (Bíblia [...], 2023. Ro. 5, 8, p. 1649) O sacrifício de Aslan no lugar de Edmundo é um ato de substituição, onde ele toma sobre si a punição que Edmundo merecia. Isso reflete o conceito bíblico de expiação, em que Cristo assume os pecados da humanidade e oferece sua vida em troca.

Figura 5 - Aslan.



Fonte: Reprodução/IMDb

O signo de Aslan é usado para evocar sentimentos de reverência e respeito. Seu tamanho imponente e sua juba dourada simbolizam poder e realeza, refletindo a ideia de Cristo como o “Leão da tribo de Judá”. Sua voz profunda e calma, combinada com sua postura serena, transmitem tanto a autoridade quanto a compaixão, capturando a dualidade de Jesus como justo juiz e salvador amoroso, o grande leão, é uma figura messiânica que simboliza Jesus Cristo. Sua autoridade e poder são percebidos por todos os seres de Nárnia, e sua chegada sinaliza o fim do domínio da Feiticeira. Ele é descrito como “um leão não domesticado”, o que implica que, embora seja bom, ele também é justo e não pode ser controlado. Isso reflete a natureza de Deus como amoroso e misericordioso, mas também justo e santo: “Porque nosso Deus é fogo consumidor.” (Bíblia [...], 2023. Hb. 12, 29, p. 1762).

O sacrifício de Aslan no Altar de Pedra para salvar Edmundo é o ponto culminante da história, representando a crucificação de Jesus. A cerimônia realizada pela Feiticeira é carregada de simbolismo, com a cena evocando o julgamento e a execução de Cristo. No entanto, o poder de Aslan se manifesta quando ele ressuscita, quebrando o poder da morte e desfazendo os efeitos do pecado, como

relatado na primeira carta de Paulo aos Coríntios: “Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a sua vitória? Onde está, ó morte, o seu aguilhão?” (Bíblia [...], 2023. 1 Co. 15, 55, p. 1684) Quando Aslan ressurgue, a mudança na estética e nos signos é imediata, a luz do sol brilha intensamente, e a atmosfera opressiva dá lugar à exuberância e à vida. A destruição do Altar de Pedra após a ressurreição simboliza o cumprimento da antiga aliança e a inauguração de uma nova era de graça, lembrando o rasgar do véu do Templo, que significava o acesso direto à presença de Deus por meio de Cristo. Quando Aslan retorna à vida, ele revela uma “magia mais profunda” que a Feiticeira desconhecia, a qual é ativada quando um inocente se sacrifica voluntariamente por um traidor. Isso simboliza a vitória do bem sobre o mal e a quebra das correntes do pecado. A ressurreição de Aslan aponta para a crença cristã de que Jesus, ao ressuscitar, derrotou o poder do diabo e da morte, garantindo a salvação para aqueles que nele creem.

“Sabemos que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele. Pois, quando a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quando viver, vive para Deus. (Bíblia [...], 2023. Ro. 6, 9-10, p. 1650).

Após a ressurreição, Aslan lidera os habitantes de Nárnia na batalha final contra as forças da Feiticeira, culminando na derrota definitiva do mal e na libertação de Nárnia. Essa batalha simboliza a luta espiritual que ocorre no coração de cada ser humano e a promessa da vitória final sobre o mal, conforme descrito em Apocalipse, onde Cristo é retratado como o líder de um exército celestial que derrota as forças malignas.

“Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro e julga e combate com justiça. Os seus olhos são como chama de fogo; na dele há muios diademas; tem um nome escrito que ninguém conhece, a não ser ele mesmo. Está vestido com um manto encharcado de sangue, e o seu nome é ‘ Verbo de Deus”. Os exércitos do céu o seguiam, montados em cavalos brancos e vestidos de linho finíssimo, branco e puro. Da sua boca sai uma espada afiada, para com ela ferir as nações. Ele mesmo as regerá com cetro de ferro e ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor da ira de Deus Todo-Poderoso. No seu manto e na sua coxa está escrito um nome; “REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES”.”(Bíblia [...], 2023. Ap. 19, 11-16, p. 1812).

Após a vitória, os irmãos Pevensie são coroados como reis e rainhas de Nárnia, cumprindo a antiga profecia. Isso simboliza a promessa bíblica de que os

fiéis, por meio de Cristo, serão feitos “reis e sacerdotes” no Reino de Deus: “e nos constituí reino, sacerdotes para seu Deus e Pai [...]”. (Bíblia [...], 2023. Ap. 1, 6, p. 1790). A coroação dos irmãos também destaca a ideia de que, como filhos de Deus, os cristãos são cordeiros com Cristo, participando de sua glória e reinando com ele: “E, se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e cordeiros com Cristo, se com ele sofreremos, para que também com ele sejamos glorificados. (Bíblia [...], 2023. Ro. 8, 17, p. 1653). O fato de as crianças crescerem e amadurecerem enquanto governam Nárnia traz como signo o crescimento espiritual e a santificação que ocorrem na vida de um cristão. Eventualmente, os irmãos retornam ao mundo real, mas carregam consigo as lições e o crescimento que experimentaram em Nárnia. Isso reflete a jornada espiritual de um cristão, que vive no mundo, mas não pertence a ele, tendo experimentado uma transformação interior.

Nárnia, portanto, não é apenas uma história de fantasia; é uma espécie de “parábola moderna”, onde o mundo mágico serve como uma metáfora para a realidade espiritual. Os leitores e espectadores são convidados a refletir sobre os aspectos mais profundos da vida cristã por meio das alegorias presentes no filme, tornando a obra relevante para a educação religiosa, discussões teológicas e até mesmo para a evangelização.

Os signos cristãos presentes em “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” contribuem significativamente para a compreensão de temas bíblicos de forma acessível e imaginativa. A figura de Aslan, como já discutido, é uma representação clara de Jesus Cristo, e o sacrifício do leão no Altar de Pedra serve como um paralelo direto à crucificação de Cristo, onde a morte voluntária de um inocente garante a redenção dos culpados. Para os cristãos, esse ato de amor e sacrifício é o cerne da fé, conforme expresso em versículos como no livro de João: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (Bíblia [...], 2023. Jo. 3, 16, p. 1549).

O arco de Edmund, que começa com traição e termina com perdão e restauração, é particularmente relevante para a doutrina cristã de perdão e redenção. Edmund, ao ceder à tentação e trair seus irmãos, reflete a condição humana caída, onde todos, em algum momento, falham e se afastam de Deus. A sua redenção

ocorre não por seus próprios méritos, mas pela intervenção de Aslan, que oferece sua vida em troca do menino. Esse tema é recorrente no cristianismo, onde o perdão de Deus é oferecido por meio do sacrifício de Cristo, sem que o pecador possa conquistá-lo por suas próprias obras. Essa mensagem é especialmente poderosa para o público cristão, que vê na história de Edmundo uma ilustração do poder transformador do perdão. A relação restaurada entre os irmãos simboliza o novo começo que o perdão de Deus proporciona, incentivando os espectadores a praticar o perdão em suas próprias vidas, conforme os ensinamentos de Jesus.

Por conta de sua rica simbologia e alegorias, “As Crônicas de Nárnia” é frequentemente utilizada em contextos educacionais e religiosos para ilustrar conceitos teológicos. O filme pode servir como uma ferramenta para introduzir crianças e adolescentes ao cristianismo de forma lúdica e imaginativa, permitindo uma compreensão mais acessível dos princípios básicos da fé cristã. Para muitos, a narrativa de Nárnia oferece um ponto de partida para discussões mais profundas sobre o Evangelho, incentivando os espectadores a explorar a Bíblia e os ensinamentos de Cristo.

A obra de C.S. Lewis, com seu profundo significado espiritual, continua a ser usada como recurso de evangelização, atraindo aqueles que talvez não se interessassem por uma abordagem religiosa convencional. Ao apresentar temas cristãos em um formato de fantasia épica, o filme quebra barreiras culturais e religiosas, alcançando um público diversificado e permitindo que a mensagem do amor e do sacrifício de Cristo seja compreendida em uma nova luz. É uma obra que vai além de uma história de fantasia e aventura; é uma alegoria profundamente cristã que aborda temas essenciais da fé, como sacrifício, redenção, perdão e a luta entre o bem e o mal. Ao longo do filme, vemos a influência direta da cosmovisão cristã de C.S. Lewis, que intencionalmente usou a narrativa para explorar as verdades espirituais e os princípios teológicos fundamentais do cristianismo. A obra não se limita a um público exclusivamente cristão, mas se torna acessível a todos, oferecendo uma forma imaginativa de compreender as lições e ensinamentos cristãos por meio da fantasia.

Portanto, “As Crônicas de Nárnia” se estabelece como uma das melhores alegorias cristãs modernas, ao traduzir a essência do cristianismo para uma narrativa envolvente que ressoa com diferentes públicos. A obra não apenas entretém, mas também ensina e inspira, convidando os espectadores a considerar a mensagem de esperança e redenção que está no coração da história cristã. A alegoria de Lewis oferece uma ponte entre a fantasia e a realidade espiritual, mostrando que, embora Nárnia seja fictícia, as verdades que ela apresenta são eternas e transformadoras.

4.2.2. “Mãe!”

“Mãe!” (Mother!, 2017) escrito e dirigido por Darren Aronofsky, é uma obra profundamente simbólica que explora a relação do ser humano com a natureza e a criação. A narrativa apresenta um universo cíclico onde a destruição, recriação e degradação do mundo se repetem continuamente. Desde o início, o filme convida o espectador a testemunhar a destruição de um universo pelo fogo, sua recriação, a subsequente corrupção e novamente a destruição. A ideia central é a de que o começo e o fim se entrelaçam em um ciclo interminável, como se a história estivesse fadada a se repetir. Esse ciclo de criação, destruição e recriação ressoa com narrativas míticas e filosóficas antigas, mas a obra utiliza especificamente a estrutura narrativa das Escrituras Judaico-Cristãs. Desde o Gênesis, que descreve a criação do mundo, até o Apocalipse, que aborda a destruição final, o filme traça paralelos com a história bíblica, embora, ao mesmo tempo, apresente uma cosmologia que não se alinha totalmente à teologia cristã tradicional. Na teologia cristã, a história é geralmente entendida como linear, com um começo, meio e fim claros. A criação, segundo a Bíblia, é uma obra única e não fruto de ciclos repetidos de destruição e renascimento. No livro do Gênesis, encontramos a ideia da “criação ex nihilo” (criação a partir do nada), em oposição à visão apresentada no filme, onde o mundo é recriado repetidamente a partir dos destroços do anterior. No Apocalipse, é prometida uma nova criação, mas essa não surge a partir do ciclo de destruição do velho mundo, e sim como um ato definitivo de restauração e justiça: “[...] E já não existirá mais morte, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.”. (Bíblia [...], 2023. Ap. 21, 4, p. 1814). No entanto, a visão cíclica de “Mãe!” se aproxima mais das filosofias pré-socráticas, especialmente a de Heráclito, que argumentava que o universo era criado e destruído pelo fogo continuamente. Para

Heráclito, o fogo era a arché, o princípio fundamental de todas as coisas, e o Logos⁴ era o que mantinha a ordem, impedindo a destruição constante. Essa cosmologia destaca a instabilidade e a natureza transitória do universo, algo que é representado visualmente no filme pelas mudanças constantes na casa e nos elementos que a cercam.

A narrativa de “Mãe!” centra-se em dois personagens principais, “Ele” (Javier Bardem) e a “Mãe” (Jennifer Lawrence), que claramente é um signo para Deus e a natureza, respectivamente. O próprio Aronofsky confirmou em entrevistas que a personagem interpretada por Jennifer Lawrence representa a Mãe Natureza, enquanto o personagem de Javier Bardem é uma alegoria, um signo de Deus, descrito como o “Poeta” ou “Criador” no filme. Esse paralelo é evidente em vários momentos da obra, especialmente quando Bardem utiliza a expressão “Eu sou o que sou”, a mesma usada por Deus no livro do Êxodo ao se apresentar a Moisés.

“Moisés disse para Deus: - Eis que, quando eu for falar com os filhos de Israel e lhes disser: “O Deus dos seus pais me enviou a vocês”, eles vão perguntar: “Qual é o nome dele?” E então o que lhes direi? Deus disse a Moisés: - EU SOU O QUE SOU. Disse mais: - Assim você dirá aos filhos de Israel: Eu Sou me enviou a vocês.” (Bíblia [...], 2023. Êx. 3, 13-14, p. 86).

A personagem da Mãe é retratada de forma simbiótica com a casa, que pode ser vista como uma extensão dela mesma. Em várias cenas, ela é mostrada cuidando da casa com grande zelo, escolhendo cores para as paredes e tocando os materiais como se sentisse o pulsar de um coração. Isso pode ser interpretado como uma metáfora para a natureza, que sustenta e nutre a criação. A representação da Mãe andando descalça e em trajes leves é um signo que indica sua conexão intrínseca com o mundo natural e sua harmonia com o Criador.

⁴ Logos significa razão ou palavra.

Figura 6 - Ele (Javier Bardem) e a Mãe (Jennifer Lawrence), com pessoas ao fundo.



Fonte: Reprodução/IMDb

Quando a personagem de Ed Harris, que simboliza Adão, chega à casa, a narrativa ganha traços claramente bíblicos. Ele é acolhido pelo Poeta, assim como no relato de Gênesis, onde Deus cria Adão e estabelece uma relação íntima com ele. A Mãe, por outro lado, demonstra sinais de ciúme, uma referência ao papel da natureza diante da interferência humana. Há uma cena crucial em que Adão é visto com uma ferida nas costelas, um detalhe que remete à narrativa bíblica em que Deus adormece Adão e retira uma costela para criar Eva “E então o Senhor Deus fez cair um poderoso sono sobre o homem, e este adormeceu. Tirou-lhe uma das costelas e fechou o lugar com carne. E da costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus formou uma mulher e levou até ele.”(Bíblia [...], 2023. Gên. 2, 21-22, p. 4). No dia seguinte, a personagem de Michelle Pfeiffer, que representa Eva, aparece. Sua presença traz caos e desordem, assim como na narrativa de Gênesis, onde a introdução do pecado acontece após o consumo do fruto proibido. No filme, a tentação é representada pela joia no escritório do Poeta, que acaba sendo quebrada por Adão, levado até o escritório do Poeta por Eva, levando à queda de Adão e Eva e à expulsão do “paraíso”, simbolizado pelo escritório do Poeta.

Após a expulsão, o filme continua a seguir o desenvolvimento da narrativa bíblica. Os filhos de Adão e Eva, Caim e Abel, entram em cena e logo se envolvem em um conflito violento que termina com o assassinato de Abel, em consonância com o relato de Gênesis: “[...] Estando eles no campo, Caim se levantou para contra Abel, o seu irmão, e o matou.” (Bíblia [...], 2023. Gên. 4, 8, p. 7). A marca na testa de Caim no filme remete ao sinal que Deus colocou em Caim para protegê-lo: “[...] E o

SENHOR pôs um sinal em Caim para que, se alguém viesse a encontrá-lo, não o matasse.” (Bíblia [...], 2023. Gên. 4, 15, p. 8). O sangue de Abel que permanece no chão e não pode ser limpo é uma poderosa referência ao que o Apóstolo Paulo diz em sua carta aos Hebreus, que fala “e a Jesus, o Mediador de uma nova aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel”. (Bíblia [...], 2023. Heb. 12, 24, p. 1762)

Logo após o assassinato, o Poeta, permite que Adão e Eva façam o funeral de seu filho na casa, que começa a encher de pessoas, e o velório se torna uma festa onde as pessoas começam a beber e destruir a casa, o dilúvio é simbolicamente representado nesse momento, quando uma pia se rompe na casa, causando uma inundação que expulsa todos os invasores. Essa cena reflete o juízo de Deus sobre a humanidade pecadora em Gênesis, onde o dilúvio permite purificar o mundo do mal. “Então disse Deus a Noé: Resolvi acabar com os seres humanos, porque a terra está cheia de violência por causa deles. Eis que os destruirei juntamente com a terra.”(Bíblia [...], 2023. Gên. 6, 13, p. 10)

Quando a Mãe engravida, o filme passa a sugerir uma alegoria messiânica. A gravidez representa a promessa do Messias vindouro, encontrada em muitas passagens do Antigo Testamento, como no livro do Profeta Isaías 7:14, que profetiza: “[...] Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamará Emanuel.” (Bíblia [...], 2023. Is. 7, 14, p. 996) O filho simboliza Jesus Cristo, cuja vida e morte são antecipadas em meio ao caos que se segue à publicação da nova obra do Poeta, representando o Novo Testamento. Quando o bebê nasce, ele é oferecido às multidões, uma clara alusão ao sacrifício de Cristo. A cena angustiante na qual a criança é morta e devorada pelo povo lembra o sacrifício de Jesus e a Eucaristia, onde os cristãos comem o corpo e bebem o sangue de Cristo como símbolo de sua morte expiatória.

À medida que o filme se encaminha para o desfecho, a violência, o caos e a anarquia aumentam, retratando os tempos de tribulação descritos no Apocalipse. A destruição da casa e o sofrimento da Mãe representam a degradação final do mundo e o julgamento sobre a criação. O uso das multidões frenéticas, dos rituais e das

guerras simboliza o desespero humano diante do fim dos tempos, onde “[...] a nação levantará contra nação, e reino contra reino. [...]” (Bíblia [...], 2023. Mt. 24, 7, p. 1438).

“Mãe!” de Darren Aronofsky é um filme profundamente alegórico, repleto de signos que tece uma narrativa complexa, rica em simbolismo bíblico, refletindo sobre temas como a criação, a queda, o sacrifício e o apocalipse. A obra oferece uma representação cíclica do universo, questionando a relação do ser humano com o divino, com a natureza e com a história. O uso de personagens e eventos inspirados na Bíblia, desde Adão e Eva até a morte sacrificial de Cristo, proporciona uma releitura moderna das Escrituras. O filme se destaca como uma obra alegórica interessante para ser utilizada no contexto do evangelismo, pois, embora sua narrativa não siga rigorosamente a teologia cristã tradicional, ele provoca reflexões profundas sobre temas centrais da fé cristã, como o pecado, a redenção e o juízo final. Essas representações simbólicas, e até poéticas, podem servir como ponto de partida para conversas sobre o evangelho, incentivando os espectadores a questionar sua própria relação com Deus e com a criação.

Portanto, “Mãe!” se apresenta como uma ferramenta provocativa para o evangelismo, desafiando os espectadores a repensar suas crenças e o papel do ser humano na história divina e natural, enquanto abre portas para diálogos significativos sobre a mensagem cristã.

4.3. Filmes Não Deliberadamente Cristãos

Na última etapa dessa pesquisa será falado um pouco de filmes⁵ não deliberadamente cristãos, mas que assim como os filmes cristãos ou os

⁵ Filmes como a saga “Harry Potter” abordam temas como sacrifício, amor redentor, e a luta entre o bem e o mal, que podem ser interpretados sob uma perspectiva cristã. O sacrifício de Lily Potter por seu filho ecoa o amor incondicional de Cristo, e a morte e ressurreição de Harry em “Relíquias da Morte Parte 2” (David Yates, 2011), remetem ao sacrifício e à ressurreição de Jesus. A batalha contra Voldemort reflete a luta contra o pecado e a busca pela imortalidade, destacando valores morais e espirituais presentes no cristianismo. A trilogia original de Star Wars também possui temas que ressoam com o cristianismo, como redenção, fé e a batalha entre o bem e o mal. A jornada de Luke Skywalker reflete a luta interior entre luz e escuridão, semelhante ao conceito cristão de combate ao pecado. A redenção final de Darth Vader, que se sacrifica para salvar seu filho e destruir o mal, é comparável ao sacrifício redentor de Cristo. Além disso, a “Força”, com sua dimensão espiritual, ecoa a fé em algo maior, presente na tradição cristã.

Alegórico-Cristãos, falados anteriormente, podem ser ligados ao cristianismo, por temas como fé, arrependimento, amor, sacrifício, redenção, dentre outros. Filmes não deliberadamente cristãos são a maioria dos filmes que nos cercam, porém, podemos parar e os analisar. Seja qual for, sempre haverá algo de edificante a se tirar de um filme. Para a pesquisa foram escolhidos quatro filmes, sendo três deles uma trilogia de animação, pois mesmo que o mundo das animações seja considerado uma categoria de filmes até inferior no mundo do cinema, devemos vê-las como grandes formas de levar debates importantes a mais e mais pessoas, dentre eles a religião. A trilogia de animação escolhida foi “Kung Fu Panda” (2008-2016), que segue a jornada de um Panda escolhido pelo mestre de kung fu de sua aldeia como o “Dragão Guerreiro”, o grande defensor do vale e qual o problema nisso? O Panda nunca lutou Kung Fu antes. O último filme precisava ser um grande blockbuster da cultura de massa, precisava ser uma grande produção Marvel, para poder provar que não importa de onde vem ou qual a intuição da produção, sempre se pode tirar algo de bom de sua história. O filme é “Homem-Aranha: Sem Volta para Casa” (Jon Watts, 2021), que conta a história de Peter Parker (Tom Holland) lidando com as consequências de sua identidade como Homem-Aranha ser revelada publicamente.

A trilogia “Kung Fu Panda” (2008, 2011, 2016), produzida pela DreamWorks, pode ser vista como uma jornada espiritual que reflete a trajetória de um cristão em busca de maturidade em três áreas fundamentais: corpo, mente e espírito. Po, o protagonista, passa por uma evolução pessoal em cada filme, assemelhado ao desenvolvimento de um cristão, que visa crescer na fé, no controle de si e na compreensão de seu propósito.

No primeiro filme, Po começa como um panda desajeitado e sem qualquer habilidade física para o kung fu. Ele se vê confrontado com a escolha de ser o “Dragão Guerreiro”, um papel que parece impossível para alguém de sua condição. Sua jornada, então, é de aprendizado e disciplina, à medida que ele tem em vista controlar seu corpo e se tornar apto para enfrentar o vilão Tai Lung. Este processo reflete a caminhada inicial de um cristão, que muitas vezes precisa aprender a “domar a carne” e disciplinar o corpo para alinhar-se aos propósitos de Deus. Na Bíblia, o apóstolo Paulo fala sobre a necessidade de disciplinar o corpo como parte da vida

cristã. Assim como Po precisa superar suas limitações físicas, o cristão também precisa lutar contra as tentações e fraquezas da carne para se fortalecer na fé.

No segundo filme, Po já está mais confiante em suas habilidades físicas, mas agora sua batalha é mental e emocional. Ao confrontar o vilão Lord Shen, Po é forçado a lidar com traumas de seu passado, especialmente, sobre a verdade de suas origens e a morte de seus pais. Sua jornada, então, é sobre alcançar paz interior e controle da mente, enfrentando seus medos e angústias. Este arco reflete o desenvolvimento da mente na vida cristã. Após o controle inicial sobre o corpo, o cristão é chamado a renovar a mente e buscar paz e clareza espiritual, especialmente ao lidar com dúvidas, traumas e inseguranças. A paz que Po encontra é comparável à paz que excede todo entendimento, prometida aos que confiam em Deus. Assim como Po deve aprender a aceitar seu passado e reconciliá-lo com seu presente, o cristão deve entregar suas ansiedades a Deus, aprendendo a confiar no plano divino para sua vida.

No terceiro filme, Po já alcançou o controle sobre o corpo e a mente, mas agora sua jornada se aprofunda na espiritualidade. Ele precisa não apenas aprender a dominar o “chi”, uma força vital espiritual, mas também ensinar aos outros como fazer o mesmo. O vilão Kai ameaça o equilíbrio espiritual, e Po deve sacrificar-se para salvar seus amigos e o Vale, assumindo seu papel como líder e guia espiritual. Este estágio final pode ser visto como a busca do cristão pelo crescimento espiritual, o momento em que o crente não apenas controla corpo e mente, mas vive e caminha no Espírito. Assim como Po deve compreender seu chi e usá-lo para o bem, o cristão é chamado a viver no poder do Espírito Santo, permitindo que a força divina guie suas ações e decisões. Além disso, Po precisa se sacrificar pelos outros, o que remete ao chamado cristão de imitar a Cristo, que deu sua vida em sacrifício por muitos.

Assim como Po em sua jornada pelos três filmes, o cristão percorre um caminho de crescimento em três áreas essenciais: corpo, mente e espírito. No primeiro estágio, o controle do corpo é vital para resistir às tentações e desenvolver uma disciplina espiritual. No segundo, o domínio da mente é fundamental para encontrar paz interior, superar traumas e entender o propósito de Deus. No terceiro, o crescimento espiritual culmina em viver no poder do Espírito, servindo aos outros e cumprindo o chamado divino com sacrifício e amor.

A trilogia “Kung Fu Panda” é, portanto, uma alegoria poderosa da caminhada cristã. Po, ao longo dos três filmes, reflete a transformação de um cristão que busca se alinhar ao propósito maior de Deus, enfrentando desafios e se fortalecendo, não apenas fisicamente, mas em mente e espírito.

“Homem-Aranha: Sem Volta Para Casa” (2021), dirigido por Jon Watts, segue Peter Parker após sua identidade secreta ser revelada ao mundo. Desesperado para proteger seus amigos e sua vida pessoal, Peter pede ao Doutor Estranho que use um feitiço para fazer todos esquecerem quem ele é. No entanto, o feitiço dá errado, trazendo vilões de outros universos que já enfrentaram outras versões do Homem-Aranha. Ao invés de simplesmente enviá-los de volta para seus universos, onde estão destinados a morrer, Peter decide tentar curá-los, acreditando que todos merecem uma segunda chance. Porém, essa decisão leva à morte de sua tia May, assassinada pelo Duende Verde. No fim, Peter se sacrifica para salvar o multiverso, escolhendo apagar completamente sua existência da memória de todos, inclusive seus entes queridos. A jornada de Peter em “Sem Volta Para Casa” pode ser vista como uma narrativa sobre redenção, perdão e sacrifício, temas centrais no cristianismo. Ao escolher curar os vilões ao invés de destruí-los, Peter demonstra uma atitude de compaixão e graça, refletindo o ensinamento cristão de que todos merecem uma segunda chance, independentemente de suas falhas passadas. Essa escolha de oferecer redenção aos vilões simboliza o conceito cristão de que ninguém está além do perdão de Deus. O perdão que Peter oferece ao Duende Verde, mesmo depois da morte de sua tia May, reflete a essência do perdão cristão. Embora o Duende tenha causado uma dor profunda e irreparável, Peter decide não ceder ao desejo de vingança. Assim como Jesus ensina a perdoar aqueles que nos ferem, Peter opta por liberar perdão, mesmo em meio à perda.

Finalmente, o sacrifício de Peter no final do filme, ao renunciar a sua identidade e suas conexões pessoais para salvar o multiverso, ecoa o princípio cristão do sacrifício abnegado. Assim como Jesus sacrificou sua vida pela humanidade, Peter faz um sacrifício que não envolve sua vida física, mas sua própria existência, demonstrando que com “grandes poderes vem grandes responsabilidades”. Essa frase, que permeia todo o filme, reforça a noção cristã de que aqueles com mais

responsabilidade devem agir com maior amor e sacrifício, sendo chamados a servir aos outros em vez de buscar o próprio benefício.

4.3.1. Trilogia “Kung Fu Panda”

A trilogia “Kung Fu Panda”, composta por três filmes lançados entre 2008 e 2016, conta a história de Po, um panda desajeitado e sonhador que, inesperadamente, é escolhido para ser o Dragão Guerreiro, o protetor do Vale da Paz. Com uma jornada repleta de desafios físicos e espirituais, Po evolui de um simples aspirante a lutador de kung fu para um verdadeiro mestre, aprendendo lições profundas sobre identidade, propósito e sacrifício ao longo do caminho. Por meio de uma combinação de ação, humor e emoção, essas animações capturam a essência da busca por autoconhecimento e redenção, temas que ressoam com os ensinamentos cristãos e podem servir como uma poderosa ferramenta de evangelismo, especialmente para o público infantil. Ao olhar para a trilogia na totalidade, é possível identificar paralelos significativos com a jornada do cristão em sua caminhada de fé. A trajetória de Po reflete o processo de transformação e crescimento espiritual que muitos cristãos experimentam: desde o chamado inicial e a descoberta de seu propósito em Deus, passando pelo processo de aprendizado e disciplina, até chegar à entrega total e ao sacrifício pelo bem dos outros. Os filmes apresentam, em cada uma das fases da vida de Po, uma progressão em sua compreensão de si e de seu papel no mundo, que pode ser usada para ilustrar a jornada cristã de forma lúdica e acessível.

Os temas centrais da trilogia, como o destino, a transformação e a vitória sobre o mal, são abordados de maneira que se alinham com princípios bíblicos. No primeiro filme, Po é escolhido como o Dragão Guerreiro, apesar de sua falta de habilidades aparentes e do descrédito dos outros, o que pode ser comparado ao chamado divino na vida do cristão, Deus escolhe e capacita aqueles que parecem improváveis aos olhos humanos. O conceito de ser escolhido por graça e não por mérito próprio, é fundamental no evangelho e pode ser abordado ao discutir a jornada de Po para crianças. No segundo filme, Po é confrontado com seu passado e precisa aprender a

alcançar a paz interior. Esta busca reflete o processo contínuo de renovação da mente descrito na Bíblia, onde o cristão é chamado a superar traumas e pecados do passado para viver uma nova vida em Cristo. Essa etapa da jornada ensina sobre a importância do perdão e da restauração, tanto consigo mesmo quanto com os outros. Por fim, o terceiro filme culmina no sacrifício de Po para derrotar uma força maligna, ecoando a narrativa de Cristo se entregando para salvar a humanidade. Neste ponto, o aprendizado de Po não se resume apenas ao controle do corpo e da mente, mas envolve uma dimensão espiritual mais profunda, onde ele se torna capaz de inspirar e liderar outros. A ideia de morrer para si e viver para os outros, presente no filme, é um ensinamento cristão que pode ser discutido com base na trajetória final de Po.

A trilogia “Kung Fu Panda” é uma escolha especialmente adequada para abordar temas cristãos com crianças e até adultos, por utilizar uma linguagem visual rica, personagens cativantes e lições práticas para transmitir valores profundos. Os filmes conseguem captar a atenção dos jovens e, ao mesmo tempo, introduzir conceitos de fé de forma acessível. A jornada de Po, com suas falhas, vitórias e sacrifícios, torna-se uma metáfora para a caminhada de fé, onde cada cristão é chamado, moldado e enviado para lutar contra o mal, não com suas próprias forças, mas com um poder que vem de algo maior.

Assim, “Kung Fu Panda” oferece mais do que apenas entretenimento; é uma obra que, quando vista com os olhos da fé, revela lições espirituais poderosas e universais, adequadas para serem exploradas em conversas evangelísticas. Essa trilogia pode, portanto, ser utilizada para introduzir às crianças a ideia de que, assim como Po, todos são chamados a uma missão maior, que envolve crescimento pessoal e serviço ao próximo, sempre com o auxílio de uma força superior.

4.3.1.1. “Kung Fu Panda”

“Kung Fu Panda” (Kung Fu Panda, 2008) de Mark Osborne e John Stevenson, acompanha a história de Po (Jack Black), um panda desajeitado e sonhador que trabalha no restaurante de macarrão de seu pai adotivo, mas anseia por uma vida diferente. Seu desejo secreto é se tornar um grande mestre de kung fu, embora ele se

sinta totalmente inadequado para esse tipo de vida. Logo de início, podemos traçar um paralelo com a jornada espiritual cristã, muitos são chamados por Deus para um propósito maior, mesmo quando parecem improváveis ou inadequados aos olhos do mundo.

Figura 7 - Po em uma cadeira com fogos de artifício.



Fonte: DreamWorks

Quando Po acidentalmente se vê no meio da cerimônia de escolha do Dragão Guerreiro, o Mestre Oogway (Randall Duk Kim) o aponta como o escolhido. Para todos ao redor, incluindo o próprio Po, essa escolha parece absurda. Ele é visto como o menos apto entre os candidatos: acima do peso, desajeitado e sem qualquer treinamento. Mas é exatamente essa escolha inesperada que ressoa com as Escrituras, na primeira carta do Apóstolo Paulo aos Coríntios ele diz:

“Irmãos, considere a vocação de vocês. Não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento. Pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para confundir as fortes. E Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são, a fim de que ninguém se glorie na presença de Deus”. (Bíblia [...], 2023. 1 Co. 1, 26-27, p. 1667).

Assim como Deus escolhe aqueles que parecem inapropriados aos olhos humanos, Po se torna um grande signo de nós, cristãos, quando chamado para um propósito maior, mesmo que ninguém, nem ele mesmo, veja seu potencial. Esse chamado serve como uma ilustração de como Deus vê além das aparências e

escolhe aqueles que parecem fracos para realizar grandes obras. Após ser escolhido, Po passa a treinar com o Mestre Shifu (Dustin Hoffman), que não acredita que ele possa se tornar um grande guerreiro. O treinamento é árduo, e Po frequentemente se sente desmotivado, enfrentando dificuldades físicas e emocionais. Isso reflete a jornada cristã, na qual o crescimento espiritual frequentemente acontece por meio de provações e desafios, nas escrituras temos uma passagem na epístola escrita por Tiago, que fala exatamente sobre nos alegrarmos até nas provações: “Meus irmãos, tenham por motivo de grande alegria o fato de passarem por várias provações, sabendo que a provação da fé que vocês têm produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que vocês sejam perfeitos e íntegros, sem que falte nada.” (Bíblia [...], 2023. Tg. 1, 2-4, p. 1764). Durante o treinamento, Po enfrenta constantemente suas limitações, mas, pouco a pouco, ele começa a evoluir. Sua transformação não acontece de uma vez, mas é um processo contínuo de superação, assim como o crescimento espiritual que ocorre com cada cristão ao enfrentar as provações da vida com fé.

Figura 8 - Po treinando com o Mestre Shifu.



Fonte: DreamWorks

Po finalmente alcança um ponto em que é digno de receber o Pergaminho do Dragão, que supostamente contém o segredo para se tornar o guerreiro mais poderoso do mundo. Quando ele o abre, porém, descobre que o pergaminho está em branco. A princípio, Po se sente desencorajado, acreditando não haver segredo algum. Eventualmente, ele entende que o segredo do poder está dentro dele, ele precisava acreditar em si e abraçar quem ele realmente é. “[...] Porque o Senhor não vê como o ser humano vê. O ser humano vê o exterior, porém o Senhor, o coração.” (Bíblia [...], 2023. 1 Sam. 16, 7, p. 421). Esse momento é uma metáfora para a vida cristã, onde o verdadeiro valor e poder de uma pessoa vêm do que está em seu

coração e da fé que ela possui. Deus nos chama a confiar não em coisas externas ou visíveis, mas na transformação que Ele opera internamente.

No clímax do filme, Po enfrenta finalmente o poderoso vilão Tai Lung (Ian McShane). À medida que a batalha se intensifica, vemos que Po não luta como um guerreiro tradicional, mas sim aproveita suas próprias habilidades únicas, sua resistência e persistência. Ao usar o que tem, Po consegue derrotar Tai Lung, não por ser o mais forte, mas por aprender a acreditar em seu propósito.

Figura 9 - Po aplicando o golpe final em Tai Lung.



Fonte: DreamWorks

“Tudo posso naquele que me fortalece.” (Bíblia [...], 2023. Fp. 4, 13, p. 1718). Aqui, o versículo reflete a verdade de que a força de Po vem de um propósito maior, e ele pode vencer seus desafios não por sua força própria, mas porque foi capacitado para isso. Da mesma forma, o cristão é chamado a confiar que, por meio de Deus, tudo é possível, mesmo quando os obstáculos parecem intransponíveis.

No primeiro “Kung Fu Panda”, a trajetória de Po ilustra de maneira envolvente a jornada de crescimento espiritual que muitos cristãos experimentam. Desde ser escolhido, apesar de sua aparente inadequação, até descobrir que o verdadeiro poder reside dentro de si, Po enfrenta uma série de desafios que o moldam e o preparam para cumprir seu destino. A história do panda nos lembra que Deus usa aqueles que parecem fracos, capacita-os através das dificuldades e nos chama a confiar que, com Ele, todas as coisas são possíveis. Ao contar a história de Po, podemos ensinar às crianças que, assim como o panda, elas foram escolhidas por Deus para um

propósito maior, e que suas lutas e inseguranças são parte de um processo para alcançar algo grandioso.

4.3.1.2. “Kung Fu Panda 2”

“Kung Fu Panda 2” (Kung Fu Panda 2, 2011) de Jennifer Yuh Nelson, acompanha a jornada de Po (Jack Black) para descobrir o segredo de seu passado e aprender a lidar com os traumas e os medos que surgem ao confrontar essa verdade. Esse capítulo da vida do panda se concentra no desenvolvimento de sua paz interior e no entendimento de que o passado, mesmo que doloroso, não precisa definir o presente ou o futuro. Ao longo dessa história, diversos paralelos e signos que representam a jornada cristã emergem, especialmente no que diz respeito à superação de traumas, perdão e confiança em Deus.

Figura 10- Garça, Tigresa, Po, Louva-a-deus, Macaco e Víbora preparados para luta.



Fonte: Divulgação/Prime Video

O filme começa com Po, já estabelecido como o Dragão Guerreiro, lutando ao lado de seus amigos para proteger o Vale da Paz. Porém, Po começa a ter vislumbres de seu passado quando uma série de eventos revisitam memórias esquecidas. Ele descobre que sua origem está ligada ao maligno pavão Lord Shen (Gary Oldman), que havia atacado sua aldeia e causado a morte de seus pais biológicos. A revelação desses fatos faz com que Po sinta um vazio e uma inquietação, incapaz de encontrar

paz interior. Na vida cristã, a busca por paz é um tema recorrente. Muitas vezes, traumas e feridas do passado podem impedir que alguém viva plenamente a alegria de Cristo. Porém, a Bíblia ensina que a verdadeira paz vem de Deus e não das circunstâncias ao nosso redor. “E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus.” (Bíblia [...], 2023. Fp. 4, 7, p. 1718). Assim como Po precisa aprender a encontrar paz em meio ao caos e às suas dores, o cristão é chamado a confiar que a paz de Deus consegue ultrapassar qualquer situação e trazer consolo.

Po descobre, durante a busca por Lord Shen, que a dor de seu passado é algo que ele precisa confrontar para seguir em frente. Ao invés de evitar a realidade de que sua aldeia foi destruída e seus pais morreram para protegê-lo, Po precisa encarar esses fatos para encontrar a verdadeira paz. Esse é um processo de cura que envolve revisitar o passado, mas não ficar preso nele.

Figura 11- Tigresa, Víbora, Po, Garça, Louva-a-deus e Macaco presos por Lord Shen.



Fonte: DreamWorks.

Ainda na carta de Paulo aos Filipenses, o Apóstolo nos diz: 3:13-14: “[...] esquecendo-me das coisas que para trás ficaram, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.” (Bíblia [...], 2023. Fp. 3, 13-14, p. 1717). A jornada de Po reflete a necessidade cristã de deixar o passado para trás e seguir em direção ao propósito que Deus preparou. Esse passo exige tanto a disposição para lidar com as feridas quanto a determinação para não se deixar definir por elas. Po eventualmente percebe que, para encontrar paz, ele precisa perdoar tanto a si quanto ao Lord Shen. Perdoar

a si é necessário porque ele carrega uma culpa inconsciente, acreditando que o ataque à sua aldeia foi, de certa forma, culpa dele. Além disso, ele precisa entender que, mesmo com o mal causado por Shen, o pavão não pode ser o responsável por determinar o curso de sua vida. O perdão a Shen não significa justificar suas ações, mas sim libertar Po do peso da amargura. Em Mateus vemos que ao perdoar os que nos ferem abrimos para que Deus também o faça para conosco: “Porque, se perdoarem aos outros as ofensas deles, também o Pai de vocês, que está no céu, perdoará a vocês.” (Bíblia [...], 2023. Mt. 6, 14, p. 1405). O ato de perdoar traz liberdade. Quando Po perdoa Shen, ele não faz isso por Shen, mas por si, para se libertar das correntes da raiva e do ressentimento. Da mesma forma, os cristãos são chamados a perdoar para experimentar a verdadeira liberdade que vem de Deus.

Quando chega o momento de enfrentar Shen, Po já não é o mesmo panda que começou essa jornada. Ele encontrou a paz interior e, por isso, consegue lutar sem ódio ou medo. Ele confia em suas habilidades e no propósito para o qual foi chamado. Essa confiança é essencial na caminhada cristã, onde somos chamados a confiar que a graça de Deus é suficiente para lidar com qualquer desafio. A batalha de Po não é vencida apenas por sua força física, mas pela sua nova perspectiva e paz interior. Sua confiança e tranquilidade lhe dão a capacidade de desviar os ataques de Shen, simbolizando como a fé em Deus permite aos cristãos suportar as dificuldades com uma força que vai além da compreensão humana.

Figura 12- Po na batalha final, tendo adquirido a paz interior.



Fonte: DreamWorks.

No final do filme, Po percebe que ele é mais do que seu passado. Ele entende que o fato de ter sobrevivido ao ataque de Shen não é uma fraqueza ou algo que o define negativamente, mas uma parte da história que Deus usou para moldá-lo em quem ele precisava ser. Sua jornada o transforma em um guerreiro ainda mais forte, alguém que não é apenas fisicamente poderoso, mas espiritualmente preparado. “E, assim que, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.” (Bíblia [...], 2023. 2 Co. 5, 17, p. 1690). Assim como Po encontra renovação e propósito em meio à dor, o cristão é chamado a abandonar o “velho eu” e abraçar a nova vida em Cristo. Po não é mais o panda que carregava inseguranças e dúvidas; ele é um novo guerreiro, preparado para encarar o que o futuro trouxer.

Kung Fu Panda 2 é uma história sobre enfrentar traumas, perdoar e encontrar paz interior. Esses temas refletem a jornada cristã, onde superar o passado é essencial para viver plenamente o propósito de Deus. O filme mostra que as cicatrizes não são apenas lembranças de dor, mas marcos de uma transformação que leva a uma vida mais plena e significativa. Ao contar essa história para crianças, podemos ensinar-lhes que o perdão e a paz são possíveis, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, e que Deus pode transformar nossas maiores dores em algo belo e poderoso.

4.3.1.3. “Kung Fu Panda 3”

“Kung Fu Panda 3” (Kung Fu Panda 3, 2016) de Jennifer Yuh Nelson e Alessandro Carloni, Po (Jack Black) enfrenta o maior desafio de sua jornada ao se deparar com o temível Kai (J. K. Simmons), um guerreiro do reino espiritual que rouba o “chi” (energia vital) dos mestres de kung fu. Este capítulo final é uma história sobre o desenvolvimento do espírito e do caráter, com temas que vão desde a aceitação da própria identidade até o sacrifício em prol do bem maior. Os paralelos com a caminhada cristã são evidentes, especialmente em relação ao crescimento espiritual, ao discipulado e à disposição para sacrificar-se por amor.

Figura 13- Louva-a-deus, Macaco, Tigresa, Po, Garça, Víbora e Mestre Shifu.



Fonte: DreamWorks,

No início do filme, Po é surpreendido pelo reencontro com seu pai biológico, Li Shan (Bryan Cranston), que o leva para a aldeia secreta dos pandas. Lá, Po começa a explorar a herança de sua espécie e a aprender sobre o chi. Entretanto, ele sente-se dividido entre sua identidade como Dragão Guerreiro e seu papel como filho e membro da comunidade dos pandas. Esse conflito reflete a necessidade de compreender quem realmente somos e de aceitar nossa identidade, um aspecto essencial para o cristão.

Figura 14- Pai biológico de Po, Li Shan.



Fonte: DreamWorks,

A carta de Paulo aos romanos diz: “O próprio Espírito confirma ao nosso espírito que somos filhos de Deus.” (Bíblia [...], 2023. Ro. 8, 16, p. 1653). Assim como Po aprende que ele não precisa escolher entre ser o Dragão Guerreiro e ser um panda, o cristão também é chamado a entender que sua identidade em Cristo é a

essência de quem ele é. Não há necessidade de viver dividido; somos chamados para viver como filhos de Deus em qualquer situação. Quando Po descobre que Kai está atacando e roubando o chi dos mestres, ele percebe que precisa ensinar os pandas a se defenderem. Isso coloca Po em um novo papel, o de mestre. Ele enfrenta dificuldades, pois os pandas são mais brincalhões do que guerreiros, mas, eventualmente, ele aprende a treinar cada um de acordo com seus talentos únicos. Isso reflete a prática do discipulado cristão, onde cada pessoa é chamada a servir a Deus conforme os dons que recebeu.

“Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que tenho ordenado [...]” (Bíblia [...], 2023. Mt. 28, 19-20, p. 1451). O papel de Po como mestre é um paralelo com a missão cristã de discipular outros. Assim como Po precisa aprender a ver o potencial em cada panda, o cristão deve ajudar seus irmãos a descobrir e desenvolver seus dons espirituais, preparando-os para enfrentar os desafios. Quando Kai invade a aldeia dos pandas, a batalha se torna uma luta por mais do que apenas território; é uma batalha pelo espírito, uma luta contra um inimigo que deseja roubar a própria essência dos mestres de kung fu. Essa luta é uma clara alegoria à batalha espiritual que os cristãos enfrentam, onde as forças do mal buscam destruir a fé e afastar os crentes do caminho de Deus. Na carta de Paulo aos efésios, vemos que a luta do cristão não é contra uma pessoa, mas contra o mundo espiritual: “Porque a nossa luta não é contra sangue e a carne, mas contra os principados e as potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestiais.” (Bíblia [...], 2023. Ef. 6, 12, p. 1713). A batalha de Po e dos pandas contra Kai ilustra que a luta mais importante não é apenas física, mas espiritual. O cristão é chamado a colocar a armadura de Deus e a lutar em oração e fé, confiando que Deus é aquele que concede a vitória.

No clímax do filme, Po percebe que a única maneira de derrotar Kai é sacrificar-se, entregando-se totalmente para liberar o chi necessário para salvar seus amigos e derrotar o inimigo. Ele se oferece sendo voluntariamente transportado para o reino espiritual, onde usa o poder do chi para triunfar sobre Kai. Esse sacrifício é um reflexo direto do ensinamento cristão sobre o amor sacrificial, exemplificado pela obra de Jesus na cruz. João já dizia: “Ninguém tem amor maior do que este: de alguém dar

a própria vida pelos seus amigos.”(Bíblia [...], 2023. Jo. 15, 13, p. 1577). Po entrega-se de forma altruísta para salvar a vida daqueles que ama, assim como Cristo se sacrificou pela humanidade. O ato de Po de usar o chi para derrotar o mal simboliza o poder transformador do amor e da fé, que podem superar qualquer escuridão.

Figura 15- Po dominando o Chi.



Fonte: DreamWorks,

Após sua vitória, Po retorna do reino espiritual, transformado e revigorado, sendo recebido como um herói pelos pandas e pelos mestres. Ele não é mais apenas o Dragão Guerreiro; ele é agora um líder que descobriu sua verdadeira força e propósito. Esse retorno simboliza a ressurreição e o triunfo sobre a morte, uma ideia central na fé cristã. A transformação de Po após a batalha final é uma imagem da vida nova que os cristãos experimentam em Cristo. A vitória de Po sobre Kai e seu retorno simbolizam a promessa de que, assim como Cristo venceu a morte, nós também podemos viver em vitória espiritual e encontrar nossa verdadeira identidade em Deus. Na cena final, o Palácio de Jade, outrora um local exclusivo para os mestres de kung fu, abre suas portas para todos os habitantes do Vale da Paz, incluindo os pandas. Este momento simboliza a inclusão e a abertura do conhecimento a todos, representando a ideia de que o acesso ao poder espiritual, ou ao “chi”, não está limitado a uma elite, mas disponível para todos que desejam aprender. Po, que agora lidera os mestres e ensina sobre o chi, exemplifica o papel de um líder que capacita os outros e compartilha o conhecimento, semelhante ao chamado cristão de espalhar

o evangelho e fazer discípulos. Essa imagem remete à visão bíblica de que o Reino de Deus está acessível a todos, sem distinção, e reflete o convite de Cristo para que todos participem de Sua graça e poder.

“Kung Fu Panda 3” conclui a trilogia com uma poderosa mensagem sobre identidade, discipulado e sacrifício. A jornada de Po ao longo dos três filmes reflete aspectos da vida cristã, onde a descoberta de quem somos, a preparação para a batalha espiritual e o amor sacrificial são temas centrais. Po aprende que sua verdadeira força vem do que está dentro dele, assim como o cristão é fortalecido pelo Espírito Santo. Dessa forma, o filme serve como uma excelente ferramenta para ensinar crianças e jovens sobre os princípios bíblicos, usando uma linguagem visual e uma narrativa que ressoam com suas experiências e sonhos.

4.3.1.4. Conclusão da Jornada de Po

A trilogia de animação “Kung Fu Panda” apresenta uma jornada de autodescoberta e crescimento espiritual que pode ser ricamente associada à vida cristã. Cada filme aborda uma etapa diferente do amadurecimento de Po, que simboliza a trajetória de um cristão na busca pela fé e transformação. No primeiro filme, Po é chamado para um propósito maior, semelhante à vocação divina que todos os cristãos recebem. Ele aprende a confiar no seu chamado e a se enxergar como Deus o vê, capacitado para a missão. No segundo filme, Po precisa enfrentar o passado e aprender a controlar suas emoções e pensamentos, refletindo a necessidade de renovação da mente para alcançar a paz de Deus e vencer as batalhas espirituais. Por fim, no terceiro filme, a jornada se completa quando Po se sacrifica por seus amigos e aprende a dominar o poder do chi, um paralelo ao chamado cristão para viver no Espírito e servir aos outros com o amor de Cristo. A abertura do Palácio de Jade para todos no final simboliza a inclusão e o acesso universal à graça e ao conhecimento, reforçando a mensagem de que o poder espiritual e o crescimento na fé não estão limitados a poucos, mas são para todos que desejam conhecer e viver em Deus. A trilogia convida os espectadores a refletirem sobre seus próprios caminhos de fé e como, assim como Po, todos podem ser transformados e usados por Deus para realizar grandes coisas. As histórias de

Po, cheias de humor e ação, não apenas entretêm, mas também oferecem valiosas lições sobre identidade, propósito e o poder do sacrifício e do serviço, sendo, portanto, uma poderosa ferramenta para transmitir valores cristãos a crianças e adultos.

4.3.2. “Homem-Aranha: Sem Volta para Casa”

A Marvel Studios é um dos maiores e mais influentes estúdios da indústria cultural cinematográfica contemporânea, reconhecido por criar um universo interconectado de filmes e séries conhecido como o Universo Cinematográfico Marvel (MCU). Dentro desse universo, os filmes de super-heróis têm se destacado por suas histórias de ação, mas também por abordar temas profundos, como sacrifício, responsabilidade e redenção. Homem-Aranha: Sem Volta para Casa é um exemplo marcante desse modelo de storytelling, combinando ação e drama com elementos reflexivos que tocam em questões humanas universais.

A franquia do Homem-Aranha⁶, no entanto, não é exclusividade da Marvel Studios. Os direitos do personagem foram adquiridos pela Sony Pictures nos anos 1990, resultando em diferentes versões cinematográficas do herói. O primeiro a ganhar vida nos cinemas foi o “Homem-Aranha” de Tobey Maguire, que estrelou uma trilogia dirigida por Sam Raimi (2002-2007). Posteriormente, a Sony rebootou a franquia com Andrew Garfield como protagonista em “O Espetacular Homem-Aranha” (2012-2014), que rendeu dois filmes. Em 2016, a Marvel Studios e a Sony firmaram uma parceria que permitiu a integração do Homem-Aranha de Tom Holland ao MCU, começando com uma participação em “Capitão América: Guerra Civil”. Desde então, a versão de Holland protagonizou uma nova trilogia, sendo “Sem Volta para Casa” o terceiro filme. Este último explora o conceito do multiverso, que consiste na existência de realidades paralelas onde versões diferentes dos mesmos personagens coexistem. Assim, os filmes antigos da Sony não são ignorados, mas incorporados,

⁶ O Homem-Aranha, originalmente um personagem dos quadrinhos da Marvel, já teve diversas adaptações para a televisão e o cinema. Desde a sua criação em 1962, o herói protagonizou 11 filmes, incluindo as trilologias de Tobey Maguire e Tom Holland, além das animações de sucesso como “Homem-Aranha no Aranhaverso”. Também participou de várias séries animadas e live-action, como a produção japonesa “Supaidaman” e séries clássicas da década de 1970. Essas adaptações mostram a evolução de sua popularidade e impacto cultural ao longo das décadas.

trazendo os antigos Homens-Aranha (Maguire e Garfield) e seus respectivos vilões de volta, criando uma narrativa de múltiplas camadas. Isso permite que os personagens enfrentem não apenas desafios externos, mas também internos, lidando com traumas e questões não resolvidas de seus filmes anteriores.

O multiverso é, portanto, uma forma criativa de conectar diferentes gerações de fãs e de reimaginar histórias clássicas, trazendo uma sensação de continuidade e encerramento para versões passadas do herói. Ele permite mostrar que, embora o contexto mude, os valores heroicos do Homem-Aranha, sacrifício, responsabilidade e redenção, permanecem constantes.

Figura 16- Homens-aranha de Tobey Maguire, Tom Holland e Andrew Garfield.



Fonte: Sony Pictures,

“Homem-Aranha: Sem Volta para Casa” (Spider-Man: No Way Home, 2021) de Jon Watts, mostra como Peter Parker (Tom Holland) enfrenta um dos maiores desafios de sua vida. O filme começa logo após os eventos de “Homem-Aranha: Longe de Casa”, quando sua identidade como Homem-Aranha é revelada ao mundo. Isso traz um caos absoluto para sua vida e, mais importante, coloca em risco aqueles que ele mais ama MJ (Zendaya) e sua tia May (Marisa Tomei). Desesperado para reverter essa situação, Peter procura a ajuda do Doutor Estranho (Benedict Cumberbatch), pedindo que lance um feitiço que faça o mundo esquecer que ele é o Homem-Aranha. Contudo, as coisas não saem como esperado, e o feitiço acaba

rompendo as barreiras entre os multiversos, trazendo antigos vilões de diferentes realidades de volta para enfrentá-lo.

A narrativa de Peter, em muitos aspectos, ecoa a mensagem bíblica de que o caminho mais longo e difícil é frequentemente o caminho mais justo e nobre. Ao invés de procurar soluções rápidas e fáceis, como a sugerida por Doutor Estranho, que mandaria os vilões de volta para seus universos, porém os condenaria à morte, Peter se vê confrontado com a dura realidade de que ele precisa enfrentar as consequências de suas ações e lidar com os vilões que surgem, tentando dar uma segunda chance para eles, antes de os mandar para casa. Em Mateus, Jesus ensina que “[...] larga é a porta e espaçoso é o caminho que conduz à perdição, e são muitos os que entram por ela. Estreita é a porta e apertado é o caminho que conduz à vida, e são poucos os que o encontram.” (Bíblia [...], 2023. Mt. 7, 13-14, p. 1406). A decisão de Peter de tomar um caminho mais difícil, de enfrentar esses vilões e procurar sua redenção, ao invés de simplesmente livrar-se deles, ressoa profundamente com esse ensinamento. Ele escolhe a rota mais difícil, mas também a mais justa, demonstrando maturidade e crescimento moral, alinhando-se com a ideia de perseverar no bem.

Uma das grandes forças motrizes do filme é o retorno de vilões dos universos de Tobey Maguire e Andrew Garfield. Esses vilões trazem consigo um peso emocional e histórico significativo, não apenas para os fãs de longa data dos filmes anteriores, mas também para os próprios personagens. Em vez de simplesmente derrotar esses vilões, como seria esperado, Peter decide tentar curá-los, redimindo-os de seus destinos trágicos em seus respectivos universos. Essa ideia de redenção e reconciliação é profundamente cristã. Na Bíblia, vemos repetidamente Deus oferecendo uma segunda chance aos perdidos e caídos, conforme ilustrado na segunda carta do Apóstolo Paulo aos coríntios: “E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.” (Bíblia [...], 2023. Mt. 5, 17, p. 1690). Peter encarna essa visão cristã de redenção ao procurar transformar vilões, como Norman Osborn (Willem Dafoe) e Doutor Octavius (Alfred Molina), ao invés de destruí-los.

Tobey Maguire e Andrew Garfield também enfrentam seus próprios demônios e buscam redenção. Tobey, cujo Homem-Aranha foi traumatizado pela morte de

Norman Osborn em seu primeiro filme, tem a oportunidade de impedir que o jovem Peter cometa o mesmo erro. Quando o Homem-Aranha de Tom Holland está prestes a matar Osborn com seu próprio planador, Tobey intervém, segurando o planador e evitando o ato. Isso não só impede que Tom Holland sofra o mesmo destino emocional que ele, mas também concede a Tobey uma espécie de redenção pessoal. Em sua carta aos efésios, Paulo nos exorta a “que não haja no meio de vocês qualquer amargura, indignação, ira, gritaria e blasfêmia, bem como qualquer maldade.” e a perdoar “[...] uns aos outros, como também Deus, em Cristo, perdoou vocês.” (Bíblia [...], 2023. Ef. 4, 31-32, p. 1711). Tobey encarna isso, ao superar sua raiva e amargura e oferecer perdão, tanto a si quanto a Osborn, evitando a vingança.

Andrew Garfield também tem sua chance de redenção. Seu maior trauma como Homem-Aranha foi a perda de Gwen Stacy (Emma Stone), que ele não conseguiu salvar em “O Espetacular Homem-Aranha 2”. Quando MJ, a amada de Tom Holland, cai de uma altura semelhante, Andrew é quem consegue salvá-la. Esse momento é carregado de emoção, pois Andrew encontra finalmente a redenção e o fechamento que lhe foi negado anteriormente. Sua dor foi redimida através desse ato de heroísmo, que ecoa as promessas bíblicas de restauração: “Ele sara os que têm o coração quebrantado e trata das feridas deles”. (Bíblia [...], 2023. Sl. 147, 3, p. 919).

Figura 17- Homem-Aranha de Andrew Garfield emocionado a salvar MJ (Zendaya).



Fonte: Sony Pictures,

No final do filme, Peter enfrenta a escolha mais difícil de sua vida, permitir que o mundo esqueça completamente quem ele é, incluindo seus amigos mais queridos, para protegê-los. Ele sacrifica seu relacionamento com MJ e Ned (Jacob Batalon), renunciando a tudo que lhe é querido. Esse ato é o ápice do conceito de sacrifício, o qual é uma marca do herói cristão. João nos diz: “Ninguém tem maior amor do que este: de alguém dar a própria vida pelos seus amigos.” (Bíblia [...], 2023. Jo. 15, 13, p. 1577). Embora Peter não morra fisicamente, ele morre para o mundo ao ser completamente esquecido. O sacrifício de sua identidade, sua própria existência para o mundo, é um reflexo direto do sacrifício de Cristo na cruz, que entregou Sua vida para salvar a humanidade. Este autossacrifício também está em harmonia com o que diz Lucas, onde Jesus ensina: “[...] Se alguém quer vir após mim, negue a si, dia a dia tome a sua cruz e siga-me.” (Bíblia [...], 2023. Lc. 9, 23, p. 1509). Peter, ao negar a si e renunciar a seus relacionamentos e conforto, exemplifica essa autorrenúncia. Ele não apenas protege os que ama, mas se torna o verdadeiro “Amigo da Vizinhança”, um herói humilde e solitário, disposto a carregar o fardo de suas responsabilidades sozinho.

Outro tema fortemente cristão é a ideia de que os vilões, em vez de serem simplesmente derrotados ou mortos, recebem uma segunda chance de serem curados. Ao longo do filme, vemos Peter e os outros dois Homens-Aranha trabalham juntos não para destruir os vilões, mas para curá-los, oferecendo-lhes a chance de redenção. Isso reflete o princípio cristão de que ninguém está além da redenção e da graça divina. Mesmo os mais vilões dos personagens, Norman Osborn, Doutor Octavius, Homem Areia (Thomas Haden Church), Lagarto (Rhys Ifans) e Electro (Jamie Foxx), recebem uma oportunidade de serem transformados e redimidos. Isso ecoa a carta aos romanos, onde Paulo escreve: “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores.” (Bíblia [...], 2023. Ro. 5, 8, p. 1649). A escolha de Peter de salvar esses vilões ao invés de destruí-los é um lembrete poderoso da graça inesperada que Deus oferece à humanidade. Ele opta pelo caminho mais difícil, perdoadando e curando em vez de retribuir com violência. Este tema de transformação e redenção, em vez de vingança, reflete a missão de Cristo de restaurar os perdidos e dar-lhes uma nova vida.

No final, Peter se vê completamente sozinho. O feitiço de Doutor Estranho faz com que o mundo inteiro, incluindo MJ e Ned, esqueça quem ele é. Ele sacrifica sua identidade e seus relacionamentos para proteger aqueles que ama. Ao fazer isso, ele se torna o Homem-Aranha que conhecemos dos quadrinhos, um herói solitário, sem os recursos ou o apoio de figuras poderosas como Tony Stark ou Doutor Estranho. Ele agora está sozinho, precisando enfrentar as responsabilidades e os desafios de ser o Homem-Aranha sem o apoio de seus amigos ou mentores. Esse final não é apenas um signo, uma metáfora do sacrifício pessoal, mas também uma poderosa reflexão sobre o chamado cristão de seguir um caminho solitário de fé, mesmo quando isso significa renunciar a tudo o que se ama. “Quem perde a vida por minha causa, esse a achará” (Bíblia [...], 2023. Mt. 10, 39, p. 1413). Ao perder tudo, Peter encontra sua verdadeira identidade como o Homem-Aranha, agora preparado para enfrentar o mundo por conta própria.

“Homem-Aranha: Sem Volta para Casa” é muito mais do que um filme de super-heróis. É uma poderosa história sobre sacrifício, redenção e a escolha de trilhar o caminho mais difícil. Os paralelos cristãos são claros ao longo de toda a trama. Peter Parker, como Cristo, sacrifica tudo, sua identidade, seus relacionamentos, seu conforto, para proteger aqueles que ama. Ao fazer isso, ele não apenas salva seus amigos, mas também oferece uma segunda chance aos vilões de se redimirem e encontrarem a cura. A mensagem de autossacrifício e redenção está no centro da narrativa cristã, e esse filme a incorpora brilhantemente. Através da dor e da perda, Peter Parker se torna o herói que nasceu para ser, um reflexo do chamado cristão de negar a si e seguir o caminho da cruz. É muito interessante pensar que a frase tão icônica do herói, “Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”, escrita por Stan Lee nos anos 60, está registrada no livro de Mateus que foi escrito a mais de 2 mil anos atrás: “[...] Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão.” (Bíblia [...], 2023. Lc. 12, 48, p. 1519).

5. Considerações Finais

Este trabalho revelou que o cinema, enquanto produto cultural e ferramenta pedagógica, possui uma riqueza de possibilidades para o ensino religioso. Ao longo do estudo, ficou evidente que filmes, especialmente os da cultura de massa, podem ir além do mero entretenimento e se transformar em veículos para reflexões espirituais e éticas. Contudo, é essencial abordar esses filmes com uma consciência crítica, assim como Horkheimer e Adorno deixam claro, esses filmes também carregam intenções comerciais claras. Filmes blockbusters, como os analisados neste projeto, procuram principalmente o lucro, sendo formatados para agradar ao maior público possível. Mesmo assim, sua popularidade e alcance os tornam uma plataforma poderosa para explorar valores e ensinamentos religiosos, desde que o espectador esteja atento às intenções e às mensagens que podem ser extraídas dessas obras.

A análise de “A Paixão de Cristo” destacou essa dualidade. Embora seja um filme profundamente impactante e imersivo, ele é, antes de tudo, uma releitura de Mel Gibson sobre os eventos narrados nos evangelhos. Não se trata de um relato histórico exato, mas de uma visão subjetiva, moldada por escolhas artísticas, culturais e pessoais do diretor. A própria linguagem do filme, ao optar por diálogos em aramaico e latim, já é uma camada de interpretação que distancia o espectador do texto bíblico original. Quando assistimos a um filme dublado ou legendado, novas nuances e interpretações são adicionadas, e isso altera significativamente como o conteúdo é percebido. Isso demonstra que o cinema, como qualquer arte, é um meio de releituras contínuas, e cabe ao espectador reconhecer essas camadas para construir sua própria visão crítica. Filmes como “As Crônicas de Nárnia” e “Mãe!” trouxeram uma riqueza enorme a pesquisa, por serem filmes já abertamente alegóricos desde sua concepção, facilitando demais a toda a sua análise e a análise dos filmes seguintes.

Um aspecto interessante levantado foi o papel que o cinema pode desempenhar como uma moderna “Bíblia Pauperum” ou “Bíblia dos Pobres”. Na Idade Média, as representações visuais, como os vitrais e as ilustrações da Bíblia Pauperum, eram utilizadas para transmitir os ensinamentos bíblicos àqueles que não tinham acesso direto às Escrituras. Analogamente, o cinema, com sua combinação de

narrativa, imagem e som, possibilita que o público moderno acesse ensinamentos religiosos de uma maneira intuitiva e envolvente, alcançando até mesmo aqueles que estão distantes das tradições religiosas formais. Filmes religiosos podem, assim, servir como uma ponte que aproxima o público da espiritualidade de uma forma acessível e relevante para o contexto atual, assim como feito nos Clubes de Cinema no meio do século passado.

Um dos aprendizados mais valiosos deste trabalho foi perceber que, ao buscar intencionalmente um olhar cristão sobre os filmes, esse olhar se torna cada vez mais natural. A experiência com a trilogia em animação “Kung Fu Panda” foi especialmente marcante nesse sentido. Uma obra que à primeira vista parece ser apenas uma animação leve, voltada para o público infantil e sem relação direta com questões espirituais, revelou temas profundos como autodescoberta, sacrifício e a aceitação de si. Esse processo mostrou que, com a abordagem correta, qualquer filme pode ser um ponto de partida para reflexões cristãs. Se é possível enxergar valores espirituais em uma história de artes marciais animada, por que não em outros filmes da cultura de massa? Nesse contexto, a visão de Umberto Eco sobre a cultura de massa foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho. A ideia de que existe um terceiro caminho, entre os apocalípticos que rejeitam a cultura de massa e os integrados que a consomem sem crítica, é inspiradora. Este trabalho percorreu esse terceiro caminho, consumir filmes da cultura de massa, mas com um olhar crítico que permite extrair deles ensinamentos cristãos e valores morais. A perspectiva de Eco convida a um equilíbrio, onde o cinema é visto como um reflexo de nossa sociedade e também como uma oportunidade para diálogos significativos sobre espiritualidade e ética.

Como esse trabalho é escrito por um futuro educador, a influência deste foi transformadora. O trabalho ensinou a olhar para tudo ao meu redor com os olhos de um professor, sempre se perguntando: “Como eu posso ensinar isso que estou vendo agora?” Essa mudança de perspectiva não se limita ao cinema, mas abrange a vida cotidiana. Cada experiência pode se tornar uma oportunidade de aprendizado, e cada narrativa, uma possibilidade de diálogo. A educação religiosa ganha uma nova dimensão quando incorporamos o cinema, ao conectar a fé a uma linguagem, amplamente compreendida pelas novas gerações. Filmes como “O Evangelho

Segundo São Mateus⁷ ou “A Palavra”⁸, que possuem uma abordagem mais artística e nichada, e produções do MCU⁹, que alcançam milhões de espectadores, têm papéis complementares nesse cenário. Ambos podem ser usados para inspirar e educar, dependendo do contexto e do público. Além disso, este trabalho nos tornou mais críticos em relação ao que consumo. Antes, víamos os filmes como produtos destinados apenas a entreter e formar massas consumidoras. Hoje, percebemos que, mesmo em um contexto de lucro e massificação, há espaço para reinterpretar essas obras significativamente. O cinema deixa de ser apenas um espetáculo visual e se transforma em uma ponte para reflexões profundas e transformadoras. Por outro lado, a análise de Horkheimer e Adorno trouxe um alerta necessário sobre a padronização da indústria cultural. A fórmula dos blockbusters, com sua repetição de temas e personagens facilmente identificáveis, pode levar à superficialidade e à homogeneização do pensamento. No entanto, ao abordar essas obras com intencionalidade pedagógica, é possível romper com essa lógica e transformá-las em instrumentos de aprendizado. “A Paixão de Cristo”, por exemplo, mesmo sendo uma releitura gráfica e intensa, pode ser usada para ensinar sobre o sacrifício de Cristo, desde que o espectador compreenda que aquilo é uma visão particular de um diretor e não uma reprodução literal dos fatos.

O cinema já tem sido usado como recurso poderoso no ensino religioso, como visto no Guia Metodológico de Johnni Langer, com o Editorial de Frederico Pieper (2022) ou com a dupla Iuri Andréas Reblin e Remí Klein (2013), assim como já é muito utilizado em outras áreas da educação, como no ensino de geografia, Lucineide Santos Avelino Mol (2015) em seu trabalho e o grupo de pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (2015), nos mostram o quanto o cinema pode ser usado dentro de todas as esferas do ensino. Seu impacto vai além da sala de aula, pois o que é aprendido através das experiências cinematográficas pode ser aplicado em outras esferas da vida. Ao representar de forma visual e envolvente valores e dilemas fundamentais da fé cristã, o cinema convida os espectadores a uma

⁷ Filme escrito e dirigido pelo cineasta italiano Pier Paolo Pasolini em 1964, que ganhou o Prêmio Especial do Júri no Festival de Veneza do mesmo ano.

⁸ Filme escrito e dirigido pelo cineasta dinamarquês Carl Theodor Dreyer em 1955, que ganhou o Leão de Ouro e o Globo de Ouro de Melhor Filme Estrangeiro do mesmo ano.

⁹ Universo Cinematográfico da Marvel é uma franquia de filmes e séries interconectados baseados nos personagens da Marvel Comics. Criado em 2008 com “Homem de Ferro”, o MCU combina histórias individuais e narrativas épicas em um universo compartilhado. É conhecido por seu impacto cultural e sucesso global.

jornada reflexiva que fortalece a sua compreensão e vivência da espiritualidade. Por fim, é necessário reconhecer que a utilização do cinema como ferramenta pedagógica no ensino religioso é um campo promissor e em constante expansão. Com a evolução das mídias e a crescente produção de filmes que abordam temas espirituais, as oportunidades para integrar o cinema à educação religiosa continuarão a crescer. Que este estudo sirva como incentivo para que educadores, acadêmicos e profissionais da área explorem cada vez mais as possibilidades dessa mídia, buscando não apenas transmitir conhecimento, mas fomentar uma experiência rica, crítica e transformadora para os estudantes.

A conclusão prática deste trabalho é que o cinema é, sim, uma ferramenta didático-pedagógica eficaz no ensino religioso. Ele permite que os valores e ensinamentos cristãos sejam transmitidos de forma visual, emocional e acessível. Filmes como “Kung Fu Panda” ou grandes blockbusters como “Homem-Aranha: Sem Volta para Casa”, que aparentemente não têm nenhuma ligação com a fé cristã, podem ser usados para discutir conceitos como propósito e transformação pessoal. Por outro lado, obras explicitamente cristãs, como “A Paixão de Cristo” ou “Deus Não Está Morto”, oferecem uma experiência visceral que ajuda o espectador a refletir sobre a profundidade do sacrifício de Jesus. Por fim, ao refletir sobre o impacto deste trabalho, reconhece-se que ele trouxe uma nova visão sobre o cinema e sobre a própria criação humana. O texto de Paulo aos colossenses afirma: “Pois nele foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele tudo subsiste.” (Bíblia [...], 2023. Col 1, 16-17, p. 1719). Essa passagem nos lembra que toda a criação, incluindo o cinema, está sob a soberania de Jesus. Assim como a arte reflete a criatividade do ser humano, ela também aponta para a glória de Deus. O cinema, com sua capacidade de contar histórias que conectam o público a emoções e valores universais, pode ser uma expressão dessa criatividade divina. Portanto, encerramos este trabalho com uma convicção renovada, o cinema é uma linguagem que reflete as inquietações, os sonhos e as buscas da humanidade. Ele pode ser um meio de nos aproximar de Deus, de compreender melhor o mundo e de ensinar valores que transcendem o tempo. Cabe a nós, educadores e espectadores, olhar para essas

obras com intencionalidade e consciência, transformando-as em pontes que ligam a cultura contemporânea à fé em Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

AS CRÔNICAS de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupas. Direção: Andrew Adamson. Produção de Mark Johnson e Phillip Steur. Reino Unido e EUA: Walt Disney Pictures, 2005. Streaming Disney+ (143 min.), son., color., Dublado Pt-Br.

AQUINO, Josefa Eliane, NASCIMENTO, Robson Renato Sales, SILVA, José Ismael, SILVA, Vandygna Emiliana Chaves, SILVA & Cícero Nilton Moreira. **O Cinema como Instrumento Didático-Pedagógico no Ensino de Geografia.** Rio Grande do Norte, II CONEDU: Congresso Nacional de Educação, Ano 2015. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2015/TRABALHO_EV045_MD1_SA5_ID4901_15082015081522.pdf Acesso 19/06/2024

A PAIXÃO de Cristo. Direção: Mel Gibson. Produção de Bruce Davey, Mel Gibson e Stephen McEveety. EUA: Newmarket Films e Alliance Atlantis, 2004. Streaming Amazon Prime Video (126 min.), son., color., Legendado Pt-Br.

BÍBLIA TRILÍNGUE. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil. ISBN 9788531117251 NAA/ESV/RVC6 - 5.000 - SBB. Ano 2023.

DEUS Não Está Morto. Direção: Harold Cronk. Produção de Michael Scott, Russell Wolfe e Anna Zielinsk. EUA: Pure Flix e Graça Filmes, 2014. Streaming HBO Max (113 min.), son., color., Legendado Pt-Br.

ECO, Umberto. **APOCALÍPTICOS E INTEGRADOS.** São Paulo: Editora Perspectiva S.A. Ano 2008

HOMEM-Aranha: Sem Volta para Casa. Direção: Jon Watts. Produção de Kevin Feige e Amy Pascal. EUA: Sony Pictures Releasing, 2021. Streaming Amazon Prime Video (148 min.), son., color., Dublado Pt-Br.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. **A INDÚSTRIA CULTURAL: O ILUMINISMO COMO MISTIFICAÇÃO DE MASSAS.** Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p. Disponível em: [file:///C:/Users/Dionathan/Downloads/ADORNO%20\(1\)_230905_214049.pdf](file:///C:/Users/Dionathan/Downloads/ADORNO%20(1)_230905_214049.pdf)

KUNG Fu Panda. Direção: Mark Osborne e John Stevenson. Produção de Melissa Cobb. EUA: Paramount Pictures, 2008. Streaming Globoplay Canal Telecine (92 min.), son., color., Dublado Pt-Br.

KUNG Fu Panda 2. Direção: Jennifer Yuh Nelson. Produção de Melissa Cobb. EUA: Paramount Pictures, 2011. Streaming Globoplay Canal Telecine (91 min.), son., color., Dublado Pt-Br.

KUNG Fu Panda 3. Direção: Jennifer Yuh Nelson e Alessandro Carloni. Produção de Melissa Cobb. China e EUA: 20th Century Fox, 2016. Streaming Globoplay Canal Telecine (95 min.), son., color., Dublado Pt-Br.

LANGER, Johnni. **Cinema, Religião e Ensino: Guia Metodológico.** NEVE: Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos. Disponível em: https://www.academia.edu/35181288/CINEMA_RELIGI%C3%83O_E_ENSINO_GUIA_METODOL%C3%93GICO Acesso 25/06/2024

LUNARDELLI, Fatimarlei. **QUANDO ÉRAMOS JOVENS: HISTÓRIA DO CLUBE DE CINEMA DE PORTO ALEGRE.** Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. ISBN 85-7025-558-6. Ano 2000.

MÃE! Direção: Darren Aronofsky. Produção de Darren Aronofsky, Scott Franklin e Ari Handel. EUA: Paramount Pictures, 2017. Streaming Amazon Prime Video (115 min.), son., color., Legendado Pt-Br.

MOL, Lucineide Santos Avelino. **Filmes: Instrumentos de Mediação Pedagógica no Processo Ensino-Aprendizagem.** Brasília, Universidade de Brasília, Ano 2015. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16856/1/2015_LucineideSantosMol_tcc.pdf Acesso 19/06/2024

PIEPER, Frederico. **EDITORIAL Religião e Cinema.** Belo Horizonte, Horizonte PUC Minas, v. 20, n. 61, e206102, jan./abr. 2022 – ISSN 2175-5841 Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/30378/20697> Acesso 25/06/2024

REBLIN, Iuri Andréas & Klein, Remi. **Quando a Religião se faz Arte e Educação: Interfaces com o Imaginário e Possibilidades de Trabalho com o Cinema no Ensino Religioso.** Rio Grande do Sul, Faculdades EST-RS Religare 10 (2), 121-131, setembro de 2013 Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/17476/9975> Acesso 25/06/2024